

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*de guerra*

*Alexandre Herculano | Villiers de L'Isle-Adam | Rudyard Kipling |  
William Carlos Williams | Andrei Platónov | Graham Greene |  
José Martins Garcia | Giuseppe Pontiggia |*

*Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente*

Fora de Série

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Fora de série Julho de 2004

*Ficções*

*ficcoes@ficcoes.net*

*www.ficcoes.net*

Apartado 23346

1171-801 Lisboa

*Direcção*

Luísa Costa Gomes

*Produção*

José Lima

*Capa e orientação gráfica*

Jorge Silva

*Impressão*

Manuel A. Pacheco, Lda - Lisboa

*Distribuição*

Sodilivros

*Tiragem*

1800 exemplares

*Depósito Legal*

182179/02

*Edição*

Tinta Permanente

*tintapermanente@mail.pt*

*Administração*

Empresa de Palavras

Av. Igreja, 9 – 3º Esq.

1700-230 Lisboa

Tel. 296 628 135

© *Ficções* 2004

## *Índice*

- 5 Alexandre Herculano *A morte do Lídador*
- 25 Villiers de L'Isle-Adam *Narrativa sombria,  
mais sombrio narrador*
- 39 Rudyard Kipling *Mary Postgate*
- 65 William Carlos Williams *O uso da força*
- 73 Andrei Platónov *O regresso*
- 111 Graham Greene *Os destruidores*
- 135 José Martins Garcia *Performance*
- 167 Giuseppe Pontiggia *A bengala de mogno*



Alexandre Herculano

*A morte do Lيدador*

**Alexandre Herculano** (1810-1877) foi historiador, poeta e romancista. Com Almeida Garrett, é um dos iniciadores do Romantismo em Portugal. Descendente de pedreiros e mestres-de-obras, Herculano era filho de um pequeno funcionário da Fazenda, não tendo podido seguir estudos na Universidade. Autodidacta, seguiu o Curso de Humanidades da Congregação do Oratório e estudou Paleografia na Torre do Tombo, aprendendo sozinho Inglês e Alemão. Simpatizante das ideias liberais, conspira contra o regime miguelista e, para escapar à força, emigra para Inglaterra em 1831, vindo a integrar, mais tarde, a expedição dos 7500, comandada por D. Pedro. Combate no cerco do Porto. Em 1833 entra para a Biblioteca Pública do Porto como segundo-bibliotecário municipal, mas demite-se depois da Revolução de Setembro. Publica *A Voz do Profeta* (1836), *A Harpa do Crente* (1838), procurando combater o absolutismo e o setembrismo. Em Lisboa, dirige a revista *O Panorama* e em 1839 é nomeado Bibliotecário-Mor das Bibliotecas da Ajuda e das Necessidades. Escreve vários romances históricos: *Eurico, o Presbítero* (1844), *O Monge de Cister* (1848), *O Bobo*. Em 1846, publica o primeiro volume da sua *História de Portugal*. Após vinte anos de trabalho, Herculano deixa o cargo de bibliotecário da Ajuda e compra a quinta de Vale de Lobos, a seis quilómetros de Santarém, onde se torna lavrador. O conto que incluímos, o estrepitoso *A Morte do Lidador*, encontra--se no segundo volume das *Lendas e Narrativas* (1851).

– Pajens! que arreiem o meu ginete murzelo; e vós dai-me o meu lorigão de malha de ferro e a minha boa toledana. Senhores cavaleiros, hoje contam-se noventa e cinco anos que recebi o baptismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavaleiro, e quero celebrar tal dia fazendo uma entrada por terras da frontaria dos Mouros.

Isto dizia na sala de armas do castelo de Beja Gonçalo Mendes da Maia, a quem, pelas muitas batalhas que pelejara e por seu valor indomável, chamavam o Lidador. Afonso Henriques, depois do infeliz sucesso de Badajoz, e feitas pazes com el-rei de Leão, o nomeara fronteiro da cidade de Beja, de pouco tempo conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egas Moniz, estavam com ele, e outros muitos cavaleiros afamados, entre os quais D. Ligel de Flandres e Mem Moniz, tio dos quatro Viegas.

– A la fé – disse Mem Moniz, – que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será mais de mancebo

cavaleiro que de capitão encanecido e prudente. Deu-vos el-rei esta frontaria de Beja para bem a haverdes de guardar, e não sei eu se arriscado é sair hoje à campanha, que dizem os escutas, chegados ao romper da alva, que o famoso Almoleimar corre por estes arredores com dez vezes mais lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta sala de armas.

— Voto a Cristo — atalhou o Lidador, — que não cria eu que o senhor rei me houvesse posto nesta torre de Beja para estar assentado à lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de quando em quando por uma seteira se cavaleiros mouros vinham correr até a barbacã, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre de menagem, como usam os vilãos. Quem achar que são duros de mais os arneses dos infieis pode ficar-se aqui.

“Bem dito! bem dito!”, exclamaram, dando grandes risadas, os cavaleiros mancebos.

— Por minha boa espada! — gritou Mem Moniz, atirando o guante ferrado às lájeas do pavimento, — que mente pela gorja quem disser que eu ficarei aqui, havendo dentro de dez léguas em redor lide com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar em vosso ginete, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca.

“A cavalo, a cavalo!”, gritou outra vez a chusma, com grande alarida.

Dali a pouco, ouvia-se o retumbar dos sapatos de ferro de muitos cavaleiros descendo os degraus de mármore da torre de Beja e, passados alguns instantes, soava só o tropear dos cavalos, atravessando a ponte levadiça das fortificações exteriores que davam para a

banda da campanha por onde costumava aparecer a mourisma.

2

Era um dia do mês de Julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silêncio dentro da cerca de Beja: batia o sol nas pedras esbranquiçadas dos muros e torres que a defendiam: ao longe, pelas imensas campinas que avizinham o teso sobre que a povoação está assentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agarenos para seus novos senhores cristãos. Regados por lágrimas de escravos tinham sido esses campos, quando em formoso dia de Inverno os sulcou o ferro do arado; por lágrimas de servos seriam outra vez humedecidos, quando, no mês de Julho, a paveia, cerceada pela foice, pendesse sobre a mão do ceifeiro: coro de amargura havia aí, como, cinco séculos antes, o houvera: então de cristãos conquistados, hoje de mouros vencidos. A Cruz hasteava-se outra vez sobre o crescente quebrado; os coruchéus das mesquitas convertiam-se em campanários de sés, e a voz do almuadem trocava-se por toada de sinos, que chamavam à oração entendida por Deus.

Era esta a resposta dada pela raça goda aos filhos de África e do Oriente, que diziam, mostrando os alfanges: «É nossa a terra de Espanha.» O dito árabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito séculos a escrever-se. Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra dela nos cerros das Astúrias; a última gravaram-na Fernando e Isabel, com os pelouros de suas bombardas, nos panos das muralhas da formosa Granada: e a esta escritura, estampada em alcantis de

montanhas, em campos de batalha, nos portais e torres dos templos, nos lanços dos muros das cidades e castelos, acrescentou no fim a mão da Providência: «Assim para todo o sempre!»

Nesta luta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alentejo. O servo mouro olhava todos os dias para o horizonte, onde se enxergavam as serranias do Algarve: de lá esperava ele salvação ou, ao menos, vingança; ao menos, um dia de combate e corpos de cristãos estirados na veiga para pasto dos açores bravios. A vista do sangue enxugava-lhes por algumas horas as lágrimas, embora os valentes de África houvessem de fugir vencidos; embora as aves de rapina tivessem, também, abundante ceva em cadáveres de seus irmãos! E este ameno dia de Julho devia ser um desses dias por que suspirava o servo ismaelita.

Almoleimar descera com os seus cavaleiros às campinas de Beja. Pelas horas mortas da noite, viam-se as almenaras das suas atalaias nos píncaros das serras remotas, semelhantes às luzinhas que em descampados e tremedais acendem as bruxas em noites de seus folguedos: bem longe estavam as almenaras, mas bem perto sentiam os escutas o resfolegar e o tropear de cavalos, e o ranger de folhas secas, e o tinir a espaços de alfange batendo em ferro de caneleira ou de coxote. Ao romper da alva, os cavaleiros do Lidador saíam mais de dois tiros de besta além das velhas muralhas de Beja; tudo porém estava em silêncio, e só, aqui e ali, as searas calcadas davam rebate de que por aqueles sítios tinham vagueado almogaures mouros, como o leão do deserto rodeia, pelo quarto de modorra, as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gonçalo Mendes da Maia, o velho fronteiro de Beja, cumpria os noventa e cinco anos, ninguém saíra, pelo arrebol da manhã, a correr o campo; e, todavia, nunca tão de perto chegara Almoleimar; porque uma frecha fora pregada à mão em um grosso soveiro que sombreava uma fonte, a pouco mais de tiro de funda dos muros do castelo. Era que nesse dia deviam ir mais longe os cavaleiros cristãos: o Lidador pedira aos pajens o seu lorigão de malha de ferro e a sua boa toledana.

3

Trinta fidalgos, flor da cavalaria, corriam à rédea solta pelas campinas de Beja; trinta, não mais, eram eles; mas orçavam por trezentos os homens de armas, escudeiros e pajens que os acompanhavam. Entre todos avultavam em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam, como flocos de neve, sobre o peitoral da cota de armas, e o terrível Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes da sua espada, chamavam o Espadeiro. Eram formoso espectáculo o esvoaçar dos balções e signas, fora de suas fundas e soltos ao vento, o cintilar das cervilheiras, as cores variegadas das cotas, e as ondas de pó que se alevantavam debaixo dos pés dos ginetes, como se alevanta o bulcão de Deus, varrendo a face da campina ressequida, em tarde ardente de Verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja, vai a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto

os cavaleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alvejam ao longe sobre um cavalo murzelo. Os corredores cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-nos em breve; entram pelos canaviais dos ribeiros; aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro: mas, no meio de tal lidar, apenas se ouvem o trote compassado dos ginetes e o grito monótono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já de mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavaleiros portugueses soubessem olhar para trás, indo em som de guerra, os que para trás de si os volvessem a custo enxergariam Beja. Bastos pinhais começavam já a cobrir mais crespo território, cujos outeirinhos, aqui e ali, se alteavam suaves, como seio de virgem em viço de mocidade. Pelas faces tostadas dos cavaleiros cobertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de espuma as redes de ferro acaireladas de ouro que os defendiam. A um sinal do Lidador, a cavalgada parou; era necessário repousar, que o Sol ia no zénite e abrasava a terra: descavalgaram todos à sombra de um azinhal e, sem desenfrear os cavalos, deixaram-nos pascer alguma relva que crescia nas bordas de um arroio vizinho.

Tinha passado meia hora: por mandado do velho fronteiro de Beja um almogávar montou a cavalo e aproximou-se à rédea solta de uma selva extensa que corria à mão direita: pouco, porém, correu; uma frecha despedida dos bosques sibilou no ar: o almogávar gritou por Jesus: a frecha tinha-se-lhe embebido no lado; o cavalo parou de repente, e ele, erguendo os braços ao

ar, com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado através das veigas e desapareceu na selva. O almogávar dormia o último sono dos valentes em terra de inimigos, e os cavaleiros da frontaria de Beja viram o seu trance do repousar eterno.

“A cavalo! a cavalo!” – bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou unísono, quando todos os cavaleiros cavalgaram de um pulo; e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Grita medonha troou ao mesmo tempo, além do pinhal da direita. «Allah! Almoleimar!» – era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavaleiros árabes saíram à rédea solta detrás da escura selva que os encobria: o seu número excedia cinco vezes o dos soldados da Cruz; as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos cristãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal; mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gótico-romana iam, ainda mais uma vez, provar-se com a destreza e com a perícia árabes.

4

Como longa fita de muitas cores, recamada de fios de ouro e reflectindo mil acidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavaleiros mouros sobressaía na veiga entre as searas pálidas que cobriam o campo. Defronte

deles, os trinta cavaleiros portugueses, com trezentos homens de armas, pajens e escudeiros, cobertos dos seus escuros envoltórios, e lanças em riste, esperavam o brado de acometer. Quem visse aquele punhado de cristãos, diante da cópia de infiéis que os esperavam, diria que, não com brios de cavaleiros, mas com fervor de mártires, se ofereciam a desesperado trance. Porém, não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a têmpera das espadas e lanças portuguesas e a rijeza dos braços que as meneavam. De um contra dez devia ser o iminente combate; mas, se havia aí algum coração que batesse descompassado, algumas faces descoradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coração batia ou que tais faces descoravam.

Pouco a pouco, a planura que separava as duas hostes tinha-se embebido debaixo dos pés dos cavalos, como no tórculo se embebe a folha de papel saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas: o Lidador bradara Sant'Iago, e o nome de Allah soara em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, balouçadas por violento terramoto, desabando, não fariam mais ruído, ao bater em pedaços uma contra a outra, que este encontro de infiéis e cristãos. As lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam deles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro muitos cavaleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas e traspassou o peito com o ferro de sua grossa lança. Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto dele estava:

— Senhor Gonçalo Mendes, ali tendes, no peito daquele perro, aberta a seteira por onde eu, velha dona assentada à lareira, costume vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcateia de vilãos, do cimo da torre de menagem.

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz referia as últimas palavras, ele topara em cheio com o terrível Almoleimar. As lanças dos dois contendores haviam-se feito pedaços, e o alfange do mouro cruzou-se com a boa toledana do fronteiro de Beja.

Como duas torres de sete séculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavalos: as faces pálidas e enrugados do Lidador tinham ganhado a imobilidade que dá, nos grandes perigos, o hábito de os afrontar; mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os sinais de um valor colérico e impetuoso. Cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversário: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfange se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu, faiscando, pelo coxote do mouro, que já desencravarara o alfange.

Tal foi a primeira saudação dos dois cavaleiros inimigos.

“Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnês. Veremos agora se na tua touca de ferro se embotam os fios deste alfange.”

Isto disse Almoleimar, dando uma risada, e a cimitarra bateu em cima da cervilheira do Lidador, com a mesma violência com que bate no fundo do vale

penedo desconforme desprendido do píncaro da montanha.

O fronteiro vacilou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-ia caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavaleiro por uma cadeia de ferro. O ginete, sentindo as rédeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha, a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si: uma forte sofreada avisou o ginete de que o seu senhor não morrera. À rédea solta, lá volta o fronteiro de Beja: escorre-lhe o sangue, envolto em espuma, pelos cantos da boca; traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre os cristãos e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziram no ar; mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu à violenta estocada; e o sangue, saindo às golfadas, cortou a última maldição do agareno.

Mas a espada deste também não errara o golpe: vibrada com ânsia, colhera pelo ombro esquerdo o velho fronteiro e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue árabe.

“Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira.”

E, dizendo isto, o Lidador caiu amortecido: um dos seus homens de armas voou a socorrê-lo; mas o último golpe de Almoleimar fora o brado da sepultura para o fronteiro de Beja: os ossos do ombro do bom velho

estavam como trituraços, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e outro lado envoltas nas malhas descosidas do lorigão.

5

Entretanto os Mouros iam de vencida: Mem Moniz, D. Ligel, Godinho Fafes, Gomes Mendes Gedeão e os outros cavaleiros daquela lustrosa companhia tinham praticado maravilhosas façanhas. Mas, entre todos, tornava-se notável o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, coberto de pó, suor e sangue, pelejava a pé; que o seu agigantado ginete caíra morto de muitos tiros de frechas e lançadas. De roda dele não se viam senão cadáveres e membros destroncados, por cima dos quais trepavam, para logo recuarem ou baquearem no chão, os mais ousados cavaleiros árabes. Como um promontório de escarpados alcantis, Lourenço Viegas estava imóvel e sobranceiro no meio do embate daquelas vagas de pelejadores, que vinham desfazer-se contra o terrível montante do filho de Egas Moniz.

Quando o fronteiro caiu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes pelejavam ainda à roda do seu capitão moribundo. O Lidador, esse tinha sido posto em cima de umas andas, feitas de troncos e franças de árvores, e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que consigo trouxera, o haviam transportado para a saga da cavalgada. O tinir dos golpes era já muito frouxo e sumia-se no som dos gemidos, pragas e lamentos que soltavam os feridos derramados pela veiga ensanguentada. Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e dano, a vitória

não saíra barata aos portugueses. Viam perigosamente ferido o seu velho capitão, e tinham perdido alguns cavaleiros de conta e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pajens.

Foi neste ponto que, ao longe, se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rápida para o lugar da peleja. Mais perto, aquele turbilhão rareou, vomitando do seio um basto esquadrão de árabes. Os mouros que fugiam deram volta e gritaram:

“Ali-Abu-Hassan! Só Deus é Deus, e Mohammed o seu profeta!”

Era, com efeito, Ali-Abu-Hassan, rei de Tânger, que estava com seu exército sobre Mértola e que viera com mil cavaleiros em socorro de Almoleimar.

6

Cansados do largo combater, reduzidos a menos de metade em número e cobertos de feridas, os cavaleiros de Cristo invocaram o seu nome e fizeram o sinal-da-cruz. O Lidador perguntou com voz fraca a um pajem que estava ao pé das andas que nova revolta era aquela.

— Os mouros foram socorridos por um grosso esquadrão — respondeu tristemente o pajem. — A Virgem Maria nos acuda, que os senhores cavaleiros parece recuarem já.

O Lidador cerrou os dentes com força e levou a mão à cinta. Buscava a sua boa toledana.

— Pajem, quero um cavalo. Onde está a minha espada?

— Aqui a tenho, senhor. Mas estais tão quebrado de forças!...

– Silêncio! A espada, e um bom ginete.

O pajem deu-lhe a espada e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com ele, o Lidador, pálido e coberto de sangue, estava em pé e dizia, falando consigo:

«Por Sant'Iago, que não morrerei como vilão de beetria onde entrou cavalgada de mouros!»

E o pajem ajudou-o a montar a cavalo.

Ei-lo vai o velho fronteiro de Beja! Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de finados: debaixo dos muitos panos que lhe envolviam o braço e o ombro esquerdo levava a própria morte; nos fios da espada, que a mão direita mal sustinha, levava, porventura, ainda a morte de muitos outros!

7

Para onde mais travada e acesa andava a peleja se encaminhou o Lidador. Os cristãos afrouxavam diante daquela multidão de infiéis, entre os quais mal se enxergavam as cruzes vermelhas pintadas nas cimeiras dos portugueses. Dois cavaleiros, porém, com vulto feroz, os olhos turvados de cólera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o peso da batalha. Eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o fronteiro assim os viu oferecidos a certa morte, algumas lágrimas lhe caíram pelas faces, e, esporeando o ginete, com a espada erguida, abriu caminho por entre infiéis e cristãos e chegou aonde os dois, cada um com seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

– Bem-vindo, Gonçalo Mendes! – disse Mem Moniz.  
– Quiseste assistir connosco a esta festa de morte?

Vergonha era, de feito, que estivesse fazendo teu passamento, com todo o repouso, deitado lá na saga, enquanto eu, velha dona, espreito os mouros com meu sobrinho junto desta lareira...

– Implacáveis sois vós outros, cavaleiros de Ribadouro – respondeu o Lidador em voz sumida, – que não perdoais uma palavra sem malícia. Lembra-te Mem Moniz de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz.

– Velhos sois; bem o mostrais! – acudiu o Espadeiro. – Não cureis de vãs porfias, mas de morrer como valentes. Dêmos nestes perros, que não ousam chegar-se a nós. Avante, e Sant'Iago!

“Avante, e Sant'Iago!”, responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: e os três cavaleiros deram rijamente nos Mouros.

8

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mês de Julho de 1170 se deram na veiga da frontaria de Beja, notá-los-á de fábulas sonhadas; porque nós, homens corruptos e enfraquecidos por ócios e prazeres de vida afeminada, medimos por nosso ânimo e forças as forças e o ânimo dos bons cavaleiros portugueses do século XII; e todavia, esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e crónicas, tanto cristãs como agarenas.

Depois de deixar assinadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrara pela última vez a espada e abrira o elmo e o crânio de um cavaleiro árabe. O violento abalo que experimentou fez-lhe rebentar em torrentes o sangue da ferida que recebera das mãos de

Almoleimar e, cerrando os olhos, caiu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz e de Afonso Hermigues de Baião, que com eles se ajuntara. Repousou, finalmente, Gonçalo Mendes da Maia de oitenta anos de combates!

Já a este tempo cristãos e mouros se haviam descido dos cavalos e pelejavam a pé. Traziam-se assim à vontade, e recrescia a crueza da batalha. Entre os cavaleiros de Beja espalhou-se logo a nova da morte do seu capitão, e não houve ali olhos que ficassem enxutos. O despeito do próprio Mem Moniz deu lugar à dor, e o velho de Ribadouro exclamou entre soluços:

— Gonçalo Mendes, és morto! Nós todos quantos aqui somos, não tardará que te sigamos; mas ao menos, nem tu, nem nós ficaremos sem vingança!

— Vingança! — bradou o Espadeiro, com voz rouca, e rangendo os dentes. Deu alguns passos, e viu-se o seu montante reluzir, como uma centelha em céu proceloso.

Era Ali-Abu-Hassan: Lourenço Viegas o conhecera pelo timbre real do morrião.

9

Se já vivestes vida de combates em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto negro, que em linha diagonal corta os ares, sussurrando e gemendo. Rápido, como um pensamento criminoso em alma honesta, ele chegou das nuvens à terra, antes que vos lembrásseis do seu nome. Se encontrou na passagem ângulo de torre secular, o mármore converte-se em pó; se atravessou, pelas ramas de árvore basta e frondosa, a folha mais virente e frágil, o raminho mais tenro é dividido, como se, com cutelo subtilíssimo, mão de homem lhe houvera

cerceado atentamente uma parte; e, todavia, não é um ferro açacalado: é um globo de ferro; é a bomba, que passa, como a maldição de Deus. Depois, debaixo dela, o chão achata-se, e a terra espadana aos ares; e, como agitada, despedaçada por cem mil demónios, aquela máquina do inferno estoira, e de roda dela há um zumbir sinistro: são mil fragmentos; são mil mortes que se derramam ao longe. Então faz-se um grande silêncio, e após o silêncio vêem-se corpos destroncados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouvem-se o gemer dos feridos e o estertor dos moribundos.

Tal desceu o montante do Espadeiro, boto já dos milhares de golpes que o cavaleiro tinha descarregado. O elmo de Ali-Abu-Hassan faiscou voando em pedaços pelos ares, e o ferro cristão, esmigalhando o crânio do infiel, abriu-o até os dentes. Ali-Abu-Hassan caiu.

“Lidador! Lidador!”, disse Lourenço Viegas, com voz comprimida. As lágrimas misturavam-se-lhe nas faces com o suor, com o pó e com o sangue do agareno, de que ficou coberto. Não pôde dizer mais nada.

Tão espantoso golpe aterrou os mouros. Os portugueses seriam já apenas sessenta, entre cavaleiros e homens de armas: mas pelejavam como desesperados e resolvidos a morrer. Mais de mil inimigos juncavam o campo, de envolta com os cristãos. A morte de Ali-Abu-Hassan foi o sinal da fuga.

Os portugueses, senhores do campo, celebravam com prantos a vitória. Poucos havia que não estivessem feridos; nenhum que não tivesse as armas falsadas e rotas. O Lidador e os demais cavaleiros de grande conta que naquela jornada tinham acabado, atravessados em cima dos ginetes, foram conduzidos a Beja.

Após aquele tristíssimo préstito, iam os cavaleiros a passo lento, e um sacerdote templário, que fora na cavalgada, com a espada cheia de sangue metida na bainha salmeava em voz baixa aquelas palavras do Livro da Sabedoria:

*"Justorum autem animae in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis."*



Villiers de L'Isle-Adam

*Narrativa sombria, mais sombrio narrador*

Tradução de Manuel Resende

**Villiers de L'Isle-Adam** (1838-1889). Nasceu Jean Marie Mathias Philippe Auguste, conde de Villiers de L'Isle-Adam, em Saint-Brieuc, na Bretanha, numa família de antiga nobreza rural arruinada. A educação de Villiers faz-se em internatos religiosos, mas sem grande sucesso. Decide ir para Paris, onde se dedica à boémia. Depois de terminar a ligação com a actriz Louise Dyonnet, apaixona-se por Estelle Gautier, mas acaba por viver (e casar, em vésperas de morrer) com Marie Dantine, sua criada, de quem teve o único filho, Victor. Frequenta os cafés e os círculos literários, conhece Baudelaire, o jovem Mallarmé e Huysmans. Já apaixonado pelo ocultismo, pela escrita de Poe e pelo sistema filosófico de Hegel, publica em 1858 o seu primeiro livro de poemas. Romancista e dramaturgo, Villiers será sobretudo conhecido pela imaginação e bizarria dos seus contos, *Contes Cruels* (1883) – de que faz parte *Sombre Récit, Plus Sombre Réciteur* – e *Histoires Insolites* e *Nouveaux Contes Cruels*, ambos publicados em 1888. Como todos os “malditos”, Villiers é pouco estudado e apressadamente catalogado. Escritor ao mesmo tempo subtil e inflamado, do mais incomodativo humor negro, recebeu o veredicto rápido e duradouro: o seu talento era imenso mas “as bizarras da sua imaginação impediram-no de conhecer os grandes sucessos literários”. Dos *Contos Cruéis* fez a editorial Estampa uma edição em 1971.

Ao Sr. Coquelin mais novo

*Ut declamatio fiat*

Naquela noite, tinha um convite muito oficial para participar numa ceia de autores dramáticos, que se reuniam para festejar o êxito de um confrade. Era no B\*\*\*, o restaurante da moda dos homens de letras.

A ceia começou por ser naturalmente triste.

Contudo, bebidos uns copos de Léoville velho, a conversa animou-se. Tanto mais que girava em torno dos duelos incessantes que, à época, eram pasto obrigatório de inúmeras conversas parisienses. Todos se recordavam, com a desenvoltura da praxe, de terem cruzado o ferro, e procuravam insinuar, indolentemente, vagas ideias de intimidação sob a forma de sábias teorias e olhares de entendidos sobre a esgrima e o tiro. O mais ingênuo, um pouco tocado, parecia absorvido numa combinação de cruzamento de segunda, que imitava agitando o garfo e a faca por cima do prato.

De súbito, um dos convivas, o Sr. D\*\*\* (íntimo conhecedor dos cordelinhos do teatro, uma sumidade

em matéria de carpintaria de todas as situações dramáticas, em resumo, aquele, dentre todos, que melhor provara saber “rebentar a bilheteira”), exclamou:

– Ah! Que diríeis, senhores, se vos tivesse acontecido a minha aventura do outro dia?

– É verdade! – responderam os convivas. – Foste segundo desse tal Monsieur de Saint-Sever?

– Vá! Conta lá – mas com franqueza! – como se passou o caso.

– De boa vontade – respondeu D\*\*\* – embora se me aperte o coração, só de pensar.

Após algumas silenciosas baforadas de cigarro, D\*\*\* começou nestes termos (passo-lhe, estritamente, a palavra):

– Na passada quinzena, era segunda-feira, fui acordado logo às sete da manhã pelo toque da campainha: cheguei até a pensar que era Peragallo. Entregaram-me um cartão; li: Raoul de Saint-Sever. Era o nome do meu melhor camarada do colégio. Não nos víamos há dez anos.

Entrou.

Era mesmo ele!

“Há muito tempo que não te ponho a vista em cima – disse-lhe. – Ah, estou tão contente por te ver! Vamos falar dos tempos antigos, ao almoço. Vens da Bretanha?”

“Cheguei ontem mesmo” – respondeu-me.

Enfiei um roupão, servi um Madeira e, logo que nos sentámos:

“Raoul – prossegui – estás com ar preocupado, estás meditando... É costume?”

“Não, é um surto de emoção.”

“De emoção? Perdeste na Bolsa?”

Abanou a cabeça.

“Ouviste falar dos duelos de morte?” – perguntou-me muito simplesmente.

A pergunta apanhou-me desprevenido, confesso: era inopinada.

“Mas que pergunta engraçada!” – respondi, para alimentar o diálogo.

E pus-me a olhá-lo.

Recordando-me dos seus gostos literários, achei que vinha submeter à minha apreciação o desenlace de uma peça concebida por ele no silêncio da província.

“Se ouvi falar! Ora essa, o meu ofício de autor dramático consiste em urdir, resolver e dar um desfecho aos casos desse género! Esses recontros são a minha especialidade e há muito quem reconheça que sou do melhor que há. Nunca lêes as gazetas à segunda-feira?”

“Pois olha – disse-me – trata-se precisamente de uma coisa do género.”

Examinei-o. Raoul parecia pensativo, alheado. Tinha a voz e o olhar tranquilos, vulgares. Tinha muito de Surville, naquele instante... de Surville nos seus bons papéis, até. Disse para comigo que ele estaria sob o fogo da inspiração e que podia ter talento... um talento nascente... mas, pronto, tinha alguma coisa.

“Vá, depressa! – exclamei com impaciência. – A situação! Conta-me a situação! Talvez que explorando-a...”

“A situação? – replicou Raoul, abrindo muito os olhos. – É das mais simples. Ontem de manhã, ao chegar ao hotel, fui dar com um convite segundo o qual me esperava um baile para essa mesma noite, na rua Saint-Honoré, em casa de Madame de Fréville. Tinha de ir lá. Durante a festa (imagina o que deve ter-se passado!),

vi-me forçado a lançar a luva à cara de um cavalheiro, diante de toda a gente.”

Compreendi que estava a representar a primeira cena da sua “maquinação”.

“Oh, oh! – disse eu – Como é que tu chegas aí? Pois, é um começo. Tem juventude, tem fogo! Mas, e a seguir? O motivo? O encadear da cena? A ideia do drama? Em resumo, o conjunto! Vá, em traços gerais! Vá! Vá!”

“Tratava-se de uma injúria à minha mãe, caro amigo – respondeu Raoul, que parecia não me escutar. – A minha mãe: é motivo suficiente?”

(Aqui, D\*\*\* deteve-se, fitando os convivas que não conseguiram evitar um sorriso perante estas últimas palavras.)

– Estais a sorrir, senhores? – perguntou. Também eu sorri. Sobretudo, esse “bato-me pela minha mãe” soava tão pechisbeque, tão fora de moda, que até doía. Era miserável. Já estava a ver aquilo em cena! O público havia de se escangalhar a rir. Deplorava a inexperiência teatral do pobre Raoul, e ia dissuadi-lo do que pensava ser o plano nado-morto do mais indigesto dos dramalhões, quando ele acrescentou:

“Tenho o Prosper lá em baixo; é um amigo da Bretanha e veio de Rennes comigo – Prosper Vidal. Está à espera num carro parado à tua porta. Em Paris, só te conheço a ti. Diz lá: queres fazer de meu segundo? As testemunhas do meu adversário vão ter comigo dentro de uma hora. Se aceitas, veste-te depressa. Estamos a cinco horas de comboio de Erquelines.”

Só então me apercebi de que me falava de um caso da vida! Da vida real! Fiquei atarantado. Só ao fim de

algum tempo lhe tomei a mão. Como eu sofria! Reparem, não tenho especial amor às espadas, mas parece-me que teria ficado menos impressionado se fosse comigo.

“É verdade! Nós somos assim!” – gritaram os convivas, que faziam questão em beneficiar da observação.

“Devias ter-me dito logo!... – respondi-lhe. – Não me vou pôr com discursos. Isso é bom para o público. Conta comigo. Desce, que já vou lá ter.”

(Aqui, D\*\*\* parou, visivelmente perturbado pela recordação dos incidentes que acabara de nos descrever.)

– Quando fiquei sozinho – prosseguiu – tracei o meu plano, vestindo-me à pressa. Não havia que apimentar o caso: a situação, que, para o teatro, era obviamente banal, parecia-me mais do que suficiente para a existência. E o seu aspecto “*Closerie des Génêts*”, sem ofensa, desvanecia-se a meus olhos quando pensava que o que iria representar-se era a vida do meu pobre Raoul! Desci sem perder um minuto.

A outra testemunha, o Sr. Prosper Vidal, era um jovem médico, muito comedido nas atitudes e nas palavras; uma cabeça distinta, um pouco positiva, que lembrava os antigos Maurice Coste. Pareceu-me muito conveniente para a circunstância. Não sei se estais a ver?

Todos os convivas, que estavam agora muito atentos, fizeram o gesto de cabeça da praxe pedido pela hábil pergunta.

– Terminada a apresentação, seguimos pelo boulevard Bonne-Nouvelle, onde ficava o hotel de Raoul (perto do Ginásio). Subi. Encontrámos no quarto dele dois cavalheiros abotoados de alto a baixo, formais,

embora um pouco fora de moda (aqui entre nós, acho que as pessoas na vida real andam um pouco atrasadas).

Cumprimentámo-nos. Passados dez minutos, as condições do duelo estavam fixadas. Pistola, vinte e cinco passos, disparar ao sinal. Na Bélgica. No dia seguinte. Às seis horas da manhã. Em suma, o que há de mais consabido!

– Podias ter arranjado coisa mais original – interrompeu, tentando sorrir, o conviva que combinava botes secretos com a faca e o garfo.

– Meu amigo – ripostou D\*\*\* com uma ironia amarga – és mesmo espertinho! Estás a fazer-te de engraçado! Vês sempre as coisas por uns binóculos de teatro!

Se estivesses lá, porém, terias, como eu, procurado a simplicidade. Na circunstância, não se punha a questão de utilizar como arma o corta-papéis do Caso Clemenceau. Temos de compreender que na vida nem tudo é teatro! Eu, por mim, não sei se sabem, facilmente me entusiasmo com as coisas verdadeiras, as coisas naturais... e que acontecem! Nem tudo está morto em mim, com um raio! E garanto-vos que a coisa “não teve piada nenhuma”, quando, meia hora depois, tomámos o comboio para Erquelines, com as armas numa mala. O coração palpitava-me! Palavra de honra! Mais do que alguma vez palpitou numa estreia.

Aqui, D\*\*\* deteve-se, e bebeu de um trago um grande copo de água; estava pálido.

“Continua!” – disseram os convivas.

– Poupo-vos a história da viagem, da fronteira, da alfândega, do hotel e da noite – murmurou D\*\*\* de voz rouca.

Nunca sentira por Monsieur de Saint-Sever uma amizade mais verdadeira. Não preguei olho um segundo, apesar da fadiga nervosa que sentia. Por fim, veio a madrugada. Eram quatro e meia. Estava bom tempo. Chegara o momento. Levantei-me e atirei um pouco de água fria à cara. A toilette não me tomou muito tempo.

Entrei no quarto de Raoul. Ele tinha passado a noite a escrever. Todos nós já trabalhámos cenas destas. Bastava-me recordar para ser natural. Estava a dormir junto da mesa, num cadeirão: as velas ardiam ainda. Com o barulho que fiz ao entrar, acordou e olhou para o relógio de pêndulo. Eu já estava à espera daquilo, conheço esse efeito. Vi então como é respeitado.

“Obrigado, meu amigo – disse-me. – Prosper está pronto? Temos uma meia hora de marcha. Creio que será altura de o prevenir.”

Passados alguns instantes, descíamos os três e, às cinco em ponto, seguíamos pelo caminho principal de Erquelines. Prosper levava as pistolas. Eu estava literalmente com a ansiedade das estreias, compreendem? Não me envergonho.

Puseram-se os dois a falar de histórias de família, como se nada fosse. Raoul estava soberbo, todo de negro, de ar grave e decidido, muito calmo, imponente de tão natural!... Uma autoridade na postura... Por exemplo, viram o Bocage em Rouen, nas peças do reportório de 1830-1840? Teve cada rasgo!... Talvez mais belos do que em Paris!

“Ei! Ei!” – objectou uma voz.

“Oh! Oh!... que exagero!...” – interromperam dois ou três convivas.

— Em resumo, Raoul arrebatava-me, como nunca ninguém me arrebatara — prosseguiu D\*\*\* — acreditei. Chegámos ao terreno ao mesmo tempo que os nossos adversários. Tinha como que um mau pressentimento.

O adversário era um homem frio, com porte de oficial, género filho-família; uma fisionomia à Landrol, mas com menos amplidão nos gestos. Uma vez que não eram necessárias mais negociações, carregaram-se as armas. Fui eu que contei os passos e tive que sofrer a alma (como dizem os árabes) para não deixar transparecer os meus apertes. O melhor era ser clássico.

Todo o meu desempenho era contido. Não vacilei. Por fim, a distância foi marcada. Voltei para junto de Raoul. Abracei-o e apertei-lhe a mão. Vieram-me as lágrimas aos olhos, não lágrimas de circunstância, mas de verdade.

“Então, então, meu bom D\*\*\* — disse-me ele — calma. Que é isso?”

Ao ouvir estas palavras, fitei-o.

Monsieur de Saint-Sever estava, muito simplesmente, magnífico. Dir-se-ia em cena! Admirei-o. Até então, sempre pensara que um sangue-frio daqueles, só nas tábuas.

Os dois adversários foram colocar-se em frente um do outro, com os pés nas marcas. Houve uma espécie de suspensão. O meu coração pôs-se a vibrar! Prosper entregou a Raoul a pistola armada, pronta a disparar; e logo, desviando a cabeça num transe horrível, voltei ao primeiro plano, do lado do fosso de orquestra.

E as aves cantavam! Via flores ao pé das árvores! Árvores verdadeiras! Nunca Cambon assinou uma manhã mais bela! Que terrível antítese!

“Um... dois... três!” – gritou Prosper, a intervalos iguais, batendo as mãos.

Eu tinha a cabeça tão perturbada, que julguei ouvir o contra-regra a bater as pancadas de Molière. Simultaneamente, deflagrou uma dupla detonação. Ah, meu Deus, meu Deus!

D\*\*\* deteve-se e pôs a cabeça entre as mãos.

“Então, vá! Sabemos que tens coração... Acaba lá!” – gritaram de todos os lados os convivas, também eles muito emocionados.

– Pois bem, aí vai! – disse D\*\*\*. – Raoul caíra nas ervas, sobre um joelho, depois de ter rodopiado sobre si mesmo. A bala atingira-o em pleno peito – isto é, aqui! (E D\*\*\* batia no peito) Corri para ele.

“Minha pobre mãe!” – murmurou.

(D\*\*\* fitou os convivas: estes, como pessoas de tacto que eram, compreenderam desta vez que seria de bastante mau gosto reiterar o sorriso da “cruz da minha mãe”. O “minha pobre mãe” foi pois aceite com a maior naturalidade; uma vez que se enquadrava no contexto, a expressão tornava-se possível.)

– Foi tudo – prosseguiu D\*\*\*. – O sangue golfou-lhe pela boca.

Olhei para o lado do adversário : esse tinha o ombro esfacelado.

Estavam a tratar dele.

Tomei o meu pobre amigo nos braços. Prosper amparava-lhe a cabeça.

Num minuto, imaginai!, recordei os bons anos da nossa infância; as brincadeiras no recreio, os risos joviais, os dias de saída, as férias! – quando jogávamos ao mata...

Todos os convivas inclinaram a cabeça, para indicar que apreciavam a alusão.

D\*\*\*, que estava a ficar visivelmente exaltado, passou a mão pela fronte. Prosseguiu num tom extraordinário e de olhos fitos no vazio:

— Era... quer dizer, era como um sonho! Eu olhava para ele. Ele já não me via: estava moribundo. E tão simples! Tão digno! Nem uma queixa. Em suma, sóbrio. Sentia-me comovido, é isso. E duas grandes lágrimas me rolaram dos olhos! E eram duas lágrimas verdadeiras! Sim, cavalheiros, duas lágrimas... Gostaria que Frédérick as tivesse visto. Ele é que havia de as compreender! Gaguejei um adeus ao meu pobre amigo Raoul e estendemo-lo no chão.

Rígido, sem posições falsas — nenhuma pose! VERDADEIRO, como sempre, ali estava ele! O sangue na roupa! Os punhos vermelhos! A fronte já branca. Os olhos fechados. Não conseguia pensar em mais nada. Achava-o sublime. Sim, cavalheiros, sublime, é o termo!... Querem saber? Parece-me que ainda o estou a ver! Não me continha de admiração! Perdia a cabeça! Já não sabia o que estava a acontecer! Sentia-me confuso! Aplaudia! Queria... queria chamá-lo ao palco...

Neste ponto, D\*\*\*, que se entusiasmara a ponto de começar a gritar, estacou bruscamente; e logo sem transição, numa voz muito calma e com um sorriso triste, acrescentou:

— Infelizmente! Sim! Queria tê-lo chamado...à vida!!

(Um murmúrio de aprovação acolheu este dito feliz.)

— Prosper arrastou-me dali.

(Aqui, D\*\*\* ergueu—se, de olhar fixo; parecia realmente perpassado pela dor; e logo a seguir, deixando-se cair na cadeira:)

– Enfim! Somos todos mortais! – acrescentou, numa voz muito baixa. (Depois, bebeu um copo de rum, que voltou a pousar ruidosamente na mesa e que repeliu de seguida como um cálice.)

D\*\*\*, ao terminar assim, de voz entrecortada, acabara por cativar tão bem os seus auditores, tanto pelo lado impressionante da sua história como pela vivacidade do seu relato que, quando se calou, romperam os aplausos. Achei por bem juntar os meus humildes parabéns aos dos seus amigos.

Estavam todos muito comovidos. – Muito comovidos.

“Sucesso de crítica” pensei eu.

– Este D\*\*\* tem mesmo talento! – murmurava cada um ao ouvido do vizinho.

Todos foram apertar-lhe a mão calorosamente. Eu vim-me embora.

Passados alguns dias, encontrei um dos meus amigos, um literato, e contei-lhe a história de D\*\*\* tal como a ouvira.

– Ora, então, que pensa disto? – perguntei-lhe ao acabar.

– É. É quase uma novela! – respondeu-me após um silêncio. – Escreva-a. Olhei-o fixamente.

– Sim – disse-lhe – agora posso escrevê-la: está completa.



Rudyard Kipling

*Mary Postgate*

Tradução de Isabel Pedro dos Santos

**Rudyard Kipling** (1865-1936). Jornalista, romancista, poeta e considerado um dos melhores contistas de língua inglesa, nasceu em Bombaim em 1865. Viveu em Inglaterra com uma família de Southsea entre 1871 e 1877, frequentou depois o United Services College, em Devon, e regressou à Índia em 1882, trabalhando como jornalista e publicando poemas e contos. Viaja pelo Extremo Oriente, América e África do Sul, regressando a Inglaterra em 1902. O conto "Mary Postgate", escrito em 1915, ano em que o filho perdeu a vida na 1ª Guerra Mundial, e incluído na colectânea *A Diversity of Creatures* (1917), é por muitos interpretado como um incentivo ao ódio anti-germânico. Considerado "o Poeta do Império", Prémio Nobel em 1907, Kipling tem gerado grandes controvérsias. A defesa da "missão imperial" inglesa, as posições anti-semíticas e misóginas, por exemplo, são responsáveis por uma certa quebra de popularidade deste autor, mas a complexidade e o vigor da sua obra e da sua escrita continuam a merecer a atenção da crítica e a devoção de muitos leitores. Da sua variada produção destacam-se, numa primeira fase, *Plain Tales from the Hills* (1888) e *Barrack-Room Ballads* (1889), o romance *The Light that Failed* (1890) e os contos de *Life's Handicap* (1891) e *Many Inventions* (1893); em 1892, começa a escrever para crianças, publicando os famosos *Jungle Books* em 1894 e 95. Em 96, publica *The Seven Seas* (poemas) e os romances *Captain Corcoran* (1897), *Stalky & Co* (1899) e *Kim* (1901) e, mais tarde, *Rewards and Fairies* (1910), *The Years Between* (1919), *Limits and Renewals* (1932). O texto autobiográfico *Something of Myself* foi publicado em 1937, um ano após a sua morte.

Sobre Miss Mary Postgate, Lady McCausland escreveu que era “extremamente conscienciosa, organizada, boa companhia e de fino trato. Tenho imensa pena de me separar dela e terei sempre o maior interesse no seu bem-estar”.

Miss Fowler contratou-a com base nessa recomendação e, para surpresa sua, com a experiência que tinha de damas de companhia, verificou que era verdade. Miss Fowler estava então mais perto dos sessenta do que dos cinquenta, mas, embora precisasse de cuidados, não esgotava a energia da sua ajudante. Pelo contrário, dava muito de si, era interessante e cheia de reminiscências. O pai de Miss Fowler tinha sido funcionário menor do Tribunal na época em que a Grande Exposição de 1851 acabava de selar uma Civilização perfeita. Algumas das histórias de Miss Fowler, no entanto, nem sempre eram próprias para jovens. Mary não era jovem e, apesar de a sua conversa ser tão descorado como os olhos ou o cabelo,

nunca se escandalizava. Ouvia tudo imperturbável; no final, dizia: “Mas que interessante!” ou “Que horror!”, conforme o caso, e nunca voltava a falar do assunto, pois orgulhava-se de ter um espírito disciplinado que “não ficava a remoer nessas coisas”. Era também preciosa nas contas da casa, o que não lhe ganhava o amor dos comerciantes da terra com os seus livros de fiados. Tirando isso, não tinha inimigos; não suscitava inveja nem entre os menos favorecidos; nunca se vira envolvida em qualquer tipo de mexericos nem de calúnias; estava sempre disponível para ocupar o lugar vago à mesa do Prior ou do médico, mesmo quando avisada à última hora; era como que uma tia comum das muitas criancinhas da rua da aldeia, cujos pais, apesar de tudo aceitarem, decerto ficariam melindrados com qualquer gesto que lhes pudesse parecer “caridade”; fez parte da Comissão de Enfermagem da aldeia como substituta de Miss Fowler quando esta ficou incapacitada devido à artrite reumatóide e conseguiu sair-se de seis meses de reuniões quinzenais igualmente respeitada por pessoas de todas as facções.

E quando o destino lançou nas mãos de Miss Fowler um sobrinho, um desengraçado órfão de onze anos, Mary Postgate cumpriu a sua parte na educação do rapaz, segundo as regras das escolas de prestígio e dos colégios particulares que frequentava. Verificava o rol da roupa e as despesas extraordinárias não discriminadas, escrevia a reitores, prefeitos, despenseiras, enfermeiras e médicos e recebia, com tristeza ou regozijo, a avaliação dos semestres. Quando vinha de férias, o jovem Wyndham Fowler retribuía tudo isto chamando-lhe Palito, Postinha ou Pica-Porta, dando-lhe socos no

meio das costas magras ou perseguindo-a à volta do jardim, enquanto Mary balia, com a grande boca aberta e o grande nariz empinado no ar, o pescoço rígido e um andar desajeitado de camelo. Tempos depois, a casa enchia-se dos clamores, discussões e arengas do rapaz, fazendo exigências sobre as suas necessidades pessoais, sobre o que gostava e não gostava, criticando as limitações de “vocês, as mulheres” e reduzindo Mary a lágrimas de puro cansaço físico, ou obrigando-a a rir sem parar, quando lhe apetecia ser engraçado. Em alturas de crise, que se multiplicavam à medida que ele crescia, ela servia-lhe de embaixadora e de intérprete junto de Miss Fowler, que não tinha grande predilecção por gente nova; era um voto a favor dele nos conselhos de família onde se decidia o seu futuro; sua costureira, culpada sempre que ele não sabia das botas ou das roupas; sempre seu alvo e sua escrava.

E quando resolveu ser solicitador e foi trabalhar num escritório em Londres, quando em vez de “Olá, Postinha, sua jarreta” lhe dizia agora “Bom dia, Palito”, veio uma guerra que, ao contrário de todas as guerras de que Mary se lembrava, não teve a decência de se manter fora de Inglaterra e dentro dos jornais, mas se intrometia na vida de pessoas que ela conhecia. Era, como ela dizia a Miss Fowler, “Muito aborrecido”. Levou o filho do Prior, que ia abrir um negócio com o irmão mais velho; levou o sobrinho do Coronel, nas vésperas da apanha da fruta no Canadá; levou o filho de Mrs. Grant, que, segundo a mãe, queria muito ser sacerdote; e, cedo demais, levou também Wynn Fowler, que lhes enviara um postal anunciando que se tinha alistado na Força Aérea e que queria um colete de malha.

– Pois tem que ir e temos que lhe arranjar o colete – declarou Miss Fowler. Então, Mary arranjou lã e agulhas do tamanho mais indicado e Miss Fowler disse aos efectivos da casa – dois jardineiros e um homem de sessenta anos que fazia biscates – que os que podiam alistar-se deviam fazê-lo. Os jardineiros foram-se embora. Cheape, o homem dos biscates, ficou e foi promovido a ocupante da casa do jardineiro. A cozinheira, recusando-se a cortar nos luxos e depois de uma discussão por demais animada com Miss Fowler, despediu-se e levou com ela a criada de dentro. Miss Fowler nomeou Nellie, uma rapariga de dezassete anos, filha de Cheape, para o posto que ficara vago; Mrs Cheape foi promovida ao cargo de cozinheira, com turnos de limpeza de vez em quando. E assim reduzida, a unidade avançou sem sobressaltos.

Wynn exigiu um aumento da mesada. Miss Fowler, que encarava sempre as coisas de frente, decidiu: “Tem que ser. O mais provável é ele nem viver o tempo suficiente para levantar o dinheiro, e se trezentos o fazem feliz...”

Wynn ficou grato e veio a casa aprumado no seu uniforme para agradecer à tia. O centro de treino ficava a menos de cinquenta quilómetros dali e Wynn falava uma linguagem tão técnica que tinha que explicar tudo com uns diagramas dos diferentes tipos de máquinas. Deixou a Mary um desses diagramas.

– E é melhor que estudes isto, Postinha – advertiu. – Não tarda, vais ver imensas coisas destas. Então, Mary estudou o diagrama, mas quando Wynn veio a casa de novo, para se gabar e pavonear diante do mulherio, ela não foi capaz de acertar nas respostas e ele voltou a descompô-la como nos velhos tempos:

– Tu até pareces mais ou menos um ser humano – disse, na nova voz militar que adoptara. – Se calhar até tiveste um cérebro algures no passado. O que é que lhe fizeste? Onde é que o deixaste? Até uma galinha era capaz de perceber mais disto do que tu, Postinha. És mesmo uma tristeza. Tens menos préstimo que uma lata vazia, sua avestruz desgraçada.

– Suponho que será assim que o seu oficial superior fala consigo... – disse Miss Fowler da cadeira.

– Mas aqui o Palito não se importa – respondeu Wynn. – Pois não, Palito?

– O quê? O Wynn disse alguma coisa? Quando voltares, vou saber isto tudo direitinho – balbuciou, franzindo as sobrancelhas pálidas e olhando de novo os diagramas de *Taubes*, *Farmans* e *Zeppelins*.

Em poucas semanas, as meras batalhas terrestres e navais que lia a Miss Fowler depois do pequeno-almoço deixavam-na fria. O seu coração e o seu interesse estavam agora lá no alto com Wynn, que tinha acabado a fase de treino e passara já do “táxi” para uma máquina mais ou menos sua. Uma manhã, Wynn andou às voltas mesmo ali por cima das chaminés e aterrou na charneca de Vegg, quase ao pé do portão do jardim, entrando em casa roxo de frio e a gritar por comida. Wynn e Mary empurraram a cadeira de Miss Fowler, como tantas vezes tinham feito, e tomaram o caminho da charneca para irem ver o biplano. Mary comentou que cheirava muito mal.

– Eu acho que tu pensas com o nariz, ó Postinha – disse Wynn. – Com a cabeça é que não é, com certeza. Vá, diz lá qual é este modelo?

– Vou buscar os desenhos – disse Mary.

— És um caso perdido! Não tens nem a inteligência de um rato branco — exclamou Wynn, e explicou-lhe para que serviam os mostradores e mostrou-lhes onde estavam as bombas, até que chegou a hora de levantar voo e cavalgar novamente as nuvens cheias de chuva.

— Ah! — disse Mary, enquanto a maquineta malcheirosa disparava em direcção ao céu. — Esperem só até a nossa Força Aérea entrar em acção! O Wynn disse que é muito mais seguro que as trincheiras.

— Será mesmo? — perguntou Miss Fowler. — Diz ao Cheape que me venha buscar.

— É sempre a descer. Eu consigo levá-la — disse Mary. — Tem é que se travar a cadeira. Encostando ao manípulo o corpo magro e seco, Mary empurrou a cadeira de rodas e lá foram a caminho de casa.

— Bem, tem cuidado para não ficares quente demais e apanhares uma constipação — disse Miss Fowler, muito agasalhada.

— Nada me faz transpirar — disse Mary. Assim que parou a cadeira debaixo do alpendre, esticou as longas costas. O esforço trouxera-lhe uma cor às faces e o vento tinha-lhe soltado uma madeixa de cabelo sobre a testa. Miss Fowler olhou para ela de relance.

— Mary, em que é que tu pensas? — perguntou subitamente.

— Oh, o Wynn disse que quer mais três pares de meias ... quanto mais grossas melhor.

— Está bem, mas eu referia-me às coisas em que as mulheres normalmente pensam. E tu, que já fizeste os quarenta...

— Quarenta e quatro — precisou Mary, verdadeira como sempre.

– E então?

– Então... – Mary ofereceu o ombro a Miss Fowler, como de costume, para Miss Fowler se apoiar.

– E já estás comigo há dez anos.

– Deixe-me ver... – disse Mary. – O Wynn tinha onze anos quando veio para cá. Agora tem vinte e eu vim dois anos antes dele. Devem ser onze.

– Onze anos! E nunca me contaste nada realmente importante durante este tempo todo. Pensando bem, parece que fui só eu a falar...

– Infelizmente não sou grande conversadora. Como diz o Wynn, não tenho cabeça para isso. Dê-me o seu chapéu.

Miss Fowler, de anca rígida, ia batendo com força com a ponta de borracha da bengala nos mosaicos do chão da entrada.

– Mary, não és mesmo mais nada, para além de uma dama de companhia? Será que podias ter sido outra coisa, sem ser dama de companhia?

Mary pendurou o chapéu de palha no respectivo cabide.

– Não – disse depois de pensar. – Imagino que não. Mas não tenho imaginação, acho eu.

Foi buscar a Miss Fowler o copo de água de Contrexville das onze horas.

Foi naquele Dezembro rigoroso em que chegou a chover 150 milímetros e as mulheres saíam à rua o menos possível. Wynn visitou-as várias vezes na sua carruagem voadora e em duas manhãs (ele tinha-lhe mandado um postal a avisar), Mary ouviu bem cedo o bater das hélices. Da segunda vez, correu para a janela e olhou fixamente o céu que clareava. Uma sombra indistinta passou lá no alto. Mary levantou para ela os braços magros.

Nessa tarde, às seis horas, chegou um comunicado num envelope oficial informando que o 2º Tenente W. Fowler tinha falecido durante um voo de treino. A morte fora imediata. Mary leu e levou a carta a Miss Fowler.

– Nunca esperei outra coisa – disse Miss Fowler. – Mas é pena que acontecesse antes de ele ter feito alguma coisa que se visse.

O quarto rodopiava à volta de Mary Postgate, mas ela apercebeu-se de que se mantinha firme no meio dele.

– Pois é – concordou. – É uma pena que ele não tenha morrido em combate, depois de ter matado alguém.

– Teve morte imediata. Valha-nos ao menos isso – continuou Miss Fowler.

– O Wynn diz que o choque da queda mata logo uma pessoa ... independentemente do que acontecer aos tanques da gasolina. – Citou Mary.

O quarto começava agora a acalmar. Ouviu Miss Fowler perguntar impacientemente: “Mas porque é que não conseguimos chorar, Mary?” E ouviu-se a si própria responder: “Chorar por quê? Ele cumpriu o seu dever, tal como o filho de Mrs. Grant”.

– Mas quando ele morreu, ela veio cá a casa e chorou a manhã inteira – disse Miss Fowler. – Isto só me faz sentir cansada ... terrivelmente cansada. Ajudas-me a deitar, se fazes favor, Mary?... E acho que me sabia bem a botija de água quente.

Então Mary ajudou-a e sentou-se ao lado dela a falar de Wynn e da sua juventude turbulenta.

– Eu acho – disse Miss Fowler de repente – que os velhos e os jovens não sentem tanto estas coisas. Os de meia-idade é que se ressentem mais.

– Talvez – disse Mary, levantando-se. – Agora vou arrumar as coisas no quarto dele. Vamos pôr luto?

– Claro que não – respondeu Miss Fowler. – Excepto, é evidente, no funeral. Mas eu não posso ir. Vais tu. Quero que trates de tudo para que ele seja enterrado aqui. Ainda bem que não aconteceu em Salisbury!

Todos, desde as autoridades da Força Aérea ao Prior, foram muito amáveis, manifestando o maior pesar. Ali, Mary viu-se num mundo onde os corpos eram despachados por todo o género de transportes para todo o género de lugares. No funeral, dois jovens apurados nos seus uniformes deixaram-se ficar ao pé da campa e depois dirigiram-se a ela.

– A senhora é Miss Postgate, não é? – perguntou um deles. – O Fowler falou-me de si. Era bom tipo, excelente rapaz, uma grande perda.

– Grande perda mesmo – murmurou o colega. – Lamentamos todos imenso.

– De que altura é que ele caiu? – perguntou Mary, num murmúrio.

– Quase quatro mil pés, acho eu, não foi? Não estavas também a voar nesse dia, Monkey?

– Sim, é isso – respondeu o outro rapazinho. – O meu avião foi aos três mil pés e eu não estava, nem por sombras, tão alto como ele.

– Nesse caso, está bem – disse Mary. – Muito obrigada.

Os rapazes afastaram-se quando Mrs. Grant, à entrada do cemitério, se precipitou num pranto para o peito liso de Mary, gritando: “Eu sei o que isso custa! Eu sei o que isso custa!”

– Mas os pais dele já morreram – retorquiu Mary, enquanto a afastava. Talvez por esta altura já se tenham encontrado – acrescentou num tom vago, esgueirando-se para a carruagem.

– Também já pensei nisso – disse Mrs. Grant, chorosa. – Mas então será quase como um estranho para eles ... Que situação constrangedora!

Mary relatou fielmente todos os pormenores da cerimónia a Miss Fowler que, ao ouvir a descrição do acesso de Mrs. Grant, soltou uma gargalhada.

– Oh, de certeza que o Wynn havia de ter gostado! Sempre foi tão imprevisível nos funerais. Lembras-te...? – e falaram dele mais uma vez, cada uma completando os lapsos da outra. – E agora – sugeriu Miss Fowler – vamos abrir as persianas e fazer uma limpeza geral. Faz-nos sempre bem. Já trataste das coisas do Wynn?

– Já, sim. De tudo... desde que ele para cá veio – respondeu Mary. – Nunca foi de destruir nada, nem mesmo os brinquedos.

Enfrentaram o quarto arrumado.

– Não me parece natural não chorar – desabafou Mary por fim. – Tenho tanto medo que a senhora se vá abaixo.

– Já te disse: nós, os velhos, não somos tão sensíveis a estas coisas. É contigo que estou preocupada. Já choraste?

– Não consigo. Isto só me põe furiosa com os alemães.

– Puro desperdício de energia – disse Miss Fowler. – Temos de nos aguentar até que a guerra acabe. – Abriu um guarda-fatos, cheio de roupa. – Bem, tenho estado a pensar. O meu plano é o seguinte: podemos dar todas as roupas civis... aos refugiados belgas e assim...

Mary fez um gesto de assentimento: “Botas, colarinhos e luvas também?”

– Sim, não precisamos de guardar nada a não ser o bivaque e o cinto.

– Chegaram ontem com as roupas da aviação – Mary apontou para uma trouxa que estava em cima da pequena cama de ferro.

– Ah, mas guarda as coisas da tropa. Ainda podem vir a ser úteis a alguém. Lembras-te das medidas dele?

– Um metro e setenta e quatro e noventa e um de peito. Mas ele disse-me que tinha aumentado quatro centímetros. Vou escrever numa etiqueta e prendê-la ao saco-cama.

– Então isso fica resolvido – disse Miss Fowler, batendo levemente na palma de uma mão com o anel do dedo médio da outra. – Que desperdício, tudo isto! Amanhã vamos buscar o baú velho das coisas da escola e guardar a roupa civil.

– E o resto? – perguntou Mary – Os livros e as fotografias e os jogos e os brinquedos ... e ... e o resto?

– Tenciono queimar tudinho – explicou Miss Fowler – Assim saberemos o que foi feito das coisas dele e ninguém lhes poderá voltar a mexer. O que é que achas?

– Eu acho que era mesmo o melhor – disse Mary. – Mas é tanta coisa...

– Queimamos tudo no incinerador – disse Miss Fowler.

O incinerador era um forno a céu aberto para a queima de desperdícios, uma pequena torre circular com um metro e vinte de altura em tijolo vazado assente numa grelha de ferro. Miss Fowler tinha visto o modelo numa revista de jardinagem anos antes e mandara-o

construir no fundo do jardim. Satisfazia-lhe a alma metódica, pois evitava depósitos de lixo desagradáveis e as cinzas tornavam mais leve o solo argiloso.

Mary pensou um pouco, viu claramente o que havia de fazer e acenou de novo com a cabeça. Passaram o serão a guardar fatos civis que traziam tantas recordações, roupa interior que Mary tinha marcado e regimentos de peúgas e de gravatas garridas. Foi preciso outro baú e, depois de este cheio, ainda uma pequena mala. Era já tarde quando, no dia seguinte, Cheape e o transportador carregaram tudo na carroça. Por sorte, o Prior conhecia o filho de um amigo, que tinha cerca de um e setenta e quatro de altura e a quem a farda completa da Força Aérea daria muito jeito e mandou o filho do seu jardineiro ir buscá-la com um carrinho de mão. O bivaque ficou pendurado no quarto de Miss Fowler e o cinto no de Miss Postgate, pois, como disse Miss Fowler, não tinham qualquer vontade de fazer deles tema de conversa de salão.

— Fica então isso tratado — disse Miss Fowler — O resto vês tu, Mary. Eu não posso andar jardim acima e jardim abaixo. É melhor lebares o cesto grande da roupa e dizeres à Nellie que te ajude.

— Eu levo o carrinho de mão e trato disso sozinha — decidiu Mary, não dizendo tudo pela primeira vez na vida.

Em momentos de irritação, Miss Fowler costumava dizer que Mary era “fatalmente metódica”. O tempo ameaçava mais chuva, por isso Mary vestiu o impermeável mais velho que tinha e pôs o chapéu de jardinagem e as galochas que a faziam escorregar. Foi à cozinha buscar acendalhas, meia dúzia de pedaços de

carvão e um feixe de lenha que levou no carrinho de mão pelos carreiros de musgo abaixo até à pequena mata de loureiros onde estava o incinerador, sob a copa de três carvalhos. Saltou a sebe de arame para o terreno do Prior ali mesmo atrás e tirou duas grandes braçadas de feno seco do monte de palha do caseiro, espalhando-as depois meticulosamente sobre as barras da grelha. Depois, passando sempre em frente da face pálida de Miss Fowler, sentada à janela da salinha de estar, foi trazendo aos poucos no carrinho o cesto da roupa tapado com uma toalha e cheio de livros de G. A. Henty, do Capitão Frederick Marryat, de Charles Lever, Robert Louis Stevenson, da Baronesa Orczy e de Charles Garvice lidos e relidos, manuais da escola, atlas, pilhas de números avulsos da *Motor Cyclist* e da *Light Car*, catálogos de Exposições do Olympia; o que sobrara de uma frota de navios de vela, desde cúteres de nove dinheiros a um iate de três guinéus; um roupão da escola preparatória, bastões dos mais variados preços, de três xelins e meio a vinte e quatro xelins; bolas de críquete e de ténis; locomotivas mecânicas e a vapor desmanchadas, com os respectivos carris torcidos; uma miniatura de um submarino de lata cinzento e vermelho; um gramofone mudo e discos partidos; tacos de golfe que tiveram de ser quebrados sobre o joelho, tal como as bengalas, e uma azagaia; fotografias das equipas de futebol e de críquete dos colégios e das escolas particulares e do Corpo de Formação de Oficiais na parada; máquinas Kodak e rolos de fotografias; várias taças de estanho e uma de prata verdadeira de competições de boxe e das corridas de barreiras de juniores; pilhas de fotografias da escola; uma fotografia

de Miss Fowler; uma fotografia da própria Mary de que ele, por brincadeira, se tinha apoderado e (com o cuidado que ela teve para não lha pedir!) nunca devolvera; uma caixinha de brinquedos com uma gaveta secreta; um monte de calças de flanela, cintos e camisolas de malha e um par de sapatos de sola de pregos desencantados no sótão; um maço com todas as cartas que Miss Fowler e ela lhe tinham escrito, guardadas todos aqueles anos por um qualquer motivo absurdo; uma tentativa de diário que durara apenas cinco dias; imagens emolduradas de carros de corrida nas pistas de Brooklands e ainda montes e montes de restos irreconhecíveis de caixas de ferramentas, gaiolas de coelhos, pilhas eléctricas, soldadinhos de chumbo, apetrechos de serrotes e vários *puzzles*.

À janela, Miss Fowler via-a naquela azáfama e disse para consigo: “A Mary está velha. Ainda não me tinha apercebido disso.”

Depois do almoço, recomendou-lhe que fosse descansar.

— Não estou nada cansada — respondeu Mary. — Já tratei de tudo. Vou à aldeia agora às duas horas comprar parafina. A Nelly não tem que chegue e a caminhada vai-me fazer bem.

Deu uma última volta pela casa antes de sair, verificando que não se esquecera de nada. A neblina começava a cobrir tudo quando Mary chegou à charneca de Vegg, onde o avião de Wynn costumava pousar — parecia quase ouvir-se o bater das hélices lá no alto, mas nada se via. Ergueu o chapéu e atacou o nevoeiro quase às cegas até chegar ao abrigo da aldeia deserta. Quando saía da loja de Mr. Kidd com uma garrafa

cheia de parafina no saco de compras em croché, encontrou a enfermeira Eden e pôs-se à conversa com ela, como de costume, falando sobre as crianças da aldeia. Estavam já a despedir-se, frente ao *Royal Oak*, quando lhes pareceu ouvir um tiro mesmo atrás da casa. Seguiu-se um grito de criança, extinguindo-se num gemido de dor.

— Um acidente! — exclamou de imediato a enfermeira Eden, precipitando-se pelo bar vazio adentro, seguida de Mary. Encontraram Mrs Gerritt, a mulher do proprietário, arquejante e capaz apenas de apontar para o pátio, onde o pequeno abrigo da carroça tombava para o lado no meio do estrépito das telhas que se partiam. A enfermeira Eden agarrou num lençol que secava em frente à lareira, correu a levantar uma coisa caída no chão, e tapou-a com um lençol. Enquanto a levava para a cozinha, o lençol ficou vermelho e a bata dela também. Era a Edna Gerritt, uma menina de nove anos que Mary conhecia desde bebé.

— ‘Tou muito frita? — perguntou, e morreu nas mãos da enfermeira Eden, donde escorriam gotas de sangue. O lençol soltou-se e, por uns segundos, antes mesmo que pudesse fechar os olhos, Mary viu o corpo rasgado e dilacerado.

— Não sei como é que ela ainda conseguiu falar — disse a enfermeira. — Mas que raio foi aquilo?

— Uma bomba — respondeu Mary.

— Um dos Zepelins?

— Não, foi um avião. Pareceu-me que o ouvi na charneca, mas achei que era um dos nossos. Deve ter desligado os motores ao descer. Por isso é que não o ouvimos.

— Grandes bestas! — bradou a enfermeira Eden, lívida e visivelmente abalada. — Vejam só que situação a minha! Vá chamar o Dr. Hennis, Miss Postgate — disse e olhou para a mãe da criança, caída de bruços no chão. — É só um desmaio. Vire-a para cima.

Mary puxou-a com esforço, deitando-a de lado e foi a correr chamar o médico. Quando lhe contou o sucedido, o Dr. Hennis disse-lhe que se sentasse no consultório enquanto ele lhe arranjava qualquer coisa para tomar.

— Não se preocupe, não é preciso — garantiu Mary. — Acho que não é boa ideia contar a Miss Fowler o que se passou, não lhe parece? Com este tempo, fica com o coração tão irritável...

— Não. Não conte nada a ninguém até termos a certeza — pediu o médico, dirigindo-se depois ao *Royal Oak*, enquanto Mary seguia para casa com a parafina. A aldeia, que ia ficando para trás, parecia sossegada como de costume, pois a notícia ainda não se tinha espalhado. Mary franziu o sobrolho, as grandes narinas abertas e feias e, de vez em quando, resmungava de si para consigo umas palavras que Wynn, que nunca se retraía perante o mulhierio da casa, tinha aplicado ao inimigo: “Filhos da puta! São mesmo filhos da puta” — e continuou, lembrando o princípio que tinha feito dela a pessoa que era: “mas não posso ficar a remoer nisto.” No caminho, o Dr. Hennis, que era também uma espécie de agente da polícia, parou o automóvel junto dela:

— Miss Postgate, queria dizer-lhe que o acidente no *Royal Oak* se deveu à queda do estábulo do Gerritt. Aquilo já estava perigoso há muito tempo. Não devia ter passado na vistoria.

– Mas eu pensei que também tinha ouvido uma explosão – retorquiu Mary.

– Devem ter sido as vigas a partir-se. Já estive a ver aquilo. Estavam completamente podres e secas. Claro que, ao partirem, devia parecer mesmo o barulho de uma arma.

– Ai, sim? – respondeu Mary, em tom educado.

– A pobrezinha da Edna estava a brincar lá debaixo – informou, continuando a fitá-la – e as vigas mais as telhas fizeram-na em pedaços, está a ver?

– Eu vi, eu vi – respondeu Mary, abanando a cabeça.  
– E também ouvi.

– Bom, mas não podemos ter a certeza. O Dr. Hennis mudou completamente de tom de voz. – Eu sei que a senhora e a enfermeira Eden (com quem já estive a falar) são da maior confiança e, por isso, posso ter a certeza de que não vão contar nada – pelo menos, para já. Não faz sentido afligir as pessoas, a não ser que...

– Ah, eu, de qualquer modo, nunca digo nada. – O médico seguiu então o seu caminho até à cidade.

Afinal, pensou Mary, podia mesmo ter sido a queda do estábulo que fez aquilo à pobrezinha da menina. Até já estava arrependida de ter sugerido que podia ser outra coisa, mas a enfermeira Eden era a discrição em pessoa. Quando Mary chegou a casa, tudo aquilo lhe parecia cada vez mais remoto, de tão monstruoso que era. Ao entrar, Miss Fowler contou-lhe que tinham passado dois aviões por ali meia hora antes.

– Acho que os ouvi – respondeu Mary. – Vou então ao jardim. Já tenho a parafina.

– Está bem, mas o que é isso que tens nas botas? Estão completamente encharcadas. Vai mas é já tirá-las.

Mary não só fez o que Miss Fowler lhe dizia, mas também embrulhou as botas num jornal e meteu-as no saco das compras de croché com a garrafa. Depois, armada com o atizador maior que havia na cozinha, dirigiu-se ao jardim.

– Está outra vez a chover – disse ainda Miss Fowler  
– Mas já sei que não descansas enquanto não tiveres arrumado tudo.

– Não vai demorar muito. Já tenho tudo lá em baixo e também pus a tampa no incinerador para não ficar molhado.

Quando Mary terminou os preparativos e aspergiu o óleo sacrificial, a mata estava já inundada pela penumbra. Ao acender o fósforo que lhe ia deixar o coração em cinzas, ouviu um gemido ou um grunhido que vinha de trás da mata densa dos azereiros.

“Cheape?” – chamou ela com impaciência; mas Cheape, confortavelmente instalado em casa e com o velho lumbago, seria a última pessoa a profanar o santuário. “Ovelhas”, concluiu então Mary, atirando uma acendalha. A chama elevou-se imediatamente na pira com um bramido, tornando mais escura a noite que a cercava.

“Ah, como o Wynn havia de adorar isto!” – pensou, afastando-se um pouco da fogueira.

À luz dela, viu, meio escondido por detrás de um loureiro a menos de cinco passos de distância, um homem de cabeça descoberta sentado muito direito na base de um dos carvalhos. Tinha no colo um ramo quebrado e por baixo dele saía uma perna com uma bota calçada. A cabeça mexia-se sem parar de um lado para o outro, mas o corpo estava tão quieto como o

tronco da árvore. Tinha vestido – e Mary chegou-se para o lado para observar mais de perto – um uniforme algo parecido com o do Wynn, com um peitilho de botões. Por um momento, passou-lhe pela cabeça que fosse um dos jovens aviadores que tinham estado no funeral. Mas esses tinham o cabelo escuro e brilhante. O daquele homem era pálido como o de um bebé, e tão curto que até se via a pele cor-de-rosa e repugnante por baixo. Os lábios dele mexeram.

– O que é que disse? – perguntou Mary, aproximando-se e curvando-se para a frente.

– Laty! Laty! Laty! – murmurou o homem entre dentes, enquanto as mãos iam agarrando as folhas mortas e húmidas. Não havia dúvida quanto à sua nacionalidade. Mary ficou tão furiosa que voltou para perto da fogueira, apesar de ainda estar quente demais para lhe mexer com o atizador. Os livros do Wynn estavam a arder bem. Olhou para o carvalho por trás do homem; alguns dos ramos mais leves do topo da árvore e dois ou três ramos podres mais baixos tinham-se quebrado, espalhando galhos e folhas no caminho. À luz de uma chama que se alteava, surgiu, no ramo mais baixo, um capacete com fitas pendentes, como se fosse um ninho de pássaro. Era evidente que a criatura caíra pela árvore abaixo. Wynn tinha-lhe dito uma vez que era possível cair-se dos aviões. Também lhe explicara que as árvores eram óptimas para amortecer a queda do aviador, mas naquele caso o aviador devia ter partido alguma coisa, senão não estaria naquela posição esquisita. Parecia completamente impossibilitado de se mexer, à excepção da cabeça horrível que não parava de abanar. Por outro lado, Mary bem via o coldre da

pistola preso à cinta – e ela abominava pistolas. Há meses atrás, depois de lerem umas notícias dos belgas, ela e Miss Fowler tinham tido contacto com uma – uma arma – um enorme revólver com balas de ponta achatada que, segundo Wynn lhes tinha dito mais tarde, as regras da guerra proibiam que fossem utilizadas contra inimigos civilizados. “Para nós, servem muito bem”, retorquira Miss Fowler. “Ensina à Mary como é que isso funciona”. E Wynn, rindo da mera possibilidade de tal vir a ser necessário, levara Mary, cheia de medo e de olhos a piscar, para a pedreira abandonada do Prior, para lhe mostrar como se disparava aquela máquina terrível. Estava agora guardada na gaveta de cima do lado esquerdo da cómoda de Mary – uma recordação que não fazia parte das coisas incineradas. O Wynn havia de gostar de ver que ela não tinha medo.

Foi a casa buscar a pistola sem ninguém dar por isso. Quando regressou, no meio da chuva, os olhos da tal cabeça luziam de expectativa. A boca quase queria sorrir. Mas, ao ver a pistola, os cantos descaíram, tal qual a pequena Edna. Uma lágrima desprende-se de um dos olhos, enquanto a cabeça abanava de um ombro para outro ombro como se tentasse dizer-lhe alguma coisa.

– *Cassée. Tout cassée!*<sup>1</sup> – gemeu, numa lamúria.

– O que é que está a dizer? – perguntou Mary, com repugnância e mantendo-se um pouco afastada, embora apenas a cabeça se movesse.

– *Cassée* – repetiu. – *Che me rends. Le médecin! Tocto!*

– *Nein* – respondeu ela, empunhando a enorme pistola e usando todo o alemão que sabia. – *Ich hab der todt Kinder geseh*<sup>2</sup>.

A cabeça parou. Mary deixou cair a mão. Tinha tido o cuidado de não pôr o dedo no gatilho, não fosse acontecer algum acidente. Depois de esperar uns minutos, voltou para o incinerador, onde as chamas enfraqueciam, e revirou com o ferro os livros do Wynn, já feitos em carvão. A cabeça gemeu de novo, pedindo um médico.

— Pára com isso! — ordenou Mary, batendo o pé. — Pára com isso, filho da puta.

As palavras saíam-lhe fáceis e com a maior naturalidade. Eram as palavras de Wynn, e Wynn era um cavalheiro absolutamente incapaz, fosse por que motivo fosse, de transformar a pequena Edna naquele monte de faixas e tiras de uma cor tão viva. Mas aquela coisa agachada debaixo do carvalho tinha feito essa outra coisa. Não eram as notícias dos jornais que lia a Miss Fowler. Mary vira-o com os seus próprios olhos em cima da mesa da cozinha do *Royal Oak*. Mas não podia ficar a remoer naquilo. Agora, Wynn estava morto e tudo quanto tinha a ver com ele ali se amontoava e estalejava e crepitava debaixo do ágil atizador que a mão apressada de Mary brandia, transformando-se em pó vermelho-negro e folhas de cinza. A coisa ali debaixo da árvore também havia de morrer. Mary tinha já visto a morte várias vezes. A família dela tinha um jeito especial para morrer “nas circunstâncias mais penosas”, como dissera a Miss Fowler. Havia de ficar ali até ter a certeza absoluta de que a Coisa tinha morrido — morrido, como o querido papá no final da década de oitenta, como a tia Mary em oitenta e nove, a mamã em noventa e um, o primo Dick em noventa e cinco; a criada de Lady McCausland em noventa e nove, a irmã

de Lady McCausland em mil novecentos e um; Wynn enterrado há apenas cinco dias – e Edna Gerritt à espera ainda que a terra pudica a escondesse. Enquanto pensava nestas coisas – com o lábio inferior preso num canino desgastado, sobrolho carregado e narinas dilatadas – Mary brandia o atizador com golpes que arranhavam a grelha do fundo e raspava com cuidado o tijolo por cima. Olhou para o relógio. Eram quase quatro e meia e começava a chover a sério. O chá era servido às cinco horas. Se a Coisa não morresse antes dessa hora, ela ia ficar toda encharcada e teria que mudar de roupa. Entretanto continuava ocupada com as coisas do Wynn, que estavam a queimar bem, apesar da humidade que fazia o lume assobiar e embora surgisse de vez em quando no meio da pilha uma capa com um título ainda claramente legível.

Por ter estado a atizar o fogo, Mary sentia um rubor... que parecia chegar-lhe ao tutano. Cantarolou para si mesma – ela, que nunca tivera voz. Nunca tinha posto fé naquelas ideias avançadas – apesar de a própria Miss Fowler ter uma certa simpatia por elas – de as mulheres trabalharem fora de casa; mas via agora que tinha muitas vantagens. Isto, por exemplo, era o seu trabalho – um trabalho que homem nenhum, e muito menos o Dr. Hennis, seria capaz de fazer. Um homem, numa crise destas, agiria como um “bom tipo”, como diria o Wynn: largava tudo para ir buscar ajuda e com certeza levaria a Coisa para dentro de casa. Ora bem, a tarefa das mulheres era fazer um lar feliz para... para o marido e os filhos. Não havendo marido e filhos... não era coisa em que se devesse ficar a remoer, mas...

– Pára com isso! – gritou Mary novamente, o grito atravessando as sombras. – Já te disse que não! – *Nein! Ich habe der todt Kinder gesehn.*

Mas era um facto. Uma mulher que não tivesse tido essas coisas podia também ser útil – de certo modo, mais útil até que um homem. E batia como um calceteiro nas cinzas que poisavam, com o entusiasmo secreto que a ideia lhe trazia. A chuva estava a querer apagar o lume, mas ela sentia – estava já escuro demais para ver – que o seu trabalho estava feito. Havia um brilho vermelho mortiço no fundo do incinerador, que já não queimaria a tampa de madeira se a fechasse até meio para a chuva não entrar. Assim fez, apoiou-se no atizador e esperou, enquanto se sentia cada vez mais invadida pelo êxtase. Parou de pensar. Rendeu-se àquele sentimento. O longo prazer foi interrompido por um som por que esperara, desesperada, muitas vezes durante a sua vida. Inclinou-se para a frente e escutou, sorrindo. Não havia dúvida. Fechou os olhos para absorver tudo. De repente, aquilo parou.

– Continua – murmurou, a meia-voz. – Ainda não é o fim.

Então o fim veio muito claramente, numa acalmia entre duas rajadas de chuva. Mary Postgate inspirou, num sopro breve entre os dentes, e tremeu da cabeça aos pés. “Assim, sim”, disse, satisfeita, e foi para casa, onde scandalizou a rotina, tomando um maravilhoso banho quente antes do chá, e desceu para a sala, como disse Miss Fowler quando a viu reclinada e descontraída no outro sofá, “muito bonita!”.

---

<sup>1</sup> “Partida, estou todo partida” (erro de concordância no original)

<sup>2</sup> “Vi a criança morta” (erro de concordância no original)



William Carlos Williams

*O uso da força*

Tradução de Luísa Costa Gomes

**William Carlos Williams** (1883-1963) nasceu em Rutherford, New Jersey. Começou a escrever poesia ainda no Liceu. Tirou o curso de Medicina na Universidade da Pensilvânia, onde conheceu e se tornou amigo de Ezra Pound, cuja poesia muito o influenciaria. Foi Pound quem conseguiu que Williams publicasse a sua segunda colecção de poemas, *The Tempers*. Enquanto mantinha a prática clínica, Williams publicou em pequenas revistas poemas, contos, ensaios e também escreveu para teatro. Foi um dos principais poetas do movimento Imagista, embora com o tempo se tenha afastado tanto de Pound como de Eliot. Williams, tanto na poesia como na ficção, procurou experimentar novas formas, acabando por criar um estilo muito "americano", ancorado no quotidiano e nas experiências comuns. Os textos, que descreviam "momentos" reais, eram muitas vezes escritos imediatamente a seguir ao que era vivido. A sua poética foi ganhando influência, tendo sido apreciado sobretudo nos anos 50 e 60 por Ginsberg e os poetas da Beat Generation. Este *The Use of Force* encontra-se em *The Collected Stories of William Carlos Williams* (New Directions, 1961) e fazia originariamente parte da colecção de contos *Life along the Passaic River* (1938)

Para mim, eram doentes novos, só tinha o nome, Olson. Venha assim que puder, por favor, a minha filha está muito mal.

Quando cheguei, a mãe veio receber-me, uma mulher grande e assustada, muito asseada e com ar de quem pede desculpa, que disse apenas, É o médico?, e me deixou entrar. Lá atrás, acrescentou. Tem de desculpar, sr. doutor, temo-la na cozinha, onde está quente. Aqui às vezes fica muito húmido.

A criança estava toda vestida, sentada ao colo do pai, ao pé da mesa da cozinha. Ele tentou levantar-se, mas eu fiz-lhe sinal para que não se incomodasse, tirei o sobretudo e fiz o ponto da situação. Vi logo que estavam muito nervosos, olhando-me de alto a baixo, desconfiados. Como acontecia muito em casos destes, diziam só mesmo o que era preciso, eu é que tinha de lhes dizer coisas a eles; para isso é que gastavam três dólares comigo.

A criança pode dizer-se que me devorava com os olhos frios, firmes, e sem expressão de espécie nenhuma na cara. Não se mexia e parecia, intimamente, calma; uma menininha excepcionalmente bonita e, pelo aspecto, forte como uma vitela. Estava corada, respirava depressa, e percebi que tinha muita febre. Tinha um cabelo louro magnífico, abundante. Uma criança de fotografia, dessas que se encontram nos folhetos publicitários e nas secções de fotogravura dos jornais de domingo.

Estava com febre há três dias, começou o pai, e não sabemos porquê. A minha mulher já lhe deu umas coisas, sabe, como se costuma fazer, mas não serviu de nada. E anda para aí muita doença. Por isso é que pensámos que era melhor o senhor ver e dizer-nos o que se passa.

Como fazem os médicos, atirei uma pergunta para o ar, como ponto de partida. Tem tido dores de garganta?

O pai e a mãe responderam juntos, Não...Não, ela diz que não lhe dói a garganta.

– Dói-te a garganta? – acrescentou a mãe, para a filha. Mas a expressão da rapariga não mudou, nem despegou os olhos da minha cara.

– Já viram?

– Tentei – disse a mãe – mas não consegui ver.

Acontece que nesse mês estávamos a ter alguns casos de difteria na escola em que a criança andava e estávamos todos, obviamente, a pensar nisso, embora ainda ninguém o tivesse dito.

– Bem, disse eu – o melhor é vermos primeiro a garganta. Sorri o meu melhor sorriso profissional e,

perguntando à menina como se chamava, disse, vamos lá, Mathilda, abre a boca e vamos ver essa garganta.

Nada feito.

– Oh, vá lá – pedi com jeitinho – abre bem a boca e deixa-me ver. Olha, disse eu abrindo as mãos, não tenho nada nas mãos. Abre lá e deixa-me ver.

– Um senhor tão simpático – disse a mãe. – Vê lá como é bom para ti. Vá lá, faz o que ele te diz. Ele não te faz doer.

Rilhei os dentes, enojado. Se não usassem a palavra “doer”, talvez eu conseguisse chegar a qualquer lado. Não me deixei apressar, nem perturbar, mas falando calma e pausadamente, aproximei-me outra vez da criança.

Enquanto eu arrastava a cadeira um bocadinho mais para ela, de repente, como um gato, lançou-me instintivamente as garras aos olhos e quase lhes chegava. De facto, fez-me voar os óculos que caíram, embora sem se partirem, aí a um metro de mim, no chão da cozinha.

O pai e a mãe quase se viraram do avesso, desfazendo-se em desculpas, envergonhados. Sua má, disse a mãe, agarrando-a por um braço e abanando-a. Vê o que fizeste. Um senhor tão simpático...

– Por amor de Deus – interrompi. – Não lhe diga que sou simpático. Estou aqui para lhe observar a garganta, não vá ela ter difteria e possivelmente morrer. Mas ela não quer saber disso. Olha cá – disse eu à rapariga – vamos ver-te a garganta. Já tens idade para perceber o que estou a dizer. Agora, abres ou temos nós de te abrir a boca?

Nem um gesto. Nem a expressão mudara. Mas a respiração era cada vez mais ofegante. Então começou a batalha. Tinha de o fazer. Tinha de tirar uma amostra

da garganta, para a proteger a ela. Mas antes disse aos pais que eles é que decidiam. Expliquei-lhes o perigo mas disse que não ia insistir num exame à garganta, desde que eles se responsabilizassem.

– Se não fazes o que o doutor diz, tens de ir para o hospital – avisou a mãe, severa.

Ai era? Tive de sorrir para comigo. Afinal, eu já estava apaixonado pela selvagem da miúda, e desprezava os pais. Na luta que se seguiu, foram ficando cada vez mais abjectos, esmagados, exaustos, enquanto ela subia, segura, a cumes magníficos de louca fúria de esforço, nascida do terror que eu lhe causava.

O pai tentou o seu melhor, e era homem grande, mas o facto de se tratar da filha dele, a vergonha pelo comportamento dela e o seu pavor de a magoar, faziam-no soltá-la exactamente no momento crítico em que eu estava quase a conseguir, até eu já estar a ponto de querer matá-lo. Mas também o pavor de que ela tivesse difteria fazia-o dizer-me para continuar, continuar, embora ele próprio estivesse prestes a desmaiar, enquanto a mãe andava de um lado para o outro por trás de nós, levantando e baixando as mãos numa agonia de preocupação.

– Ponha-a à sua frente, ou ao colo – mandei – e agarre-lhe os pulsos.

Assim que o fez, a criança largou um grito. Não, estás a magoar-me. Larga-me as mãos. Estou-te a dizer para largares. Depois guinchou de forma aterrorizante, histérica. Parem! Parem! Vocês matam-me!

– Acha que ela aguenta, doutor? – disse a mãe.

– Sai daqui – disse o marido à mulher. – Queres que ela morra de difteria?

— Vamos lá, agarre-a! — disse eu.

Depois agarrei a cabeça da menina com a mão esquerda para lhe meter a espátula entre os dentes. Ela lutou, de dentes cerrados, desesperadamente! Mas por esta altura também eu já estava furioso — com uma criança. Tentei controlar-me, mas não consegui. Sei como é que se faz um exame à garganta! E dei o meu melhor. Quando finalmente consegui meter a espátula de madeira por trás dos últimos dentes e só a pontinha na cavidade bucal, ela abriu um instante a boca, mas antes de eu conseguir ver o que quer que fosse, fechou outra vez e, agarrando a lâmina de madeira entre os molares, fê-la em fanicos, antes de eu conseguir tirar-lha.

— Não tens vergonha? — gritou-lhe a mãe. — Não tens vergonha de te portares assim à frente do senhor doutor?

— Arranje-me aí uma colher qualquer de cabo liso — disse eu à mãe. Vamos para a frente com isto. — A criança já deitava sangue da boca. Tinha cortes na língua e gritava, em guinchos selváticos, histéricos. Talvez eu devesse ter desistido e voltado uma hora depois, ou mais tarde ainda. Com certeza que teria sido melhor. Mas já vi pelo menos duas crianças mortas na cama, por desleixo em casos assim, e sentindo que tinha de conseguir um diagnóstico agora ou nunca, voltei à carga. O pior de tudo era que também eu já estava para além da razão. Estava capaz de esfaquear a menina na minha própria fúria, e gostar. Era um prazer atacá-la. Com tudo aquilo, eu já tinha a cara a arder.

A raça da miúda tem de ser protegida da sua própria imbecilidade, dizemos-nos em alturas destas. Os outros têm de ser protegidos dela. É uma necessidade social. E

isto é tudo verdade. Mas o que funciona nesse momento é uma fúria cega, um sentimento de vergonha adulta, que vem de uma ânsia de libertação da tensão muscular. Continua-se sempre até acabar.

Num assalto final insensato dominei o pescoço e os maxilares da criança. Forcei a pesada colher de prata para o fundo da boca e pela garganta abaixo até quase a sufocar. E lá estavam – as duas amígdalas cobertas de película. Ela lutara com garbo para me impedir de descobrir o seu segredo. Há pelo menos três dias que escondia a garganta inflamada e mentia aos pais para escapar justamente a este desfecho.

Agora estava mesmo furiosa. Antes estivera na defensiva, mas agora atacava. Tentou sair do colo do pai e atirar-se a mim, enquanto lágrimas de derrota lhe cegavam os olhos.

Andrei Platónov

*O regresso*

Tradução de António Pescada

**Andrei Platónov** (1899-1951) Filho de um operário metalúrgico, o mais velho de onze irmãos, Andrei Platónovitch Platónov começou a trabalhar aos quinze anos, também como metalúrgico. A partir de 1918 publicou poemas e artigos na imprensa de Voronej, ao mesmo tempo que estudava numa escola técnica dos caminhos de ferro. Incorporado no Exército Vermelho durante a guerra civil, foi correspondente de guerra. A partir de 1926 começou a publicar contos e novelas em revistas literárias, nomeadamente os contos *Makar Hesitante* (1929) e *Para Uso Futuro* (1931), que lhe valeram fortes críticas, apesar de este último ter sido escrito para Stálin, segundo afirmação do próprio Platónov: "Não me importa o que os outros digam. Escrevi este conto para uma pessoa (o camarada Stálin) que o leu e no essencial me deu a sua resposta." Mas de pouco lhe valeu a sua fé no socialismo, porque a sua obra não obedecia rigorosamente aos cânones do realismo socialista. *O Regresso*, escrito em 1945 e publicado em 1946, mostra a invulgar capacidade do autor para captar e interpretar os acontecimentos praticamente ao vivo. Mas uma vez mais a sua visão é herética, porque as personagens não são o herói regressado da guerra e a família feliz à sua espera, mas gente simples, com todas as fraquezas dos seres humanos. Embora a maior parte da sua obra seja constituída por contos e novelas, o mais importante dela são os seus romances, publicados postumamente, como *Tchevengur*, escrito em 1927 e só publicado já em plena "perestroika", tal como *Os Caboncos*, e *Moscovo Feliz*, romance editado em 1991, e a peça *Arca de Noé*, em 1993. Iossif Brodski, poeta russo emigrado para Estados Unidos laureado com o Prémio Nobel, colocava Platónov entre os grandes escritores do século XX, ao lado de Joyce, Kafka e Proust.

Aleksei Alekséievitch Ivanov, sargento da guarda, foi desmobilizado do exército. Na unidade onde servira durante toda a guerra, fizeram-lhe uma despedida como devia ser, com pena, com amizade e respeito, com música e vinho. Os amigos e camaradas mais chegados acompanharam Ivanov até à estação ferroviária e, depois de se despedirem dele definitivamente, deixaram-no sozinho. Mas o comboio estava longas horas atrasado, e depois, quando essas horas passaram, atrasou-se ainda mais. Caía já a fria noite outonal; a estação tinha sido destruída na guerra, não havia onde passar a noite, e Ivanov voltou à boleia para o quartel. No dia seguinte os seus companheiros despediram-se dele outra vez; de novo cantaram canções e abraçaram o desmobilizado em sinal de eterna amizade, mas despenderam os seus sentimentos com mais moderação, e tudo se passou num estreito círculo de amigos.

Depois Ivanov partiu segunda vez para a estação; ali informaram-no de que o comboio do dia anterior ainda não tinha chegado, e por isso Ivanov podia de facto voltar ao quartel para passar noite. Mas era embaraçoso passar uma terceira vez pelas despedidas, incomodar os camaradas, e Ivanov passou a noite no asfalto deserto do cais.

Ao lado da estação estava intacta a guarita do agulheiro. Num banco junto a essa guarita estava sentada uma mulher com um casaco acolchoado e um xaile quente; já no dia anterior ela estava ali sentada junto às suas coisas, e ali continuava, à espera do comboio. Ao partir no dia anterior para pernoitar no quartel, Ivanov pensara se não devia convidar aquela mulher solitária para que também pernoitasse com as enfermeiras no calor da isbá, pois para que havia ela de ficar ali a gelar toda a noite, sabia-se lá se conseguiria aquecer na guarita do agulheiro. Mas enquanto ele pensava, apareceu um carro que o levou e Ivanov esqueceu a mulher.

Agora ela continuava imóvel no mesmo lugar do dia anterior. Aquela perseverança e paciência significavam dedicação e constância de um coração de mulher, pelo menos em relação às coisas e à sua casa, para onde provavelmente regressava. Ivanov aproximou-se: talvez ela também não estivesse tão triste na companhia dele como estava assim, sozinha.

A mulher voltou o rosto para Ivanov, e ele reconheceu-a. Era uma rapariga, chamavam-lhe "Macha-filha do banheiro", porque em tempos ela própria assim se apresentara, sendo na verdade filha de um empregado dos banhos. Ivanov encontrara-a de

longe em longe durante a guerra, quando visitava o Batalhão Aéreo de Serviços onde aquela Macha, filha de um banheiro, servia na cantina como ajudante de cozinheira.

Àquela hora, a natureza outonal que os rodeava era desolada e triste. O comboio que devia levar dali Macha e Ivanov para suas casas estava não se sabia onde no meio do espaço cinzento. A única coisa que podia confortar o coração de uma pessoa era o coração de outra pessoa.

Ivanov meteu conversa com Macha e sentiu-se melhor. Macha era atraente, de espírito simples e bondosa com as suas grandes mãos de trabalhadora e o seu jovem corpo saudável. Ela também estava de regresso a casa e pensava em como iria agora viver a sua nova vida civil; habituara-se às suas amigas militares, habituara-se aos pilotos, que gostavam dela como de uma irmã mais velha, lhe ofereciam chocolates e lhe chamavam “grande Macha” por causa da sua grande estatura e do seu grande coração, onde cabiam, como no de uma verdadeira irmã, todos os irmãos num mesmo amor. E agora Macha encarava como coisa invulgar, estranha e até assustadora o seu regresso a casa para junto dos familiares, dos quais já se desacostumara.

Ivanov e Macha sentiam-se agora como órfãos, sem o exército; mas Ivanov não podia sentir-se durante muito tempo num estado de abatimento e de tristeza, parecia-lhe nesses momentos que qualquer coisa distante se ria dele e disfrutava da felicidade que devia ser sua, enquanto ele era apenas um simplório carrancudo. Por isso voltava-se rapidamente para as coisas práticas da vida, quer dizer que procurava uma qualquer ocupação

ou conforto, ou, como ele próprio dizia, a alegria simples de uma amiga – e assim saía do seu desânimo. Chegou-se mais para Macha e pediu-lhe que o deixasse beijá-la na face, como camarada.

– Só ao de leve – disse Ivanov – porque o comboio vem atrasado e é aborrecido estar à espera.

– Só por isso, porque o comboio está atrasado? – perguntou Macha olhando com atenção o rosto de Ivanov.

O antigo sargento aparentava uns trinta e cinco anos de idade, a pele do seu rosto, curtida pelos ventos e tostada pelo sol, tinha uma cor acastanhada, e os olhos olhavam Macha com modéstia, até com timidez, e embora ele falasse de modo franco, fazia-o com delicadeza e amabilidade. Macha gostou da sua voz abafada e rouca de homem maduro, do seu rosto escuro e rude, com uma expressão de força e de desamparo. Ivanov apagou o lume do cachimbo com o dedo polegar, insensível ao calor da brasa, e suspirou à espera da permissão. Macha afastou-se. Ele exalava um forte cheiro a tabaco, a pão seco torrado, um pouco a vinho – aquelas simples substâncias provenientes do fogo ou que podem elas próprias gerar fogo. Parecia que se alimentava apenas de tabaco, pão duro, cerveja e vinho. Ivanov repetiu o seu pedido.

– Eu faço-o com cuidado, assim ao de leve, Macha... Imagine que sou seu tio.

– Já imaginei... Imaginei que é meu pai, e não meu tio.

– Ora bem... Então, permite?...

– Os pais não podem permissão às filhas – riu-se Macha.

Mais tarde Ivanov confessou a si mesmo que os cabelos de Macha cheiravam como as folhas caídas na floresta no Outono, e nunca mais conseguiu esquecê-los...

Afastando-se da via férrea, Ivanov acendeu uma pequena fogueira, a fim de preparar ovos fritos para o seu jantar e de Macha.

À noite chegou o comboio e levou Ivanov e Macha para onde iam, para a sua terra. Durante dois dias viajaram juntos, e ao terceiro dia Macha chegou à cidade onde nascera vinte anos antes. Macha reuniu as suas coisas na carruagem e pediu a Ivanov que lhe ajeitasse o saco nas costas, mas Ivanov agarrou no saco e saiu da carruagem atrás dela, embora ainda tivesse que viajar mais de um dia para chegar a casa.

Macha ficou surpreendida e emocionada com a atenção de Ivanov. Tinha receio de ficar de repente sozinha na cidade onde nascera, mas que agora se tinha tornado quase estranha para ela. A mãe e o pai tinham sido levados pelos alemães e tinham morrido não se sabia onde, e agora Macha tinha na sua terra apenas uma prima e duas tias, e não sentia por elas grande afeição.

Ivanov regularizou junto do comandante militar da estação a sua paragem na cidade e ficou com Macha. Na realidade ele devia ir depressa para casa, onde o esperavam a mulher e os dois filhos, que já não via há quatro anos. Mas adiava a hora alegre e inquietante do encontro com a família. Ele próprio não sabia por que procedia assim, talvez porque queria ainda divertir-se um pouco em liberdade.

Macha não conhecia a situação familiar de Ivanov e por timidez não lhe perguntou. Confiou nele de coração, sem pensar em mais nada.

Dois dias depois Ivanov continuou a viagem para a sua terra. Macha acompanhou-o à estação. Ivanov beijou-a e prometeu-lhe com ternura recordar eternamente a sua imagem.

Macha respondeu com um sorriso e disse:

– Para quê recordar-se eternamente? Não é preciso, de qualquer modo vai-me esquecer... Não lhe peço nada, esqueça-me.

– Minha querida Macha... Onde é que estive antes, porque é que não a encontrei há muito tempo?

– Antes da guerra eu era uma adolescente, e há muito tempo nem sequer existia...

Chegou o comboio, e eles despediram-se. Ivanov partiu sem ver que Macha, ao ficar sozinha, começou a chorar, porque nunca conseguia esquecer: nem as amigas, nem os camaradas a quem o destino a ligara, nem que fosse apenas uma vez. Ivanov olhava pela janela da carruagem ao longo da via, as casinhas da pequena cidade, que ele dificilmente voltaria a ver alguma vez na sua vida, e pensava que numa casa como aquelas, mas noutra cidade, vivia a sua mulher Liuba com os filhos Petka e Nástia, e que estavam à sua espera; ainda da unidade tinha enviado à mulher um telegrama dizendo-lhe que partia para casa sem demora e desejava chegar o mais depressa possível para a beijar a ela e aos filhos.

Três dias seguidos, Liubov Vassílievna, a mulher de Ivanov, foi esperar todos os comboios que chegavam vindos de oeste. Pedia dispensa no trabalho, não cumpria a norma de produção e, de contentamento, à noite não dormia, ficava a escutar como o pêndulo do relógio de parede andava devagar e indiferente. No quarto dia,

Liubov Vassílievna mandou os filhos à estação, para receberem o pai se ele chegasse durante o dia, e ao comboio da noite foi de novo ela mesma.

Ivanov chegou no sexto dia. À sua espera estava o filho, Piotr; Petruchka tinha agora já onze anos, e o pai não reconheceu logo o seu filho naquele adolescente sério que parecia mais velho do que era. O pai viu que Piotr era um rapazito baixo e magro, mas em contrapartida tinha a cabeça grande e a testa alta, o seu rosto era tranquilo, como habituado às preocupações da vida, e os pequenos olhos castanhos olhavam o mundo sombrios e descontentes, como se vissem apenas desordem por toda a parte. Petruchka estava calçado e vestido com esmero: os sapatos estavam usados mas ainda bons, as calças e o blusão eram velhos, transformados de roupas civis do pai, mas sem buracos – onde era preciso estava passajado, onde exigia um remendo estava remendado, e todo ele parecia um pequeno camponês modesto, mas asseado. O pai surpreendeu-se e suspirou.

– Tu é que és o meu pai? – perguntou Petruchka, quando Ivanov o abraçou e beijou, puxando-o para si.  
– Deves ser o meu pai.

– Sou o teu pai... Bom dia, Piotr Alexéievitch.

– Bom dia... Porque é que demoraste tanto tempo? Esperámos, esperámos.

– O comboio andava devagar, Pétia... Como estão a mãe e a Nástia, estão bem de saúde?

– Estão bem – disse Piotr. – Quantas condecorações tens?

– Duas, Pétia, e três medalhas.

– Eu e a mãe pensávamos que tu já não tinhas espaço

no peito. A mãe também tem duas medalhas, que lhe foram dadas por mérito... Porque tens tão poucas coisas, só um saco?

— Não preciso de mais.

— Para quem tem um baú é mais difícil combater?  
— perguntou o filho.

— É mais difícil — concordou o pai. — Só com um saco é mais fácil. Lá, ninguém tem baús.

— Eu pensava que tinham. Se fosse eu guardava as minhas coisas num baú; num saco partem-se e amachucam-se.

Agarrou no saco do pai e levou-o para casa, enquanto o pai caminhava atrás dele. A mãe esperava-os no alpendre da casa; uma vez mais pedira dispensa no trabalho, como se o seu coração sentisse que o marido chegava nesse dia. Ao sair da fábrica foi primeiro a casa, para depois se dirigir à estação. Receava que Semion Evséievitch aparecesse em casa: ele gostava de aparecer por vezes durante o dia, tinha esse costume — aparecer a meio do dia e ficar ali com a Nástia, de cinco anos, e com o Petruchka. É verdade que Semion Evséievitch nunca aparecia de mãos a abanar, trazia sempre alguma coisa para as crianças — rebuçados, ou açúcar, ou um pãozinho branco, ou uma senha para artigos industriais. Liubov Vassílievna não via nada de mal em Semion Evséievitch; durante aqueles dois anos desde que se conheciam, Semion Evséievitch tinha sido bom para ela, tratava as crianças como um verdadeiro pai, e até com mais cuidados do que alguns pais. Mas hoje Liubov Vassílievna não queria que o marido visse Semion Evséievitch; arrumou a cozinha e o quarto, a casa devia estar limpa e sem nada que lhe fosse alheio. Mais tarde,

amanhã ou depois de amanhã, ela mesma contaria ao marido toda a verdade, tal como era. Felizmente, Semion Evséievitch nesse dia não apareceu.

Ivanov aproximou-se da mulher, abraçou-a e ficou assim com ela, sem se afastar, sentindo o calor esquecido e familiar de uma pessoa querida.

A pequena Nástia saiu da casa e depois de olhar para o pai, de quem não se lembrava, começou a afastá-lo da mãe, puxando-o por uma perna, e depois começou a chorar. Petruchka estava em silêncio, de pé ao lado do pai e da mãe, com o saco do pai às costas, e depois de esperar um pouco, disse:

— Vocês acabem com isso, fazem a Nástia chorar. Ela não compreende.

O pai afastou-se da mãe e pegou em Nástia ao colo, que chorava de medo.

— Nástia! — chamou Petruchka. — Pára com isso, estou a falar contigo! Este é o nosso pai, é da nossa família!...

Em casa o pai lavou-se e sentou-se à mesa. Esticou as pernas, fechou os olhos e sentiu no coração uma alegria suave e uma calma satisfação. A guerra tinha acabado. Os seus pés haviam caminhado milhares de quilómetros naqueles anos, tinha no rosto rugas de cansaço, e por baixo das pálpebras fechadas os olhos eram dilacerados por uma dor intensa — agora queriam descanso na penumbra ou no escuro.

Enquanto estava ali sentado, toda a sua família andava atarefada na sala e na cozinha, a preparar uma refeição festiva. Ivanov olhava todos os objectos da casa um após outro: o relógio de parede, o armário da loiça, o termómetro na parede, as cadeiras, as flores no

paraiteito da janela, o forno... Passaram ali muito tempo sem ele e tinham saudades. Agora voltava e olhava para eles, de novo travava conhecimento com cada um, como com um familiar que tivesse vivido sem ele na nostalgia e na pobreza. Aspirava o cheiro que permanecia na sua casa— a madeira em decomposição, o calor dos corpos dos filhos, a lenha queimada na fornalha. Aquele cheiro era o mesmo de há quatro anos, não se tinha dissipado nem tinha mudado durante a sua ausência. (Ivanov não sentira aquele cheiro em mais lugar nenhum, embora durante a guerra tivesse estado em centenas de casas em diversos países; lá os cheiros eram diferentes, não havia o cheiro da sua própria casa. Lembrou-se ainda do odor de Macha, de como cheiravam os cabelos dela; mas cheiravam à folhagem do bosque, a um caminho desconhecido no mato, e não à sua casa, mas à vida novamente inquieta. Que faria ela agora e como se teria arranjado na nova vida civil, Macha, a filha do banheiro? Que Deus a guarde...

Ivanov via que o mais activo em casa era Petruchka. Além de ele próprio trabalhar, dava instruções à mãe e a Nástia, sobre aquilo que era preciso fazer e o que se não devia fazer e como fazer correctamente. Nástia obedecia docilmente a Petruchka e já não tinha medo do pai, como pessoa estranha; tinha um rosto vivo e compenetrado de criança que faz tudo na vida com seriedade, e bom coração, porque não se ofendia com Petruchka.

— Nástia, despeja as cascas de batata, preciso da vasilha...

Nástia despejou obedientemente a tigela e lavou-a. Entretanto a mãe preparava à pressa um empadão

improvisado, amassado sem fermento, para o meter no forno, onde Petruchka já tinha acendido o lume.

— Despacha-te, mãe, despacha-te depressa! — comandava Petruchka. — Estás a ver, já tenho o forno pronto. Estás acostumada à moleza, *stakhanovista*!

— Está quase, Petruchka, está quase — disse a mãe docilmente. — É só acrescentar as passas, e pronto. O pai há muito que não come passas, de certeza. Tenho as passas guardadas há muito tempo.

— Ele comeu passas — disse Petruchka. — Também dão passas às nossas tropas. Repara nas caras dos nossos soldados. Eles comem bem... Nástia, porque é que te sentaste? És convidada, ou quê? Descasca batatas, vamos fritá-las na frigideira para o jantar... Só o empadão não chega para alimentar uma família!

Enquanto a mãe preparava o empadão, Petruchka, com um grande forcado, colocou no fogão uma panela de ferro com a sopa de couve, para que o lume não ardesse em vão, e logo se pôs a dar instruções ao próprio lume do fogão:

— Porque é que ardes todos desganhado, espalhado para todos os lados! Arde por igual! Aquece debaixo da comida, as árvores da floresta não dão a lenha de graça... E tu, Nástia, porque é que enfiaste as achas no fogão de qualquer maneira, debes metê-las aos poucos, como eu te ensinei. E as batatas, estás outras vez a tirar a casca grossa, e é preciso tirar a casca fina, para não arrancar uma parte da batata — isso é um desperdício de comida!... Quantas vezes já te disse isto, não te digo mais vez nenhuma, da próxima apanhas no toutiço!

— Petruchka, porque é que estás sempre a aborrecer a Nástia — disse a mãe docilmente. — Que é que ela te

fez? Como é que ela pode descascar tantas batatas, com a casca tão fina como tu queres... O pai voltou para casa, e tu estás só a ralhar!

— Não estou a ralhar, estou a dizer as coisas como deve ser... É preciso dar de comer ao pai, que voltou da guerra, e vocês estragam os produtos... Quanta comida perdemos num ano com as cascas das batatas?... Se tivéssemos uma porca criadeira, podíamos alimentá-la durante um ano com as cascas das batatas e mandá-la à exposição, e davam-nos uma medalha... Haviam de ver como era, e vocês não percebem!

Ivanov não sabia que tinha um filho assim crescido, e agora ali sentado surpreendia-se com o seu discernimento. Mas gostava mais da pequena e dócil Nástia, também atarefada com as suas mãos na lida da casa, e as mãozinhas estavam acostumadas e eram hábeis. Portanto, há muito que os dois estavam acostumados a trabalhar em casa.

— Liuba — perguntou Ivanov à mulher — por que não me dizes nada? Como é que vocês viveram sem mim, como está a tua saúde e o que fazes no trabalho?

Liubov Vassílievna sentia-se acanhada diante do marido, como uma noiva: desacostumara-se dele. Até corava quando o marido lhe falava, e o seu rosto, tal como na juventude, assumia uma expressão tímida e assustada que tanto agradara a Ivanov.

— Menos mal, Aliocha... Vivemos menos mal. As crianças não adoeceram muito, cuidei delas. O mal é que só estou em casa com elas à noite. Trabalho na cerâmica, na prensa, fica longe...

— Onde é que trabalhas? — Ivanov não percebera.

— Na fábrica de tijolos, na prensa. Eu não tinha

qualificação, a princípio trabalhei no pátio como indiferenciada, depois deram-me formação e puseram-me na prensa. Trabalhar é bom, mas as crianças estavam sempre sozinhas... Estás a ver como estão crescidas? Sabem fazer tudo, são como adultos – disse Liubov Vassílievna em voz baixa. – Se isso é bom, não sei, Aliocha...

– Depois se vê, Liuba... Agora vamos viver juntos, depois logo vemos o que é bom, o que é mau...

– Contigo aqui tudo vai ser melhor, porque eu sozinha não sei o que está certo, o que está mal, e tinha medo. Agora pensa tu como havemos de criar os filhos...

Ivanov levantou-se e caminhou pela sala.

– Portanto, dizes tu, não passaram aqui muito mal?

– Menos mal, Aliocha, tudo passou já, nós aguentámos. Só tínhamos muitas saudades tuas, e era horrível pensar que nunca mais voltavas para nós, que morrerias como muitos outros...

Ela começou a chorar por cima do empadão, já dentro do tabuleiro de ferro, e as suas lágrimas caíram na massa. Tinha acabado de untar a superfície com ovos e ainda passava a palma da mão pela massa, continuando agora a untar o empadão festivo com lágrimas.

Nástia abraçou a perna da mãe, apertou o rosto contra a saia dela e olhou o pai de soslaio com severidade.

O pai inclinou-se para ela.

– O que foi, Nastenka, o que foi? Estás zangada comigo?

Pegou-lhe ao colo e fez-lhe festas na cabeça.

– O que é, minha filha? Já não te lembras de mim, eras pequenina quando eu fui para a guerra...

Nástia pousou a cabeça no peito do pai e também começou a chorar.

– O que é, minha Nastenka?

– A mamã chora, por isso eu também choro.

Petruchka, de pé ao lado da fornalha, estava confuso e descontente.

– O que é que vocês têm todos?... Estão para aí com desgostos e o lume no fogão a perder-se. Vamos ter que aquecê-lo outra vez, e quem é que nos dá os talões para a lenha? A do talão anterior já a recebemos e queimámos, ficou só um pouco no telheiro – umas dez achas, e além disso é só lenha de álamo... Mãe, anda lá com a massa enquanto o forno não arrefece.

Petruchka retirou do fogão a grande panela de ferro, espalhou o lume na fornalha e Liubov Vassílievna, como a tentar contentar Petruchka mais depressa, colocou rapidamente no forno os dois tabuleiros com os empadões, esquecendo-se de barrar com ovo o segundo empadão.

Ivanov estranhava ainda a sua casa e achava-a bastante difícil de compreender. A mulher era a mesma – com o seu rosto amável e tímido, embora já muito cansado, e os filhos eram os mesmos que dele haviam nascido, mas que tinham crescido durante a guerra, como era normal. Mas qualquer coisa o impedia de se alegrar de todo o coração pelo seu regresso – provavelmente desabituara-se demasiado da vida doméstica e não conseguia compreender de imediato nem mesmo as pessoas mais próximas e mais queridas. Olhava Petruchka, o seu primogénito já crescido, ouvia-o dar ordens e instruções à mãe e à irmã pequena, observava-lhe o rosto sério e preocupado e reconhecia

para si mesmo com vergonha o seu pouco sentimento paterno por aquele rapazola, a falta de inclinação que sentia por ele como filho. Sentia ainda mais vergonha da sua indiferença para com Petruchka por ter consciência de que este precisava mais de amor e de solicitude do que todos, porque fazia pena olhar para ele. Não sabia exactamente a vida que a família vivera na sua ausência, e ainda não conseguia compreender com clareza por que razão se formara em Petruchka semelhante carácter.

À mesa, sentado no círculo da família, Ivanov compreendeu o seu dever. Precisava de arranjar uma ocupação o mais depressa possível, quer dizer começar a trabalhar a fim de ganhar dinheiro e ajudar a mulher a educar correctamente os filhos — então tudo havia de melhorar pouco a pouco, e Petruchka havia de correr na companhia dos outros rapazes, agarrar-se aos livros, e não ficar a dar ordens com o forcado ao pé do fogão.

Petruchka foi o que comeu menos, mas apanhava todas as migalhas e metia-as na boca.

— Porque é que tu, Piotr, estás a comer as migalhas e não comeste o empadão todo? — perguntou o pai. — Come! A mãe depois dá-te mais.

— Podia comer tudo — disse Petruchka franzindo o cenho — mas para mim já chega.

— Ele receia que se começar a comer muito a Nástia também comece a comer muito, e isso preocupa-o — disse Liubov Vassílievna com simplicidade.

— Vocês não se preocupam com nada — disse Petruchka com indiferença. — E eu quero que fique mais para vocês.

O pai e a mãe olharam um para o outro e estremeceram com as palavras do filho.

— E tu porque é que comes tão pouco? — perguntou o pai à pequena Nástia. — Estás a fazer como o Piotr?... Se continuares assim, vais ficar pequenina...

— Eu já sou crescida — disse Nástia.

Ela comeu um pedacinho do empadão e o outro pedaço, que era maior, afastou-o e cobriu-o com um guardanapo.

— Para que fazes isso? — perguntou a mãe. — Queres que te ponha manteiga no empadão?

— Não quero, já estou cheia...

— Anda lá, come... Para que puseste o empadão de lado?

— Depois vem o tio Semion. Eu é que deixei. O empadão não é vosso, fui eu que não o comi. Ponho-o debaixo da almofada, para não arrefecer...

Nástia desceu da cadeira e levou o bocado do empadão envolvido no guardanapo para a cama e pô-lo debaixo da almofada.

A mãe lembrou-se de que também ela tinha coberto com almofadas o empadão que fizera no Primeiro de Maio, para que o empadão não estivesse frio quando Semion Evséievitch chegasse.

— E quem é esse tio Semion? — perguntou o pai à mulher.

Sem saber o que responder, Liubov Vassílievna disse:

— Não sei quem ele é... Vem sozinho visitar as crianças, os alemães mataram-lhe a mulher e os filhos, e ele habituou-se aos nossos filhos e vem brincar com eles.

— Brincar, como? — surpreendeu-se Ivanov. — A que é que eles brincam aqui? Que idade tem ele?

Petruchka olhou rapidamente para a mãe e para o pai; a mãe não respondeu à pergunta do pai, apenas olhou para Nástia com os olhos tristes, e o pai sorriu de um modo desagradável, levantou-se da cadeira e acendeu um cigarro.

— Onde estão os brinquedos com que esse tio Semion brinca com vocês? — perguntou o pai a Petruchka.

Nástia desceu da cadeira, subiu para outra cadeira junto à cómoda, tirou uns livros da cómoda e levou-os ao pai.

— São livros-brinquedos — disse Nástia. — O tio Semion lê-os em voz alta para mim: olha que ursinho engraçado, é um brinquedo e é um livro...

Ivanov agarrou os livros brinquedos que a filha lhe entregava: sobre o urso Micha, sobre um canhão de brincar, sobre a casinha onde morava a avó Domna a fiar o linho com a neta...

Petruchka lembrou-se de que já era tempo de tapar a chaminé do fogão para que o calor não se perdesse.

Depois de fechar a chaminé, disse ao pai:

— Semion Evséievitch é mais velho do que tu!... Ele é bom para nós, deixá-lo em paz...

Olhando pela janela, por precaução, Petruchka reparou que as nuvens que passavam no céu não eram as que deviam passar no mês de Setembro.

— Que nuvens cor de chumbo andam no céu — disse Petruchka. — Se calhar trazem neve! Ou amanhã de manhã já começa o Inverno? O que é que vamos fazer nesse caso: a batata está toda nos campos, não há abastecimento... Olha que situação!...

Ivanov olhava para o seu filho, ouvia as suas palavras e sentia-se acanhado diante dele. Desejaria perguntar à

mulher com mais pormenor quem era esse Semion Evséievitch que frequentava a sua família havia já dois anos, e quem vinha ele visitar — Nástia ou a sua bonita mulher — mas Petruchka distraía Liubov Vassílievna com assuntos domésticos:

— Mãe, dá-me as senhas do pão para amanhã e os talões de registo. E dá-me também os talões para o querosene. Amanhã é o último dia, e é preciso ir buscar o carvão de lenha, mas tu perdeste o saco, e lá é preciso levar uma vasilha, agora procura outro saco onde quiseses, ou faz outro com trapos, não podemos viver sem um saco! E a Nástia que não deixe amanhã ninguém vir ao nosso pátio buscar água, se não tiram muita água do poço: o Inverno está a chegar, e depois a água fica mais funda e a nossa corda não chega para o balde, não vamos mastigar neve, e para derretê-la também é preciso lenha.

Enquanto falava, Petruchka ia ao mesmo tempo varrendo junto ao fogão e arrumando os utensílios da cozinha. Depois retirou do fogão a panela de ferro com a sopa de couve:

— Já comemos um pouco de empadão, agora temos sopa de couve com carne — indicou Petruchka a todos.  
— E tu, pai, amanhã de manhã tens que ir ao conselho municipal e ao comissariado militar para te registares — assim começamos mais depressa a receber as senhas de racionamento para ti.

— Eu vou — concordou o pai docilmente.

— Vai. Não te esqueças. Se não de manhã deixas-te dormir e esqueces.

— Não me esqueço, não — prometeu o pai.

A família comeu em silêncio a sua primeira refeição

em comum depois da guerra. Sopa de couve e carne, e até Petruchka estava calmamente sentado, como se o pai, a mãe e os filhos receassem quebrar com alguma palavra inesperada a calma felicidade da família reunida.

Depois Ivanov perguntou à mulher:

– Liuba, como estão vocês de roupa de vestir – por certo está tudo gasto?

– Andamos com as roupas velhas e agora havemos de mandar fazer novas – sorriu Liubov Vassílievna. – Eu consertei para os miúdos aquilo que eles tinham, e o teu fato, dois pares de calças e toda a tua roupa transformei-a para eles. Sabes, não nos sobrava dinheiro, e era preciso vestir as crianças.

– Fizeste bem – disse Ivanov. – Para os filhos não se deve poupar.

– Eu não poupei, vendi o casaco comprido que tu me compraste, e ando com o acolchoado.

– O casaco acolchoado dela é curto, com ele ainda se pode constipar. – disse Petruchka. – Eu vou para os banhos públicos como fogueiro, recebo um salário e compro-lhe um casaco. No mercado há pessoas a vendê-los usados, já lá fui apreçar, há alguns que servem bem...

– Havemos de nos arranjar sem o teu salário – disse o pai.

Depois do jantar Nástia colocou uns grandes óculos sobre o nariz e sentou-se ao pé da janela a passar umas mitenes da mãe, que esta usava agora por baixo das luvas de trabalho – já fazia frio, começava o Outono. Petruchka olhou para a irmã e zangou-se com ela:

– Que brincadeira é essa, porque é que puseste os óculos do tio Semion?

— Eu não olho pelos óculos, olho por cima deles.

— Pois não! Eu estou a ver! Estragas os olhos e ficas cega, depois vais viver toda a vida de uma pensão e à custa de outra pessoa. Tira já esses óculos, anda! E pára de passajar as mitenes, a mãe passaja-as ou eu mesmo o faço, quando acabar. Vai buscar o caderno e escreve — já nem te lembras de quando é que lhe pegaste!

— A Nástia já anda na escola? — perguntou o pai.

A mãe respondeu que ainda não, ainda era pequena, mas Petruchka obrigava-a a estudar todos os dias, comprou-lhe um caderno e ela ia aprendendo a escrever. Petruchka também ensinava a irmã a contar, espalhando e contando à frente dela pevides de abóbora, e as letras era a própria Liubov Vassílievna que lhe ensinava.

Nástia pousou a mitene e tirou da gaveta da cómoda um caderno e uma caneta, e Petruchka, satisfeito porque tudo se fazia ordenadamente, vestiu o casaco acolchoado da mãe e foi para o pátio cortar lenha para o dia seguinte; ele trazia para casa à noite a lenha cortada e amontoava-a no fogão, para que secasse e depois ardesse com mais calor e mais economia.

À noite Liubov Vassílievna preparou cedo o jantar. Queria que os filhos adormecessem mais cedo para poder ficar a sós com o marido e conversar com ele. Mas depois do jantar os filhos ficaram muito tempo sem adormecer; Nástia, deitada no divã, ficou muito tempo debaixo do cobertor a olhar para o pai, e Petruchka, deitado em cima do forno russo, onde dormia de Inverno e de Verão, dava voltas, gemia, balbuciava qualquer coisa e demorou muito tempo a sossegar. Mas a noite já ia alta, Nástia fechou os olhos cansados e Petruchka começou a ressonar em cima do forno.

Petruchka tinha o sono leve e inquieto: receava sempre que durante a noite acontecesse alguma coisa e ele não ouvisse – um incêndio, um assalto de ladrões ou que a mãe se esquecesse de trancar a porta e esta se abrisse de noite e todo o calor se perdesse. Agora Petruchka acordou com as vozes inquietas dos pais, que falavam no quarto ao lado da cozinha. Não sabia que horas eram – meia-noite ou já quase de manhã – e o pai e a mãe ainda não dormiam.

– Aliocha, não faças barulho, as crianças acordam – dizia a mãe em voz baixa. – Não debes injuriá-lo, Aliocha, ele é boa pessoa, tem amor aos teus filhos...

– Não precisamos do amor dele – disse o pai. – Eu próprio amo os meus filhos... Ora tu, ele tem amor aos filhos alheios! Mande-te o atestado para receberes o meu soldo, e tu própria trabalhavas – para que precisavas desse Semion Evséievitch? Ainda te ferve o sangue, é isso... Ah, tu, Liuba, Liuba! E eu que pensava outra coisa de ti. Quer dizer que fizeste de mim parvo...

O pai calou-se, depois riscou um fósforo para acender o cachimbo.

– Que é isso, Aliocha, que é que tu dizes! – exclamou a mãe em voz alta. – Pois eu criei os nossos filhos, eles quase nunca adoeceram e nem sequer estão muito magros...

– Ora, e daí!?... – disse o pai. – Outras ficaram com quatro filhos, e viveram menos mal, e os miúdos criaram-se tão bem como os nossos. E olha o Petruchka, o que fizeste dele – fala como um velho e se calhar já nem sabe ler.

Petruchka em cima do forno suspirou e fingiu ressonar, para continuar a ouvir. “Está bem – pensou ele –, deixa-me ser velho, a ti soube-te bem a paparoca feita.”

— Em contrapartida aprendeu as coisas mais difíceis e mais importantes da vida! — disse a mãe. — E na escola também não se atrasou.

— Quem é esse teu Semion? Chega de desviar a conversa — disse o pai.

— É bom homem.

— Tu gostas dele, ou quê?

— Aliocha, eu sou a mãe dos teus filhos...

— Bem, continua! Responde sem rodeios!

— Eu amo-te a ti, Aliocha. Eu sou mãe, mulher fui apenas contigo, há muito tempo, já nem me lembro quando isso foi.

O pai ficou calado a fumar o cachimbo às escuras.

— Sentia a tua falta, Aliocha... É certo que os miúdos estavam comigo, mas eles não te substituem, e fiquei sempre à tua espera, estes anos longos e horríveis, de manhã nem queria acordar.

— E o que é que ele faz, onde trabalha?

— Trabalha na nossa fábrica na secção de abastecimento de materiais.

— É claro. Um trapaceiro.

— Ele não é trapaceiro. Não sei... Toda a família dele morreu em Moguiliou. Tinha três filhos, a filha era já crescida.

— Não importa, conseguiu outra família, já pronta, para substituição — e uma mulher ainda nova, bastante atraente, de modo que voltou a viver agasalhado.

A mãe não respondeu. Fez-se silêncio, mas em breve Petruchka percebeu que a mãe chorava.

— Ele falava de ti às crianças, Aliocha — disse a mãe, e Petruchka percebeu que nos olhos dela havia grandes lágrimas paradas. — Contava-lhes como tu combatias e

sofrias por nós... Eles perguntavam-lhe: mas porquê? – E ele respondia porque tu eras um bom homem...

O pai riu-se e fez saltar lume do cachimbo.

– Olha que tal me saiu esse Semion. Nunca me viu, mas dá a sua aprovação. Que tipo!

– Ele nunca te viu. Inventava de propósito, para que as crianças não se desacostumassem de ti e para que amassem o pai.

– Mas para quê, para quê isso? Para mais depressa te conquistar?... Diz-me, o que é que ele queria?

– Talvez ele tenha bom coração, Aliocha, e por isso seja assim. Pois porque havia de ser?

– És tola, Liuba. Desculpa que te diga. Ninguém faz nada sem interesse.

– Mas Semion Evséitch trazia muitas vezes coisas para as crianças, trazia sempre reбуçados, ou farinha branca, ou açúcar, e ainda há pouco tempo trouxe umas botas de feltro para a Nástia, mas não lhe serviam, eram muito pequenas. E de nós não queria nada. Nós também não precisávamos de nada, Aliocha, conseguíamos viver, estávamos acostumados. Mas ele dizia que se sentia melhor na sua alma quando se ocupava dos outros, que então já não sentia tanto a falta da sua família morta. Tu hás-de vê-lo – não é nada como tu pensas...

– Tudo isso é um disparate pegado! – disse o pai. – Tu não me queiras enrolar... Estou a ficar farto de ti, Liuba. E quero continuar a viver...

– Vive connosco, Aliocha...

– Eu com vocês e tu com Senka-Evseik?

– Não, Aliocha. Ele nunca mais volta a nossa casa, eu digo-lhe que não volte nunca mais.

– Portanto, houve qualquer coisa, para não voltar

nunca mais?... Oh, como tu me saíste, Liuba, vocês mulheres são todas assim.

— E vocês como é que são? — perguntou a mãe, ofendida. — O que quer dizer somos todas assim? Eu não sou nada assim... Trabalhei de dia e de noite, fazíamos tijolos para as fornalhas das locomotivas. Fiquei com a cara estragada, estranha para todos, a mim nem um pedinte me pede esmola... Para mim também foi difícil, e as crianças sozinhas em casa. Eu voltava e a casa não estava aquecida, não havia comida feita, estava escuro, as crianças tristes, não aprenderam logo a tratar da casa, como agora. O Petruchka também era um rapazinho pequeno... E então Semion Evséievitch começou a vir a nossa casa. Chegava e ficava aí sentado com as crianças. “Posso vir a sua casa — perguntou-me — e aqueço-me aqui?” Eu disse que em nossa casa também estava frio e que a lenha estava húmida, mas ele respondeu-me: “Não faz mal, eu tenho até a alma enregelada, e ao menos sento-me ao lado dos seus filhos, e nem é preciso acender o fogão por mim”. Eu disse: está bem, venha por enquanto, consigo as crianças não terão tanto medo. Depois também me acostumei a ele e sentíamos-nos todos melhor quando ele vinha. Eu olhava para ele e lembrava-me de ti, que te tínhamos a ti... Sem ti era tudo tão triste e tão mau; ao menos que aparecesse alguém e assim já não seria tão difícil e o tempo passava mais depressa. Para que queríamos o tempo, quando tu não estavas cá!

— Bem, e que mais, que mais? — apressou-a o pai.

— Mais nada. Agora tu vieste, Aliocha.

— Ora bem, se é assim, está bem — disse o pai. — São horas de dormir.

Mas a mãe pediu:

— Espera mais um pouco. Vamos conversar ainda. Estou tão contente por teres voltado.

“Não há maneira de sossegarem — pensava Petruchka em cima do forno. — Fizessem as pazes e pronto; a mãe tem que se levantar cedo para ir trabalhar, e continua na conversa; alegrou-se antes do tempo, era melhor que parasse de chorar.”

— E esse Semion gostava de ti? — perguntou o pai.

— Espera, vou tapar a Nástia, ela destapa-se no sono e arrefece.

A mãe tapou a Nástia com o cobertor, saiu para a cozinha e parou junto ao forno, para escutar se Petruchka estava a dormir ou não. Petruchka compreendeu e começou a ressonar. Depois a mãe voltou para o quarto, e ele ouviu a voz dela:

— Certamente gostava. Eu via que ele olhava para mim com carinho e eu, como é que eu era? — ainda estarei bonita? Não era nada fácil para ele, Aliocha, e ele precisava de gostar de alguém.

— Podias ao menos dar-lhe um beijo, já que as coisas entre vocês estavam nesse ponto — disse o pai sem maldade...

— Ora essa! Ele é que me beijou duas vezes, mesmo sem eu querer.

— Porque fez ele isso, se tu não querias?

— Não sei. Ele disse que se descontrolou e que se recordava da mulher, e que eu era um pouco parecida com ela.

— E ele também é parecido comigo?

— Não, não é parecido. Ninguém é parecido contigo, tu és único, Aliocha.

— Sou um, dizes tu? Com um se começa a contar: um, depois dois.

— Ele só me beijou na face, e não nos lábios.

— Isso dá no mesmo.

— Não, Aliocha, não dá no mesmo... Que é que tu compreendes da nossa vida?

— O que é que eu compreendo? Eu combati durante toda a guerra, vi a morte mais perto de mim do que te vejo a ti...

— Tu combatias e eu aqui morria por ti, tremiam-me as mãos de desgosto e tinha que trabalhar com ânimo, para alimentar as crianças e ajudar o estado contra os inimigos fascistas.

A mãe falava calmamente, só o seu coração se atormentava, e Petruchka sentia pena: sabia que ela tinha aprendido a consertar os sapatos dela, dele e de Nástia para não ter que pagar ao sapateiro, e consertava os fogões eléctricos dos vizinhos a troco de batatas.

— E eu não podia continuar a suportar a vida e as saudades — disse a mãe. — Se continuasse assim morria, eu sei que morria, e tinha que criar os filhos... Precisava de sentir outra coisa qualquer, Aliocha, uma qualquer alegria, para ter sossego. Um homem disse que me amava, e tratava-me tão carinhosamente como tu me tratavas há muito tempo...

— Quem? Foi também esse tal Semion-Evsei? — perguntou o pai.

— Não, era outro homem. Trabalha como instrutor na secção distrital do nosso sindicato, foi evacuado...

— Ora, o diabo que o leve, seja ele o que for. E então, o que aconteceu? Ele consolou-te?

Petruchka não sabia nada acerca desse instrutor e

surpreendeu-se por não o conhecer. “Ora vejam, a nossa mãe também é levada da breca” – murmurou ele para si mesmo.

A mãe respondeu ao pai:

– Não recebi nada dele, nenhuma alegria, e depois senti-me ainda pior. A minha alma era atraída para ele, porque estava moribunda, mas quando ele ficou próximo de mim, muito próximo, eu fiquei indiferente, pensava na lida da casa e lamentei ter-lhe permitido tornar-se tão chegado. Compreendi que só contigo posso estar tranquila e feliz, e só contigo repouso, quando estás perto de mim. Sem ti não sei o que fazer, nem consigo continuar a viver para os filhos... Fica a viver connosco, Aliocha, será bom para todos nós!

Petruchka ouviu o pai levantar-se em silêncio da cama, acender o cachimbo e sentar-se num tamborete.

– Quantas vezes te encontraste com ele, quando ficaste muito íntima? – perguntou o pai.

– Só uma vez – disse a mãe. – Nunca mais aconteceu. E quantas vezes é preciso?

– Quantas queiras, é assunto teu – disse o pai. – Para que disseste que és a mãe dos nossos filhos, e que só foste mulher comigo, e mesmo isso há muito tempo...

– É verdade, Aliocha...

– Mas como é isso, que verdade é essa? Se com ele também foste mulher?

– Não, com ele não fui mulher, queria ser mas não consegui... Sentia que estava perdida sem ti, precisava de alguém que estivesse comigo, consumia-me, tinha o coração negro, e já nem conseguia amar os meus filhos, e tu sabes que por eles eu suporto tudo, por eles daria até os meus ossos!...

— Espera! — disse o pai. — Mas tu dizes que te enganaste com o teu novo Senka-Evseika, que não conseguiste dele qualquer alegria, e no entanto não te perdeste nem morreste, e ficaste inteira.

— Não me perdi — murmurou a mãe — estou viva.

— Portanto, também nisso me estás a mentir. Onde é que está a tua verdade?

— Não sei — murmurou a mãe. — Eu não sei grande coisa.

— Está bem. Em contrapartida eu sei muito, padeci mais do que tu — disse o pai. — Não passas duma galdéria.

A mãe ficou calada. O pai respirava depressa e com dificuldade.

— Ora bem, aqui estou eu em casa — disse ele. — A guerra acabou, mas tu feriste-me no coração... Pois muito bem, vive agora com o Senka e o Evseitch! Divertiste-te, fizeste troça de mim, mas eu também sou uma pessoa, não sou um brinquedo...

O pai começou a vestir-se e a calçar-se às escuras. Depois acendeu o candeeiro de querosene, sentou-se à mesa e deu corda ao relógio de pulso.

— Quatro horas — disse para si mesmo. — Ainda está escuro. É verdade o que dizem, mulheres há muitas, mas não se encontra uma esposa.

Fez-se silêncio em casa. Nástia respirava calmamente no divã. Petruchka colou-se à almofada em cima do forno quente e esqueceu-se de que devia rressonar.

— Aliocha! — disse a mãe com voz suave. — Aliocha, perdoa-me.

Petruchka ouviu o pai gemer e depois o quebrar de um vidro; por uma fresta da cortina viu que no quarto

onde estavam o pai e a mãe ficou mais escuro, mas a luz continuava acesa. “Ele partiu a chaminé do candeeiro – adivinhou Petruchka —, não há chaminés destas em parte nenhuma.”

– Cortaste a mão – disse a mãe. – Estás a sangrar, tira uma toalha da cómoda.

– Está calada! – gritou o pai. – Não posso ouvir a tua voz... Acorda os miúdos, agora mesmo!... Acorda-os, já te disse! Para eu lhes dizer a mãe que têm! Para que saibam!

Nástia gritou de medo e acordou:

– Mamã! – chamou ela. – Posso ir para a tua cama?

Nástia gostava de ir à noite para a cama da mãe e aquecer-se debaixo do cobertor dela.

Petruchka sentou-se em cima do forno com os pés para baixo e disse para todos:

– São horas de dormir! Porque é que me acordaram? Ainda não é de dia, está escuro lá fora! Para quê esse barulho e a luz acesa?

– Dorme, Nástia, dorme, ainda é cedo, eu vou para a tua cama – respondeu a mãe. – E tu, Petruchka, não te levantes, não digas mais nada.

– E vocês, porque é que estão a falar? O que é o pai quer? – disse Petruchka.

– O que tens tu com isso, o que é que eu quero! – respondeu o pai. – Ora tu, pareces um sargento-ajudante!

– Porque é que partiste a chaminé do candeeiro? Para que é que assustas a mãe? Ela já está tão magra, come as batatas sem manteiga e dá a manteiga à Nástia.

– E tu sabes o que a tua mãe fez por aqui, de que é que se ocupou? – gritou o pai em voz queixosa, como um miúdo pequeno.

– Aliocha! – disse Liubov Vassílievna docilmente.

– Sei, eu sei tudo! – disse Petruchka. – A mãe chorava por ti, esperava por ti, agora vieste e ela também chora. Tu é que não sabes!

– Tu ainda não compreendes nada! – zangou-se o pai. – Olha o rebento que nos cresceu aqui!

– Eu compreendo tudo, perfeitamente – respondeu Petruchka de cima do forno. – Tu é que não compreendes. Temos coisas que fazer, precisamos de viver, e vocês estão para aí a ralar, feitos parvos...

Petruchka calou-se; deitou a cabeça na almofada e chorou desesperadamente, em silêncio.

– Tomaste grande liberdade aqui em casa – disse o pai. – Mas agora também tanto faz, podes viver aqui como dono da casa...

Enxugando as lágrimas, Petruchka respondeu ao pai:

– Ah, tu, que pai me saíste, as coisas que dizes. Um homem adulto que esteve na guerra... Vai amanhã à cooperativa dos inválidos. Está lá ao balcão o tio Khariton, que corta o pão e não engana ninguém no peso. Também esteve na guerra e voltou para casa. Vai lá e pergunta-lhe, ele diz tudo e ri-se, eu mesmo o ouvi. A mulher dele, Aniuta, tirou a carta e agora anda a distribuir pão, e é boa pessoa, não rouba no pão. Ela também fazia amizades e fazia visitas, onde a convidavam. Esse conhecido dela tem uma condecoração, tem só um braço e trabalha num armazém, onde distribuem artigos industriais...

– Que estás tu para aí a dizer, é melhor que durmas, daqui a pouco é manhã – disse a mãe.

– Mas vocês também não me deixaram dormir... Ainda falta muito para amanhecer. Esse maneta fez-se

amigo de Aniuta e passaram a viver bem um com o outro. E Khariton estava na guerra. Depois Khariton veio e começou a praguejar contra a Aniuta. Praguejava todo o dia, e à noite bebia vinho e comia, e Aniuta chorava e não comia nada. Praguejou, praguejou, depois cansou-se, deixou de atormentar Aniuta e disse-lhe: “Grande coisa teres tido um maneta, mulher parva que tu és, pois eu entretanto tive Glachka, e Aproska, e Maruska, e Aniuta, tua homónima, e tive ainda a Magdalinka.” E ria-se, e a tia Aniuta também se ria, e depois ela mesma se gabava – Khariton ainda está um belo homem, melhor do que ele não há, andou a matar os fascistas e tem mulheres que nunca mais acabam. O tio Khariton conta-nos isso a todos lá na loja, enquanto recebe o pão. E agora vivem bem um com o outro, tranquilamente. E o tio Khariton ri-se outra vez, e diz: “Enganei a minha Aniuta, não tive ninguém – nem Glachka, nem Aniuta, nem Aproska, nem tive a Magdalinka, um soldado é filho da pátria, não tem tempo para viver como um estúpido, o seu coração está todo contra o inimigo. Disse isso de propósito para assustar a Aniuta...” Deita-te a dormir, pai, para quê a luz acesa sem a chaminé, só a fazer fumo...

Ivanov escutou com espanto a história que Petruchka lhe contava. “Olha que filho da mãe! — pensava o pai. — Eu já pensava que ele ia falar também da minha Macha...”

Petruchka ficou extenuado e pôs-se a ressonar; desta vez adormeceu de verdade. Acordou quando era já dia claro e assustou-se por ter dormido demais sem fazer nada em casa desde manhã.

Não estava ninguém em casa, além de Nástia.

Sentada no chão, folheava um livro com gravuras, que a mãe lhe comprara havia muito tempo. Ela olhava aquele livro todos os dias, porque não tinha mais nenhum, e percorria as letras com o dedo, como se lesse.

— Para que estás tu a sujar o livro logo de manhã? Arruma-o no lugar! — disse Petruchka à irmã. — A mãe, foi para o trabalho?

— Foi para o trabalho — respondeu Nástia em voz baixa e fechou o livro.

— E o pai, para onde é que ele foi? — Petruchka olhou em redor, na cozinha e no quarto. — Ele levou o saco?

— Levou — disse Nástia.

— E o que é que ele te disse?

— Não disse nada, beijou-me nos lábios e nos olhos.

— Pois, pois — disse Petruchka e ficou pensativo. — Levanta-te do chão — ordenou à irmã — e anda cá para eu te lavar e vestir, que vamos à rua.

Nesse momento o pai estava sentado na estação. Já tinha bebida duzentos gramas de vodca e tinha almoçado de manhã na cantina da estação. Ainda durante a noite decidira definitivamente ir para a cidade onde deixara Macha, para ali se encontrar de novo com ela e, talvez, nunca mais a deixar. Era pena que fosse muito mais velho do que a filha do banheiro, cujos cabelos tinham o cheiro dos campos. Mas logo se veria como as coisas resultariam, era impossível saber de antemão. Em todo o caso Ivanov tinha esperança de que Macha ficasse contente ao voltar a vê-lo, e isso para ele seria bastante: portanto também ele teria uma nova amiga muito chegada, e além disso bonita, alegre e de bom coração. Logo se veria!

Pouco depois chegou o comboio, que ia na direcção de onde Ivanov tinha chegado no dia anterior. Agarrou no saco e subiu para a plataforma. “Macha não está à minha espera – pensou Ivanov. – Disse-me que me havia de esquecer dela e que nunca mais nos veríamos, e agora vou ter com ela para sempre.”

Entrou na carruagem e manteve-se na plataforma, para, quando o comboio partisse, olhar uma última vez a pequena cidade onde vivera antes da guerra, onde os seus filhos tinham nascido... Queria olhar uma vez mais a casa que deixava; podia olhá-la da carruagem, porque a rua onde ficava a casa em que vivera ia dar à passagem de nível por onde passava o comboio.

O comboio arrancou e avançou lentamente pelas agulhas da estação em direcção aos campos outonais desertos. Ivanov agarrou-se ao corrimão da carruagem e olhou as casinhas, os edifícios, os barracões, a torre de vigia dos bombeiros da cidade, a sua cidade natal. Reconheceu duas altas chaminés ao longe: uma era da fábrica de sabão, a outra da fábrica de tijolos; ali trabalhava agora Liuba na prensa dos tijolos; deixá-la viver agora à sua maneira, e ele viveria a sua própria vida. Talvez pudesse perdoar-lhe, mas que significava isso? De qualquer modo o seu coração endurecera para com ela, e não havia nele perdão para uma pessoa que beijara outro e vivera com ele só para não passar tão triste e tão solitária o tempo da guerra, afastada do marido. E o facto de Liuba se ter aproximado do seu Semion ou Evsei movida pelas dificuldades da vida, pelo tormento da necessidade e da nostalgia, não era justificação, mas uma confirmação dos seus próprios sentimentos. Todo o amor decorre da necessidade e da

nostalgia; se a pessoa não necessitasse de nada e não sentisse nostalgia, nunca amaria outra pessoa.

Ivanov preparava-se para entrar no compartimento a fim de se deitar e dormir, sem querer já olhar uma última vez a cidade onde vivera e onde ficavam os seus filhos: não devia atormentar-se inutilmente. Olhou em frente, a ver se a passagem de nível ainda estaria longe, e viu-a imediatamente. Era ali que o caminho de ferro se cruzava com a estrada de terra batida que ia para a cidade; nessa estrada havia restos de palha e de feno caídos das carroças, ramos de salgueiro e esterco de cavalo. Habitualmente aquele caminho estava deserto, com excepção dos dois dias de mercado por semana; de longe em longe passava algum camponês para a cidade com uma carroça carregada de feno ou regressava para a aldeia. Assim estava agora; a estrada rural estava deserta. Apenas via, vindas da rua da cidade onde desembocava a estrada, duas crianças a correr. Uma era maior, a outra mais pequena, e a maior, que trazia a mais pequena pela mão, puxava-a depressa atrás de si. Mas a mais pequena, por muito que se apressasse, por muito que movesse diligentemente os pés, não conseguia acompanhar a maior. Então, a mais crescida arrastava-a. Junto à última casa pararam e olharam para o lado da estação, por certo a decidir se haviam de ir para lá. Depois olharam para o comboio de passageiros que atravessava a passagem de nível, e correram pela estrada em direcção ao comboio, como se de repente quisessem alcançá-lo. A carruagem onde Ivanov ia em pé ultrapassou a passagem de nível. Ivanov pegou no saco para entrar no compartimento e deitar-se a dormir no beliche, onde os outros passageiros o não incomodassem.

Mas aquelas duas crianças conseguiriam ou não alcançar ao menos a última carruagem do comboio? Ivanov debruçou-se da carruagem e olhou para trás.

As duas crianças, de mãos dadas, continuavam a correr em direcção à passagem de nível. Caíram as duas ao mesmo tempo, levantaram-se e continuaram a correr. A mais crescida levantou o braço e, voltando o rosto no sentido da marcha do comboio, acenou como quem chama alguém e lhe pede que volte. E então caíram de novo. Ivanov reparou que a criança mais crescida tinha um pé calçado com uma bota de feltro e o outro com uma galocha de borracha – e era por isso que caía tantas vezes.

Ivanov fechou os olhos, não querendo ver nem sentir a dor das crianças exaustas caídas no chão, e de repente sentiu um calor dentro do peito, como se o coração, encerrado e ansioso dentro dele, estivesse a bater há muito e em vão durante toda a sua vida, e só agora começasse a bater em liberdade, enchendo todo o seu ser de calor e de frémito. De repente reconheceu tudo aquilo que já conhecia antes, com muito mais precisão e autenticidade. Dantes sentia a vida através da barreira do amor-próprio e do seu próprio interesse, e agora de súbito tocava-a de coração descoberto.

Do estribo da carruagem olhou uma vez mais na direcção da cauda do comboio, para as crianças distantes. Agora já sabia que eram os seus filhos, Petruchka e Nástia. Certamente tinham-no visto quando a carruagem atravessava a passagem de nível, e Petruchka chamava-o para casa, para junto da mãe, e ele não lhes prestara atenção, pensava noutra coisa e não reconhecera os seus próprios filhos.

Agora Petruchka e Nástia corriam atrás do comboio, longe, pelo caminho de areia ao lado da linha; continuava a segurar a mão da pequena Nástia, arrastando-a quando ela não conseguia acompanhá-lo na corrida.

Ivanov atirou o saco para o chão, depois desceu para o último degrau e saltou do comboio para o caminho de areia por onde os seus filhos corriam atrás dele.

---

1. Stakhanovista: o mineiro Aleksandr Stakhánov lançou em 1935 um movimento para a introdução de inovações com o fim de melhorar a produtividade da economia. (N. T.)

Graham Greene

*Os destruidores*

Tradução de José Lima

Graham Greene nasceu em Berkhamsted, Hertfordshire, Inglaterra, em 1904. Começou a escrever desde muito novo para jornais e revistas universitárias. Em 1926 mudou-se para Londres, tendo trabalhado no *The Times* e outros jornais. Durante a Guerra trabalhou para o serviço de informações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e foi destacado para a África Ocidental, que viria a servir-lhe de cenário para *The Heart of the Matter*. Viajou como jornalista por vários países, incluindo o México onde se deslocara para estudar as perseguições religiosas que aí tinham lugar, escrevendo depois *O Poder e a Glória* (1940). É autor de vários romances bem conhecidos e traduzidos em muitíssimas línguas: *Brighton Rock* (1938); *The Third Man*, 1949; *O Fim da Aventura* (1951); *O Americano Tranquilo* (1955); *O Nosso Homem em Havana* (1958); *The Human Factor* (1978), entre outros.

Graham Greene morreu em 1991.

Extremamente versátil, romancista e contista brilhante, foi ainda dramaturgo e escreveu guiões e centenas de críticas de cinema e teatro. O conto que publicamos (no original, *The Destructors*) foi escrito para a *Harper's Magazine* e coligido na antologia *Twenty One Stories*, em 1954 (editora William Heinemann). A edição da Penguin é de 1970.

Foi na véspera do último feriado de Agosto<sup>1</sup> que o último recrutado se tornou no chefe do bando de Wormsley Common. Ninguém se admirou, a não ser Mike, mas Mike, aos nove anos, admirava-se com tudo. “Se não fechas a boca”, tinham-lhe dito certa vez, “ainda te entra nela uma rã.” A partir daí, Mike ficava sempre de dentes bem cerrados, a não ser que a surpresa fosse mesmo grande.

O novo recruta estava no bando desde o início das férias grandes, e havia no seu silêncio absorto possibilidades que todos reconheciam. Nunca desperdiçava uma palavra, nem que fosse para dizer o nome, até que isso lhe fosse exigido pelas regras. Quando disse “Trevor” era a afirmação de um facto e não, como teria sido com um dos outros, afirmação envergonhada ou desafio. E também ninguém se riu, a não ser Mike que, vendo-se sem apoio e deparando com o olhar sombrio do recém-chegado, abriu a boca e calou-se logo outra vez. Havia

todos os motivos para que T., como a partir daí passaram a chamar-lhe, se tornasse objecto de troça — havia o nome (e substituíram-no pela inicial porque se não, não teriam desculpa para não se rirem dele), o facto de o pai, antes arquitecto e agora empregado de escritório, ter “descido na vida” e de a mãe se considerar mais do que os vizinhos. O que havia de ser, senão uma qualidade qualquer ligada ao perigo, ao imprevisível, que o fez impôr-se no bando sem nenhuma dessas cerimónias ignóbeis de iniciação?

O bando reunia-se todas as manhãs num parque de estacionamento improvisado, no sítio da última bomba do primeiro *blitz*. O chefe, conhecido por Blackie, afirmava tê-la ouvido cair, e nenhum dos outros tinha as datas tão presentes que pudesse fazer notar que nessa altura ele tinha um ano e dormia ferrado no cais subterrâneo da estação de metro de Common. Num dos extremos do parque de estacionamento, amparava-se a primeira casa habitada, o nº 3, da arrasada Northwood Terrace — amparava-se, literalmente, pois fora atingida pela explosão da bomba e as paredes laterais apoiavam-se em escoras de madeira. Do outro lado tinha caído uma bomba mais pequena e bombas incendiárias, de modo que a casa se erguia tal um dente ratado e exhibia as relíquias das paredes da casa vizinha, um lambril, os restos de uma lareira. T., que limitava as palavras ao “Sim” ou “Não” das votações do plano de operações diariamente proposto por Blackie, um dia deixou todo o bando espantado dizendo com ar absorto: “Foi o Wren que construiu aquela casa, disse o meu pai.”

— Quem é o Wren?

— O homem que construiu St Paul.

– Isso que tem? – disse Blackie. – É só o Velho Desgraças.

O Velho Desgraças – cujo verdadeiro nome era Thomas – fora em tempos empreiteiro e pintor. Vivia só na casa desconjuntada, arranjando-se sozinho: uma vez por semana podiam vê-lo de volta a casa atravessando o baldio com pão e legumes, e certa vez em que os rapazes brincavam no estacionamento, ele assomou a cabeça acima do muro do jardim e ficou a vê-los.

– Foi à retrete – disse um dos rapazes, pois todos sabiam que desde que tinham caído as bombas as canalizações da casa tinham ficado avariadas e o Velho Desgraças era demasiado sovina para gastar dinheiro na propriedade. As pinturas podia fazê-las ele a preço de custo, mas nunca tinha aprendido nada de canalizações. A retrete era uma barraca de madeira ao fundo do jardim estreito, com um buraco na porta em forma de estrela: escapara à explosão que estilhaçara a casa do lado e tinha aspirado os caixilhos das janelas do nº 3.

A segunda vez em que o bando deu pelo Sr. Thomas foi mais surpreendente. Blackie, Mike e um rapaz amarelento e magro, a quem sabe-se lá porquê tratavam pelo apelido, Summers, cruzaram-se com ele no baldio quando voltava das compras. O Sr. Thomas deteve-os. Disse, sorumbático: “Vocês são daquele grupo que brinca no estacionamento?”

Mike ia a responder, mas Blackie fê-lo calar. Como chefe tinha as suas responsabilidades: “E se fôssemos?” – disse ele ambigualmente.

– Tenho aqui uns chocolates – disse o Sr. Thomas. – Eu não aprecio. Tomem lá. Não me parece que dê para todos. Nunca dá – acrescentou com sombria

convicção. Estendeu-lhes três embalagens de Smarties.

O bando ficou atônito e perturbado com este gesto e tentou explicá-lo. “Aposto que alguém os deixou cair e ele os apanhou” – sugeriu um deles.

– Gamou-os e depois ficou morto de cagaço – pensou outro em voz alta.

– É para nos comprar – disse Summers. – Para ver se deixamos de bater as bolas na parede da casa dele.

– Vamos mostrar-lhe que a nós ninguém nos compra – disse Blackie, e sacrificaram a manhã inteira ao jogo de bater a bola, de que só Mike, por ser assim tão novo, podia gostar. O Sr. Thomas não deu sinal.

No dia seguinte T. deixou-os a todos espantados. Chegou atrasado ao encontro, e a votação da proeza do dia fez-se sem ele. Por sugestão de Blackie, o grupo devia dispersar aos pares, apanhar autocarros ao calhas e ver quantas viagens grátis conseguiam sacar aos cobradores distraídos (a operação tinha de ser realizada aos pares, para evitar batotas). Estavam a tirar à sorte os parceiros quando T. chegou.

– Onde é que tens andado, T.? – perguntou Blackie. – Agora já não podes votar. Sabes as regras.

– Estive lá – disse T. Olhava para o chão, como se tivesse pensamentos a esconder.

– Onde?

– Em casa do Velho Desgraças. – A boca de Mike abriu-se e fechou-se apressadamente com um clique. Lembrara-se da rã.

– Em casa do Velho Desgraças? – disse Blackie. Não havia nada nas regras contra isso, mas tinha a sensação de que T. pisava terreno perigoso. Perguntou esperançado: – Entraste às escondidas?

- Não. Toquei à campainha.
- E que disseste?
- Disse que queria ver a casa.
- Que fez ele?
- Mostrou-ma.
- Gamaste alguma coisa?
- Não.
- Então para que é que lá foste?

O bando tinha-se juntado em círculo: era como se estivesse a formar-se um tribunal improvisado para julgar um caso de divergência. T. disse: “A casa é bonita”, e sempre a olhar para o chão, sem encarar ninguém, passou a língua pelos lábios, primeiro para um lado, depois para o outro.

– Bonita, como? – perguntou Blackie com desdém.

– Tem umas escadas com duzentos anos como um saca-rolhas. Sem nada a segurá-la.

– Sem nada a segurá-la, como? Flutua?

– Tem a ver com forças opostas, disse o Velho Desgraças.

– E que mais?

– Tem painéis de madeira.

– Como no Javali Azul?

– Com duzentos anos.

– O Velho Desgraças tem duzentos anos?

Mike riu de repente e depois calou-se novamente. A reunião tinha um ar sério. Pela primeira vez desde que T. entrara no estacionamento no primeiro dia das férias a posição dele estava em perigo. Bastava alguém dizer uma só vez o verdadeiro nome dele para o bando se lhe atirar às canelas.

— Porque é que fizeste isso? — perguntou Blackie. Blackie era justo, não tinha ciúmes, estava muito interessado em manter T. no bando se pudesse. Era a palavra “bonita” que o preocupava — era uma palavra que pertencia a um mundo de classe que ainda se via parodiado no Wormsley Common Empire com um homem de cartola e monóculo, de sotaque afectado. Estava tentado a dizer: “Caro Trevor, meu velho” e soltar-lhe às canelas os cães danados. “Se tivesses entrado às escondidas — disse ele pesaroso — ainda tinha sido uma proeza digna do bando.”

— Isto foi melhor — disse T. — Descobri coisas. — Continuava a olhar para os pés, sem cruzar o olhar dos outros, como que absorvido num qualquer sonho que não queria — ou que o envergonhava — partilhar.

— Que coisas?

— O Velho Desgraças vai estar fora o dia todo de amanhã e no feriado de segunda-feira.

Blackie disse aliviado: “Queres dizer que podemos entrar lá?”

— E gamar coisas? — perguntou outro.

Blackie disse: “Ninguém vai roubar coisa nenhuma. Entrar lá... já chega, não chega? Não queremos cá nada com tribunais.”

— Não quero gamar nada — disse T. — Tenho uma ideia melhor.

— Qual é?

T. ergueu os olhos, tão cinzentos e perturbados como esse dia pardacento de Agosto. “Vamos deitá-la abaixo — disse ele. — Vamos destruí-la.”

Blackie soltou uma risadinha única e depois, como Mike, calou-se, intimidado pelo olhar sério e implacável.

“E a polícia o que andar­á a fazer esse tempo todo?” – disse ele.

– Não vão dar por nada. Vamos fazer a coisa por dentro. Descobri uma maneira de entrar – disse ele com uma certa veemência. – Fazemos como um bicho, estás a ver, dentro da maçã. Quando voltarmos a aparecer não haverá lá nada, nem escadas, nem painéis, só paredes, e então arranjam­os maneira de deitar as paredes abaixo.

– Vamos parar à gaiola – disse Blackie.

– Quem pode provar? E além disso não vamos gamar nada – disse ele sem o mínimo vislumbre de regozijo. – Quando acabarmos, não há-de haver nada para gamar.

– Nunca ouvi dizer que se ia preso por partir coisas – disse Summers.

– Não vai dar tempo – disse Blackie. – Já vi demolir casas.

– Somos doze – disse T. – Vamo-nos organizar.

– Nenhum de nós sabe como...

– Bem sei – disse T. Olhou Blackie nos olhos. – Tens um plano melhor?

– Hoje – disse Mike sem tacto nenhum – vamos andar de autocarro à borla...

– Andar à borla – disse T. – Coisa de miúdos. Podes não alinhar, Blackie, se preferes...

– O bando tem de ir a votos.

– Então faz lá a votação.

Blackie disse constrangido. “Há uma proposta para amanhã e depois de amanhã destruímos a casa do Velho Desgraças.”

– Apoiado, apoiado – disse um rapaz gordo chamado Joe.

– Quem é a favor?

T. disse: “Está aprovado.”

– Como é que começamos? – disse Summers.

– Ele que diga – disse Blackie. Era o fim da sua liderança. Afastou-se para o fundo do estacionamento e começou aos pontapés a uma pedra, rolando-a de um lado para outro. Havia apenas um velho Morris no estacionamento, pois eram poucos os carros que ali deixavam, além dos caminhões: sem um empregado, não havia segurança. Atirou um chuto em altura contra o carro e arrancou um pouco da pintura do guarda-lamas traseiro. Ao fundo, não lhe prestando mais atenção do que a outro desconhecido qualquer, o bando tinha-se reunido à volta de T.; Blackie apercebia-se vagamente da volatilidade do poder. Pensou em ir para casa, em nunca mais voltar, em deixar que eles descobrissem a inconsequência da chefia de T., mas suponha-se que apesar de tudo o que T. propôs fosse possível – nunca se tinha feito nada de semelhante antes. A fama do bando do parque de estacionamento de Wormsley Common havia de chegar a toda a cidade de Londres. Haveria grandes títulos nos jornais. Mesmo os bandos dos crescidos que controlam as apostas de luta livre e os feirantes haveriam de ouvir com respeito como a casa do Velho Desgraças tinha sido destruída. Guiado pela pura, simples e altruísta ambição de fama para o bando, Blackie voltou para onde estava T. à sombra do muro do Velho Desgraças.

T. dava ordens com determinação: era como se este plano o tivesse acompanhado a vida toda, ponderado estações a fio, e agora aos quinze anos tivesse cristalizado com as dores da puberdade. “Tu, – disse ele para Mike

— trazes alguns pregos grandes, os maiores que arranjares, e um martelo. Todos os que puderem, era bom trazerem um martelo e uma chave de parafusos. Vamos precisar de bastantes. Escopros também. Escopros nunca são demais. Alguém pode trazer uma serra?”

— Posso eu — disse Mike.

— Não é uma serra de brincar — disse T. — Uma serra a sério.

Blackie apercebeu-se de que tinha posto a mão no ar como outro membro qualquer do bando.

— Ótimo, trazes tu uma, Blackie. Mas agora há um problema. Precisamos de uma serra mecânica.

— Que é uma serra mecânica? — perguntou um deles.

— Pode comprar-se no Woolworth's — disse Summers.

O rapaz gordo chamado Joe disse descoroçoado :  
“Já sabia que isto ia acabar numa quete.”

— Eu arranjo uma — disse T. — Não quero o vosso dinheiro. Mas não posso comprar um malho.

Disse Blackie: “O nº 15 está em obras. Eu sei onde é que eles deixam as coisas durante o feriado.”

— Então é tudo — disse T. — Encontramo-nos aqui às nove em ponto.

— Tenho de ir à missa — disse Mike.

— Vens até ao muro e assobias. Nós abrimos-te.

## 2

Com excepção de Blackie, no domingo de manhã todos foram pontuais, mesmo Mike. Mike teve um golpe de sorte. A mãe sentiu-se doente, o pai estava cansado depois da noite de sábado, e disseram-lhe para ir sozinho à igreja com muitos avisos do que lhe acontecia

se faltasse. Blackie teve dificuldades em surripiar a serra e depois em descobrir o malho nas traseiras do nº 15. Aproximou-se da casa por um caminho ao fundo do jardim, com medo da ronda da polícia na rua principal. As cansadas sempre-vivas escondiam um sol de tempestade: por cima do Atlântico preparava-se outro feriado de chuva, começando com uns torvelinhos de poeira por baixo das árvores. Blackie saltou o muro do jardim do Desgraças.

Não se via vivalma em parte nenhuma. A rerete erguia-se como uma tumba no quintal desleixado. As cortinas estavam fechadas. A casa dormia. Blackie aproximou-se esforçadamente com a serra e o malho. Talvez ninguém tivesse aparecido, afinal: o plano tinha sido uma ideia louca: tinham acordado mais sensatos. Mas quando chegou perto da porta das traseiras ouviu um ruído confuso pouco mais alto do que um enxame numa colmeia: um clique-claque, um bang-bang, um raspar, um ranger, um súbito estalido doloroso. Blackie pensou: é verdade, e assobiou.

Abriram-lhe a porta das traseiras e ele entrou. Teve uma impressão imediata de organização, muito diferente do velho deixa-andar sob a sua chefia. Durante algum tempo, andou por ali a subir e a descer escadas à procura de T. Ninguém lhe falou: teve um sentimento de imensa urgência, e começava já a poder ver o plano. O interior da casa estava a ser cuidadosamente demolido, sem tocarem nas paredes. Summers, de martelo e escopro arrancava os painéis a toda a volta da sala de jantar do rés do chão. Já tinha destruído os painéis da porta. Na mesma sala, Joe levantava os tacos do chão, deixando à mostra as tábuas por cima da cave. Dos painéis

arrombados saíam espiras de fios e Mike sentado no chão cortava alegremente os fios.

Dois do bando trabalhavam afanosamente na balaustrada da escada em caracol, com uma serra inadequada – quando viram a serra grande de Blackie, pediram-na com um gesto. Quando os voltou a ver, um quarto da balaustrada tinha sido atirado para o átrio da entrada. Encontrou T. finalmente na casa de banho – estava sentado absorto na divisão menos cuidada da casa, atento aos sons que vinham de baixo.

– ConseguiSTE mesmo fazer isto – disse Blackie com espanto. – O que é que se vai passar?

– Ainda agora começámos – disse T. Reparou no malho e deu as suas ordens – Ficas aqui e partes a banheira e o lavatório. Não liguEs às canalizações. Ficam para depois.

Mike surgiu à porta. “Acabei os fios, T.” – disse ele.

– Ótimo. Agora tens de dar uma volta por aí. A cozinha é na cave. Escaqueira a loiça toda, os copos e garrafas que te apareçam. Não abras as torneiras... Não queremos nenhuma inundação... para já. Depois entra em todos os quartos e despeja as gavetas. Se estiverem fechadas, chama um dos outros para as arrombar. Rasga os papéis que encontrares e parte todos os bibelôs. É melhor lebares uma faca grande da cozinha. O quarto de dormir é aqui em frente. Abre as almofadas e rasga os lençóis. Para já é tudo. E tu, Blackie, quando acabares aqui rebenta o estuque com esse malho.

– E tu que vais fazer? – perguntou Blackie.

– Ando à procura de uma coisa especial – disse T.

Era quase hora de almoço quando Blackie acabou e saiu à procura de T. O caos progredira. A cozinha era

uma hecatombe de louça e vidros partidos. À sala de jantar tinham sido arrancados os tacos, os rodapés, a porta tirada dos gonzos, e os destruidores tinham passado para o andar de cima. Pelas persianas fechadas passavam réstias de luz no sítio onde eles trabalhavam com a seriedade de criadores – e a destruição ao fim e ao cabo é uma forma de criação. Um certo tipo de imaginação vira esta casa tal como agora estava.

Mike disse: “Tenho de ir a casa almoçar.”

– Quem mais tem de ir? – perguntou T., mas todos os outros com uma ou outra desculpa tinham trazido de comer.

Acocoraram-se no meio das ruínas da sala e trocaram as sanduíches que não queriam. Meia hora para almoçar e estavam de volta ao trabalho. Na altura em que Mike voltou estavam no andar de cima, e por volta das seis a destruição à superfície estava completa. As portas estavam todas tiradas, todos os painéis levantados, a mobília saqueada, rasgada e espatifada – ninguém poderia dormir na casa a não ser numa cama de estuque partido. T. deu as suas ordens – às oito no dia seguinte, e para não darem nas vistas saltaram um a um o muro do jardim, para o parque de estacionamento. Ficaram só Blackie e T.: a luz quase desaparecera, e quando tocaram num interruptor, não se acendeu nada – Mike tinha feito um trabalho cuidado.

– Encontrei alguma coisa especial? – disse Blackie.

T. fez que sim com a cabeça. “Anda cá – disse ele. – Olha.” De dois dos bolsos tirou maços de notas de libra. “As poupanças do Velho Desgraças – disse ele. – O Mike rasgou o colchão, mas não as viu.”

– Que vais fazer? Reparti-las?

– Não somos ladrões – disse T. – Ninguém vai roubar nada nesta casa – Guardei-as para ti e para mim, para festejar. – Ajoelhou-se no soalho e contou-as: ao todo havia setenta. – Vamos queimá-las – disse ele – uma a uma. – E pegando à vez numa nota seguravam-na ao alto e acendiam o canto de cima, de maneira a que a chama ardesse lentamente até aos dedos. A cinza cinzenta flutuou acima deles e caiu-lhes na cabeça como idade. – Gostava de ver a cara do Velho Desgraças quando tivermos acabado – disse T.

– Odeia-lo assim tanto? – perguntou Blackie.

– Claro que não o odeio – disse T. – Não tinha piada nenhuma se o odiasse. – A última nota ao arder iluminava-lhe o rosto absorto – Isso do ódio e amor – disse ele – é tudo uma lamechice e uma data de baboseiras. A única coisa que há são as coisas, Blackie – e olhou à volta da sala habitada pelas sombras inusitadas de meias coisas, coisas partidas, coisas que tinham sido coisas. – Vamos fazer uma corrida até tua casa, Blackie – disse ele.

### 3

Na manhã seguinte começou a destruição a sério. Dois tinham faltado – Mike e outro rapaz, cujos pais iam a Southend e Brighton apesar das lentas pingas mornas que tinham começado a cair e do rolar do trovão no estuário, como os primeiros disparos do antigo blitz. “Temos de nos despachar” – disse T.

Summers estava nervoso. “Não fizemos já que chegue? – perguntou. – Deram-me um umas c’roas para jogar nas máquinas. Isto é como se fosse trabalho.”

– Ainda mal começámos – disse T. – Bolas, ainda faltam os soalhos todos, e as escadas. Não arrancámos uma única janela. Votaste como os outros. Vamos *destruir* esta casa. Não vai ficar nada quando tivermos acabado.

Começaram de novo pelo primeiro andar arrancando as tábuas do soalho junto da parede exterior, deixando à mostra as vigas do sobrado. Depois serraram as vigas e retiraram para a entrada, ao mesmo tempo que o que restava do soalho cedia e soçobrava. Tinham aprendido com a prática, e o segundo soalho desmoronou-se mais facilmente. Ao fim da tarde foram possuídos por um estranho júbilo ao olharem para o fundo do grande espaço oco da casa. Correram riscos e cometeram erros: quando pensaram nas janelas, já não lhes podiam chegar. “Ena, pá”, disse Joe, e deixou cair uma moeda para o poço seco cheio de lixo. A moeda tintilou e rodopiou no meio do vidro partido.

– Porque começámos isto? – perguntou Summers, atónito; T. estava já no chão, remexendo nos escombros, abrindo um espaço ao longo da parede exterior. “Abram as torneiras”, disse ele. “Com este escuro agora ninguém vê, e de manhã já não importa.” A água apanhou-os nas escadas e caiu pelos quartos sem soalho.

Foi então que ouviram o assobio de Mike nas traseiras. “Passa-se alguma coisa”, disse Blackie. Ouviam a respiração ofegante dele quando lhe abriram a porta.

– Os chuis? – perguntou Summers.

– O Velho Desgraças – disse Mike. – Vem aí – disse, com orgulho.

– Mas como? – disse T. – Ele disse-me... – Protestou com a raiva da criança que nunca fora. – Não está certo.

– Estava lá em Southend – disse Mike – e vinha no comboio para cá. Disse que estava muito frio e húmido.  
– Fez uma pausa e reparou na água. – Ena, tiveram uma tempestade aqui. O telhado mete água?

– Quanto tempo demora?

– Cinco minutos. Fugi da minha mãe e vim a correr.

– É melhor pirarmos – disse Summers. – De qualquer maneira, o que fizemos chega.

– Ah, não, não chega nada. Isto qualquer um fazia.  
– “Isto” era a casa desfeita e esvaziada, reduzida às paredes. No entanto as paredes podiam ser recuperadas. As fachadas eram valiosas. Podiam construí-la por dentro, ainda mais bonita do que antes. Isto podia voltar a ser a casa de alguém. T. disse raivoso: – Temos de acabar. Não se mexam. Deixem-me pensar.

– Não há tempo – disse um dos rapazes.

– Tem de haver maneira – disse T. – Não é possível termos chegado a este ponto...

– Já fizemos muito – disse Blackie.

– Não. Não fizemos nada. Alguém que vá vigiar a frente.

– Não podemos fazer mais nada.

– Ele pode entrar pelas traseiras.

– Vigiem as traseiras também. – T. começou a pedir: – Dêem-me só um minuto e eu resolvo isto. Palavra que resolvo. – Mas a autoridade dele tinha-se ido com a sua ambiguidade. Era apenas um do bando. – Por favor – disse ele.

– Por favor – imitou-o Summers, e então inesperadamente disparou em cheio com o nome fatal. – Vai para casa, Trevor.

T. ficou especado, de costas para os escombros como

um pugilista encostado às cordas, esmurrado até ficar zozno. Ficou sem palavras, enquanto os sonhos dele vacilavam e lhe fugiam. Depois Blackie agiu antes que o bando tivesse tempo de se rir, empurrando Summers para trás. “Eu vigio a frente, T.”, disse ele, e cautelosamente abriu as persianas da entrada. O baldio cinzento molhado estendia-se em frente, e os candeeiros cintilavam nos charcos. “Vem aí alguém, T. Não, não é ele. Qual é o teu plano, T.?”

– Diz ao Mike que vá para a retrete e se esconda ao lado dela. Quando me ouvir assobiar ele que conte até dez e desate a gritar.

– Gritar o quê?

– Oh, ‘Socorro’, uma coisa assim.

– Estás a ouvir, Mike? – disse Blackie. Era ele o chefe novamente. Deu uma olhadela rápida por entre as persianas. – Vem aí, T.

– Rápido, Mike. A retrete. Fica aqui, Blackie, e vocês todos, até eu chamar.

– Onde vais, T.?

– Não te preocupes. Eu trato disto. Disse que tratava, não disse?

O Velho Desgraças descia a coxear pelo baldio. Tinha lama nos sapatos e parou para os limpar na esquina do passeio. Não queria sujar a casa, que se erguia irregular e escura no espaço entre as crateras das bombas, salva à justa, pensava ele, da destruição. Até a janela por cima da porta escapara intacta ao impacto da bomba. Alguém assobiou algures. O Velho Desgraças olhou vivamente em redor. Desconfiava dos assobios. Uma criança gritava: parecia vir do seu próprio jardim. Depois apareceu um rapaz a correr pela rua fora vindo

do estacionamento. "Sr. Thomas", chamou ele. "Sr. Thomas."

— Que é?

— Peço imensa desculpa, sr. Thomas. Um de nós estava aflito e pensámos que o senhor não se importava e agora ele não consegue sair.

— Que queres tu dizer, rapaz?

— Ficou fechado na sua retrete.

— Não tinha nada que... Não te conheço já?

— Mostrou-me a sua casa.

— Pois foi. Pois foi. Isso não te dá o direito de...

— Venha depressa, Sr. Thomas. Ele está a sufocar.

— Que disparate. Qual sufocar? Espera que eu ponha a mala em casa.

— Eu levo-lhe a mala.

— Oh, não, não levas nada. Eu posso levá-la.

— Por aqui, sr. Thomas.

— Não posso entrar no jardim por aí. Tenho de passar pela casa.

— Mas o senhor *pode* entrar assim no jardim, sr. Thomas. Fazemos isso muitas vezes.

— Fazem muitas vezes? — Seguiu o rapaz com um fascínio escandalizado. — Quando? Com que direito...?

— Está a ver...? O muro é baixinho.

— Não me vou pôr a saltar muros para entrar no meu próprio jardim. É absurdo.

— É como nós fazemos. Um pé aqui, um pé ali, e pronto. — A cara do rapaz espreitou para baixo, um braço irrompeu, e o sr. Thomas viu a mala a ser agarrada e deposta do outro lado do muro.

— Dá-me cá a mala — disse o sr. Thomas. Da casinha um rapaz berrava, berrava — Vou chamar a polícia.

– A sua mala está bem, sr. Thomas. Um pé aqui. À sua direita. Agora um pouco acima. À sua esquerda. – O sr. Thomas trepou o muro do seu próprio jardim. – Aqui tem a sua mala, sr. Thomas.

– Vou mandar subir este muro – disse o sr. Thomas.  
– Não vos quero ter a entrar aqui, a usar a minha retrete  
– Tropeçou no carreiro, mas o rapaz agarrou-o pelo cotovelo e aguentou-o. – Obrigado, obrigado, meu rapaz  
– murmurou automaticamente. Alguém gritou novamente no escuro. – Já vou, já vou – gritou o sr. Thomas. Disse para o rapaz ao lado dele. – Sou uma pessoa compreensiva. Também já fui rapaz. Desde que as coisas se façam como deve ser. Não me importo que andem a brincar à volta da minha casa nos sábados de manhã. Às vezes gosto de ter companhia. Mas tudo como deve ser. Um de vocês pede licença e eu digo que sim. Outras vezes posso dizer que não. Se não me apetecer. E entram pela porta da frente e saem pelas traseiras. Nada de muros de jardim.

– Tire-o de lá de dentro, sr. Thomas.

– Não corre perigo nenhum na minha retrete – disse o sr. Thomas, aos tropeções descendo vagarosamente o jardim. – Ah, o meu reumático – disse ele. – Apanho sempre isto neste feriado. Tenho de andar com cuidado. Há aqui pedras soltas. Dá-me a tua mão. Sabes o que dizia o meu horóscopo ontem? “Abster-se de quaisquer negócios na primeira metade da semana. Perigo de queda grave. Pode muito bem ser neste carreiro. – disse o sr. Thomas. – Falam sempre por parábolas e segundos sentidos. – Deteve-se à porta da retrete. – Que se passa aí dentro? – gritou. Não houve resposta.

– Se calhar desmaiou – disse o rapaz.

— Na minha retrete não. Ouve lá, ó tu, sai daí — disse o sr. Thomas, e dando um grande sacão à porta quase caiu de costas quando ela se abriu com toda a facilidade. Uma mão segurou-o primeiro e depois empurrou-o com força. A cabeça bateu na parede oposta e ele caiu pesadamente sentado no chão. A mala atingiu-lhe os pés. Uma mão sacou a chave da fechadura e a porta bateu. — Deixa-me sair — berrou, e ouviu a chave rodar na fechadura. “Uma queda grave”, pensou ele, e sentiu-se trémulo, confuso e velho.

Uma voz dirigiu-se a ele, baixinho, pelo buraco em forma de estrela que havia na porta. “Não se aflija, sr. Thomas — dizia — não lhe fazemos mal, isto é, se ficar sossegado.” O sr. Thomas pôs a cabeça entre as mãos e reflectiu. Tinha reparado que só havia um camião no parque de estacionamento, e sabia de certeza que o camionista não viria buscá-lo senão de manhã. Ninguém o podia ouvir da rua em frente, e o caminho nas traseiras raramente era usado. Alguém que ali passasse iria com pressa de chegar a casa e não ia parar por causa daquilo que de certeza tomaria por berros de algum bêbado. E se gritasse “Socorro” quem é que na noite de um feriado solitário teria a coragem de ir ver o que era? O sr. Thomas sentou-se na retrete e reflectiu com a sabedoria da idade.

Passado um bocado pareceu-lhe que havia sons no silêncio — débeis e vinham do lado da casa. Levantou-se e espreitou pelo buraco de ventilação — por entre as frinchas num dos estores viu uma luz, não a luz de uma lâmpada, mas uma luz trémula como a de uma vela. Depois pensou ter ouvido martelar, raspar e rachar. Pensou em ladrões — talvez tivessem usado o rapaz como vigia, mas por que é que ladrões haviam de se lançar

naquilo que parecia cada vez mais uma espécie de carpintaria furtiva? O sr. Thomas soltou um grito experimental, mas ninguém respondeu. O barulho nem sequer devia ter chegado aos seus inimigos.

4

Mike tinha-se ido deitar, mas os outros ficaram. A questão da chefia já não preocupava o bando. Com pregos, escopros, chaves de fendas, tudo o que fosse aguçado e perfurante, andavam de volta das paredes, ocupados com a argamassa entre os tijolos. Começaram alto demais, e foi Blackie que ao bater na barreira de vapor percebeu que o trabalho podia ser reduzido a metade se desfizessem as juntas imediatamente acima. Era um trabalho demorado, cansativo, nada divertido, mas finalmente ficou pronto. A casa esventrada manteve-se assim equilibrando-se em cima de uns centímetros de argamassa entre a barreira de vapor e os tijolos.

Restava a tarefa mais perigosa de todas, lá fora na borda do sítio da bomba. Summers foi enviado a vigiar se alguém passava na rua, e o sr. Thomas, sentado na retrete, ouvia agora claramente o som da serra. Não vinha já da casa, e isso tranquilizou-o um pouco. Sentia-se menos preocupado. Talvez os outros ruídos também não quisessem dizer nada.

Uma voz chamou por ele através do buraco: "Sr. Thomas."

— Deixem-me sair — disse o sr. Thomas severo.

— Tem aqui um cobertor — disse a voz, e enfiaram pelo buraco uma comprida salsicha cinzenta que caiu num rolo em cima da cabeça do sr. Thomas.

— Não temos nada contra si — disse a voz. — Queremos que passe a noite confortável.

— A noite — repetiu o sr. Thomas, incrédulo.

— Apanhe aí — disse a voz. — Pãezinhos de leite... Pusemos-lhe manteiga, e folhados de salsicha. Não queremos que passe fome, sr. Thomas.

O sr. Thomas rogou, desesperado: “Uma partida é uma partida, rapaz. Deixa-me sair que eu não digo nada. Tenho reumatismo. Tenho de dormir confortável.”

— Não ia estar confortável, pelo menos não em sua casa. Agora já não

— Que queres dizer, rapaz? — Mas os passos afastaram-se. Havia apenas o silêncio da noite: nenhum ruído de serra. O sr. Thomas tentou mais uma vez gritar, mas foi desencorajado e reprovado pelo silêncio — longe dali um mocho piou e afastou-se no seu voo abafado pelo mundo insonoro.

Às sete da manhã do dia seguinte, o camionista veio buscar o camião. Subiu para o lugar e tentou ligar o motor. Teve a vaga consciência de uma voz a gritar, mas não era nada com ele. Por fim o motor pegou e ele recuou o camião até tocar a grande escora de madeira que aguentava a casa do sr. Thomas. Desse modo, podia sair a direito e entrar na rua sem fazer marcha atrás. O camião avançou, imobilizou-se por instantes como se alguma coisa o puxasse por trás, e depois avançou ao som de um longo ribombar de desmoronamento. O camionista ficou espantado ao ver tijolos a rolar à frente dele, enquanto em cima do tejadilho caíam pedras. Travou. Quando saltou para fora a paisagem tinha-se alterado subitamente. Não havia casa nenhuma junto ao parque de estacionamento, apenas um monte de

escombros. Deu a volta e examinou a traseira do caminhão a ver se havia estragos, e descobriu uma corda ainda enrolada, na outra ponta, a uma escora de madeira.

O camionista apercebeu-se novamente de alguém que gritava. Vinha da construção de madeira que era a coisa mais parecida com uma casa naquela desolação de tijolos partidos. O camionista trepou o muro desmoronado e abriu a porta. O sr. Thomas saiu da retrete. Trazia um cobertor cinzento a que se colavam bocados do pastel. Solto um grito soluçante: "A minha casa – disse ele. – Onde está a minha casa?"

– Não faço ideia! – disse o camionista. O olhar dele poisou nos restos de uma banheira e naquilo que antes fora um aparador e desatou-se a rir. Não tinha ficado nada em parte nenhuma.

– Como se atreve a rir – disse o sr. Thomas. – Era a minha casa. A minha casa.

– Desculpe – disse o camionista, fazendo esforços heróicos, mas quando se lembrou do sacão repentino do caminhão, o desabar dos tijolos, desatou de novo em convulsões. Ainda há pouco a casa se mantinha ali erecta com enorme dignidade no meio das crateras das bombas como um homem de cartola, e depois, catrapum, não tinha ficado nada – nada de nada. Disse: – Desculpe. Não consigo resistir, sr. Thomas. Não me leve a mal, mas tem de reconhecer que tem piada.

1954

---

<sup>1</sup> No original "August Bank Holiday", dia feriado na última segunda-feira de Agosto. Os restantes "bank holidays" são feriados móveis consagrados na lei inglesa, que têm lugar sempre que alguns feriados fixos – o Natal, o Ano Novo, o Primeiro de Maio – calham num fim-de-semana. Nos "bank holidays", todos os bancos fecham, assim como grande parte do comércio.

José Martins Garcia

*Performance*

**José Martins Garcia** (1941-2003) nasceu na Ilha do Pico e licenciou-se em Filologia Românica em Lisboa. Foi professor do ensino secundário, leitor de português na Faculdade de Letras da Universidade Católica de Paris e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Terminou a sua carreira de docente na Universidade dos Açores, tendo falecido em Novembro de 2002, cerca de um ano após o abandono do ensino.

Subscreveu uma tese inovadora sobre Fernando Pessoa e foi um dos primeiros biógrafos de Vitorino Nemésio.

Colaborou em diversas revistas e publicações, nomeadamente o jornal *República*, *A Capital*, *Jornal do Fundão*, *Diário de Notícias*, entre outros. Personalidade polémica, tornou-se conhecido como um dos primeiros autores portugueses a escrever sobre a guerra colonial, destacando-se na sua obra *Katafaraum é uma Nação* (1974), *Lugar de Massacre* (1975) e *A Fome* (1978).

Mal refeito do pifo e muito picado dos mosquitos, com os olhos inchados e os braços quase em carne viva, chegou o alferes miliciano Ramalho a Takiá, povoação implantada em esplêndido verde, na planura enorme.

Uma escolta reduzida montava a segurança à pista de terra batida que, vista do ar, não passava duma diminuta clareira castanha entre a vegetação densa. Havia uma auto-metralhadora circulando sem cessar. O alferes Ramalho, completamente regado de suor, lançou uma olhadela através do ar espesso. Era quase meio-dia e a humidade, aliada à alta temperatura, criava uma espécie de forno. Por isso, ou por deficiência visual, ou porque não distinguisse convenientemente galões disfarçados sobre camuflado, o alferes Ramalho ficou-se com ar idiota a avaliar o mundo circundante. Foi preciso que o major Smith, oficial mais categorizado na circunstância, inquirisse do intruso quem era e ao

que vinha. Só então o alferes Ramalho, mal acordado, esboçou uma incorrectíssima continência e declinou identidade e informações afins.

Subiu para o jipe do major, escarranchou-se no banco traseiro com a mala única encaixada entre os joelhos, e lá se foi equilibrando por entre os solavanco. O povoado surgiu das bermas dum carreiro. À esquerda, em lugar de honra, o cemitério. O soldado-condutor persignou-se. O major limitou-se a informar:

– É o cemitério.

O recém-chegado pôde apreciar umas tabuletas fincadas num solo terrivelmente verde.

– Além, é o túmulo do nosso último morto... furriel... uma mina... Sepultámos só um bocadinho do camuflado... que talvez fosse dele...

O soldado-condutor desenhenciou as rodas do jipe por um momento atoladas. O major voltou-se para o novato:

– Você é de poucas falas, pelo que vejo...

O alferes miliciano Ramalho encolheu os ombros. Atravessavam o povoado, duas filas de tabancas ao longo dum carreiro. Tectos de colmo prolongados para fora das paredes. E, sentadas no chão, as mulheres indígenas, familiarizadas já com a passagem dos jipes. Mulheres e velhos e crianças. Velhos de túnicas brancas como as suas carapinhas, fumando cachimbo. Crianças por vezes multirraciais. Desembocaram num amplo largo, cujas faces eram ocupadas pela igreja de torres esguias e por casas semelhantes às da Europa. Zona de religião e de comércio. Enfiaram por uma ruela e pararam junto dum edifício vagamente europeu, de um só piso: a messe dos oficiais. Para além, no outro extremo do

povoado, ficava o muro do quartel. Para além, a planura densa de vegetação e outros perigos.

Quando quis apresentar-se ao comandante, o alferes Ramalho viu-se e desejou-se para penetrar naquele reduto.

Em primeiro lugar, não compreendeu imediatamente o que poderiam significar aqueles bidões no meio da parada. Mas, pensando que cada terra tem seu uso, imaginou tratar-se duma tribuna destinada a patrióticas alocações.

E recorreu aos préstimos dum soldado que passava, distraído, de mãos atrás das costas, de calção e em chinelos, no sentido de obter uma informação precisa quanto ao paradeiro do comandante. O soldado, porém, limitou-se a corroborar informações já colhidas, apontando para os bidões. Reparando melhor, pôde o alferes Ramalho apurar que os bidões, em duas filas sobrepostas, desenhavam um quadrado tosco. Pôs-se a examinar os ângulos daquela construção, até encontrar finalmente uma passagem. A passagem dava, no entanto, para um estreitíssimo corredor entre bidões. Percorrendo o dito corredor num dos sentidos, não encontrou saída. Julgou-se a contas com um labirinto. Retrocedeu, pesquisou e acabou por desembocar numas escadinhas acimentadas que davam acesso a uma porta verde. Bateu. E foi o comandante, em pijama, que veio abrir.

Era um homem duns cinquenta anos, entroncado e grisalho, de olhinhos saltitantes por trás de grossas lentes. Enervado e surdo. A cada instante colocava a mão em concha atrás duma imensa orelha e pedia a repetição das declarações. O alferes Ramalho, homem

de poucas falas, no dizer do major, saiu da entrevista extenuado.

Na messe havia um pequeno bar, uma armação à base de barris velhos, atrás do qual um soldado manejava copos e garrafas. O alferes Ramalho teve de apertar as mãos de outros alferes, sombras de faces amarelentas, porque havia mais dum ano que a sede do batalhão ali se fixara, no meio da vegetação muito verde, entre bolanhas e mosquitos. O periquito tinha um ar relativamente saudável, apesar das pálpebras inchadas e dos braços quase em ferida. Dedicou-se à absorção regular de whisky com Perrier, muito concentrado nos goles que ingeria. Na sua camisa verde não restava nem um fio enxuto. Bebia e transpirava, transpirava e bebia.

— Este promete! — comentou alguém.

Com a chegada solene do comandante, fardado e de pingalim, todos entraram para a “gaiola”. Consistia esta num cubículo protegido por rede de fina malha. Ali decorriam as refeições, sob a presidência do surdo comandante e a ameaça constante dos mosquitos. O alferes Ramalho, como mais recente aquisição da unidade, ficou no topo da longa mesa, muito entretido a mirar as laranjeiras que, sob o tornado, curvavam os ramos e desprendiam os frutos ainda verdes. Veio a bâtega e o chão farto de água cobria-se de extensas poças. Veio o bacalhau com arroz e cebola, o todo amalgamado, quase papa. O alferes Ramalho pôs-se a comer gelo, assim sem mais aquelas, trincando os cubos com fragor. Aí o major alarmou-se, receando não restar nenhuma cuvete no frigorífico. O alferes Durand, ex-aluno de História, resolveu indagar:

– És do quadro?

Surpreendido, o periquito exclamou:

– Eu?!

– É que o teu antecessor era do quadro. Um lateiro.  
O alferes Ramalho nada respondeu.

Depois do almoço percorreu o quartel, tomando por referência os bidões. A chuva voltava de quando em quando, precedida por violento tufão. As casernas dos soldados exalavam o cheiro habitual – mofo, detrito, suor. O posto de transmissões foi-lhe indicado por duas antenas e pelo crepitar do morse. A messe dos sargentos ficava junto à porta larga que dava para a praça do povoado. Um edifício amarelo, com janelas gradeadas, só podia ser a prisão. O alferes Ramalho, circundando o edifício, esteve prestes a ser atingido na cabeça por uma coisa negra e inesperada. Recuou, erguendo os olhos. Um negro, que tinha por vestuário uns velhos calções, sentara-se no parapeito da cela, passara os joelhos por baixo da grade e balouçava ao vento os pés enormes. O alferes Ramalho olhou os olhos do prisioneiro. Inexpressivos ou quase. Fixos nos do branco, sem receio, sem nenhum sentimento, sem súplica, sem rancor. Uma máscara negra com dois olhos muito abertos.

Avançou para o que sabia ser o seu posto. Era um barracão com uma única porta sobre a qual um letreiro proibía a entrada. Constava a sua equipa de três cabos e um sargento. No primeiro compartimento havia três camas munidas de mosquiteiros. Tudo com aquele ar varrido e lavado, e mesmo assim fatalmente sujo, que caracteriza as instalações da tropa antes de revista. O sargento ordenou “sentido” e o alferes Ramalho moveu

a mão num gesto ambíguo. O sargento Lara, chefe interino da equipa, tinha-se assenhoreado do comando – notava-se pelos seus ares de dono. O alferes Ramalho entrou no outro compartimento, foi direito aos dossiers, folheou ao acaso um deles, olhou os recantos como quem inspeccionasse teias de aranha, sentou-se à secretária e esfregou os olhos. Todos lhe espiavam os gestos e ele não dizia nem uma palavra. E, quando o sargento lhe falou em conferir material, bocejou, parecendo ignorar do que se tratava. Após a qual atitude, todos se entreolharam, escandalizados. O alferes Ramalho, literalmente mudo, saiu sem deixar uma ordem.

Tornou a reparar nos pés do negro prisioneiro e na maneira como balouçavam. Na messe, indagou do local onde poderia dormir. O activo soldado do bar preveniu-o de que não era fácil arranjar alojamento. O alferes Ramalho engoliu um brandy e foi procurar o major. Estava este atrás da secretária, de camuflado, e entregou aos seus montes de papelada. O alferes Ramalho reparou então no movimento incerto daquelas pupilas verdes. Depois lembrou que, segundo a sua guia de marcha, competia àquela unidade, cujo segundo comandante era o major Smith, dar-lhe alimentação e alojamento. O major segurava montes de papel, em luta contra uma pequena ventoinha, e sentiu-se ofendido:

– Isso agora! É muito discutível!

– Vamos a ver uma coisa – declarou pacientemente o Ramalho – Eu estou aqui a cumprir as ordens que me deram...

– Isso todos nós!

– Com certeza. Deram-me uma guia de marcha na

qual está escrito que compete à Unidade de V. Ex.<sup>a</sup> dar-me alojamento e alimentação...

– Não tenho nada a ver com isso!

– Então?...

– Desenrasque-se!

– Não é resposta – disse secamente o Ramalho – E se eu me queixar?

– A quem? – fuzilou o major.

– Sabe muito bem a quem.

– Não sei, nem me interessa. Não há camas. Que é que quer que eu lhe faça? O que sei é que você entra amanhã de serviço.

– O que sei é que não entro de serviço, nem amanhã nem nunca.

– Isso é o que se vai ver.

– O que não se vai ver.

– Já está aqui nomeado.

– É a minha vez de dizer não sei nem me interessa.

Voltou costas. Não sabia deitar contas ao tempo que passara sem dormir. À porta da messe, a sua mala continuava, paciente. No bar, pediu whisky, água e muito gelo. O médico, um sujeito dos seus trinta e tal anos, veio acompanhá-lo na bebida.

– Doutor, desculpe a pergunta: o nosso major é doido?

– Bom, não deve estar psicologicamente em forma – declarou eufemisticamente o médico – Sabe, tem tido muitos desgostos. Nunca obteve licença... há mais dum ano que não vê a família... Foi uma chatice. No fundo, o nosso major é um intelectual. Experimente falar-lhe de literatura. Lê muito. Enganou-se na vocação. Sabe, não tem sentido prático. Mas o que é que aconteceu?...

– Acontece que não tenho alojamento e ele diz que não tem nada a ver com isso.

– Eu compreendo. É que ele foi punido com três dias de prisão por não ter apresentado as contas no devido prazo. É um ressentido. Foi transferido de unidade, perdeu o direito à licença. Uma chatice! Talvez falando ao nosso comandante...

O alferes Ramalho foi ao gabinete do comandante, o qual gabinete não coincidia com a residência disfarçada por bidões, mas ficava junto do gabinete do major Smith. Antes, porém, de expor o seu problema, ouviu a admoestação do homem surdo:

– Fui informado da sua recusa de prestar serviço na unidade... Posso saber porquê?

– O regulamento, meu comandante. O meu serviço é incompatível com...

– Está bem.

Percebia-se que a questão não estava de modo algum encerrada. E, quanto ao alojamento, havia de se ver, segundo o ditame duns olhinhos velhacos.

O alferes Ramalho tornou ao bar e ao whisky. O médico avisou:

– A beber assim, você mata-se.

O outro encolheu os ombros.

– Desculpe outra pergunta, doutor: o nosso comandante é doido?

– Bom, deve estar psicologicamente abalado. Aconteceu-lhe uma coisa horrível. Uma noite, há uns meses atrás, ia da messe para o quarto dele, que fica ali no meio da parada... já viu? Pois! Nessa altura ainda não havia aqueles bidões... depois é que vieram os bidões... Ia ele para o quarto quando lhe deram uma

cacetada... uma grande cacetada... Tive de levar seis pontos no coiro cabeludo...

– Mas... quem foi?

– De lá até hoje! É o que eu gostava de saber. E ele também. O agressor, parece-me a mim, tinha ideias de o matar. Mas a cabeça era mais rija que o cacete. O cacete estava partido, ao lado do nosso comandante. Era sangue que nunca mais acabava. Lá tive de lhe coser a cabeça...

– Mas quem teria sido?

– Sabe-se lá!

– O inimigo?... Como é que entrou?

– Nunca se soube.

O alferes Ramalho dirigiu-se ao centro de transmissões. O chefe, o alferes Mike, anafado e míope, resmungou vagas desculpas, aflito com a desarrumação da papelada.

– Preciso da tua colaboração – declarou o Ramalho.

– Com certeza, com certeza...

Em poucos minutos, o alferes Ramalho desbobinava os elos da intriga: o major prevenira o comandante, o comandante enviara uma mensagem ao quartel-general, informando-se da veracidade das afirmações do Ramalho.

– A resposta deve chegar ainda hoje – disse Mike.

– Avisa-me.

– Certamente – respondeu o chefe, aliviado por não se tratar duma inspecção geral.

– Precisava duma cama... para esta noite.

– Não te preocupes, há uma no meu quarto. É dum tipo que está de licença. Disse que não queria lá ninguém... mas, num caso destes... já te mostro.

O alferes Ramalho dirigiu-se ao seu posto e verificou que os pés do prisioneiro negro continuavam a balouçar.

O sargento, com o respeito da tarimba, indagou:

– Meu alferes, se tem alguma ordem a dar...

O alferes observou o andamento do serviço e replicou:

– Primeiro, preciso de ler aquilo tudo.

“Aquilo tudo” eram montes de documentos metidos em vários dossiers. O sargento sorriu perante a enormidade da tarefa. O alferes Ramalho saiu, avisando:

– Eu leio muito depressa.

Anoiteceu bruscamente quando o alferes Ramalho atravessava a lama da parada. Um tufão atirou-lhe lixo para os olhos. Numa esquina esbarrou com um soldado. Desabou-lhe em cima uma bâtega furiosa. Na varanda da messe brilhavam uns globozitos amarelados. O alferes Ramalho limpou da testa o suor misturado à água e deixou-se cair numa cadeira de vime. No ar escurecido, vento e chuva desenhavam fantásticas manchas. Adormeceu uns minutos. Não sabia donde surgira aquele capitão de farda amarelada, um estilo de farda que julgava abolido. Era um capitão em carne e osso, magro, muito idoso para a patente. Levantou-se, ensonado, e apresentou-se. O capitão chamava-se Lami, comandava a CCS e já estava ao corrente dos problemas levantados pelo novo alferes.

– Se eu é que mandasse... – resmungou.

E desatou a passear, para diante, para trás, desalentado, chupando avidamente o cigarro, de olhos inquietos: “Se eu é que mandasse...”

O alferes Ramalho, com os olhos doridos de sono e álcool, acabou por não resistir à pergunta:

– Que é que fazia, meu capitão?

– Que é que eu fazia? – comentou o outro, estacando em frente do periquito – Com uma companhia das minhas... das minhas... daqueles tempos... Garanto-lhe que acabava com esta guerra num mês.

O alferes Ramalho, que se atordoara com whisky, resolveu tomar um whisky para despertar. O médico via chover e observou:

– Você mata-se, a beber assim.

– Desculpe outra pergunta, doutor: o nosso capitão Lami é doido?

– Bom, talvez não disponha de muita resistência psíquica. Sabe, tem muitas saudades dos tempos em que... outro tempo, o tempo dele. Depois, aconteceu-lhe uma coisa horrível. Mataram-lhe um homem, mal chegámos aqui. Reagiu mal. É vingativo e...

A conversa foi interrompida pela chegada do capitão Lami. Momentos depois o alferes Mike veio oferecer os seus préstimos ao novato. O alferes Durand veio observar o grupo. O soldado do bar aprontou bebidas. No interior do edifício, por trás da gaiola, alguém tomava duche. Os mosquitos, animados pela noite, voavam para os tornozelos e alguns, mais sádicos, procuravam as feridas do alferes Ramalho. Completamente vencido pelo cansaço, o periquito tombou do banco, com o copo na mão. Coincidindo a sua queda com uma rajada de espingarda automática. Os presentes atiraram-se ao chão, em queda facial executada conforme a ginástica de cada um. O major, em pêlo, ensaboado, correu para a sentinela:

– Ouve lá, pá! Que é que foi isso?

A sentinela, trémula, jurou ter visto sombras.

— E quantos mataste, pá? Diz depressa: quantos mataste?

A sentinela encolheu-se, envergonhada.

— Talvez um gato — troçou o major. — O teu número!  
O infeliz balbuciou o número.

O alferes Ramalho, aparentemente atingido pela rajada, foi o primeiro a levantar-se. E, vendo o major nu, ensaboadado e irritado, largou uma gargalhada fulgurante. Os outros puseram-se de pé

Ia em meio a manhã quando o alferes Ramalho abriu a janela do seu quarto provisório e se pôs a gritar pelo soldado do bar. Dormira mal e mais uma vez comprovara a ineficácia dos mosquiteiros, que ajudavam à transpiração sem vedarem uma espécie de mosquito quase microscópico, nessas latitudes chamado melga, cuja acção se notava por grandes caroços na epiderme e endiabrada comichão. O soldado do bar atravessou o escasso pátio, que separava a messe do pavilhão onde o periquito se instalara, e ouviu as ordens deste: duas latas de leite gelado. Com as quais, passado um minuto, o alferes Ramalho iniciava a sua terapêutica de desintoxicação.

Barbeado, quase capaz de andar em linha recta, cada vez mais picado dos mosquitos, foi o alferes Ramalho até ao seu posto. De passagem, verificou que os pés do prisioneiro negro balouçavam, como no dia anterior. O sargento Lara e os cabos tagarelavam e o serviço não estaria adiantado. O alferes Ramalho pediu contas da actividade da manhã. Não percebia patavina daquelas folhas rabiscadas e vociferou ser aquele método

uma autêntica pouca vergonha. Examinou um dossier e tomou umas notas. Bateram à porta. O sargento veio informar que se tratava do major.

O alferes Ramalho saudou o major e perguntou a que motivo devia a honra de tal visita. O major queria entrar. O alferes Ramalho colocou-se no vão da porta, declarando que o segundo comandante da unidade não tinha acesso àquelas instalações. Aí o major Smith teimou que sim e o alferes Ramalho teimou que não. Ficaram a teimar longo tempo, num duelo de paciência, a ver quem a perdia em primeiro lugar. O alferes Ramalho falava muito menos que o adversário e por isso logrou marcar alguns pontos. Para amesquinhar o assunto, o major desfechou:

– Que ao fim e ao cabo não me interessa o que você tem aí dentro...

– Mais uma razão para não entrar.

– Mas sabe o que lhe digo? Se fosse eu o comandante, você fazia serviços como qualquer outro... e não se tinha dado a barraca desta manhã...

Fosse qual fosse a “barraca”, nessa manhã o alferes Ramalho dormia.

– Sabe o que eu queria? – prosseguiu o major – Apenas fazer a barba... Veja lá!

– Mas... – gaguejou o alferes – Não me consta que isto aqui seja barbearia... Desculpe... pode ser... mas não fui informado.

– Não, homem de Deus. É que a esta hora não há energia eléctrica no resto do quartel, compreende? Ao passo que aqui, posso ligar a máquina.

– Pois claro! – percebeu o alferes – Se o meu major tivesse começado por aí, já estava com a barba feita.

Ordenou a um cabo que ligasse uma extensão até à porta. Arranjou-se um espelho à altura da cara do major. E assim se sanou um incidenite que nascera duma péssima utilização da linguagem.

O sargento Lara aproveitou o silêncio do major para informar que um dos motores tinha começado a falhar, facto gravíssimo para a regularidade do serviço. Decidiram observar imediatamente os motores. Para tal, percorreram um campo coberto de capim e, por baixo do capim, de lama, até alcançarem a muralha, do lado do descampado. Assim, pôde o alferes Ramalho verificar que a extensão cercada pela muralha era muito mais ampla do que lhe parecera na véspera. Junto à muralha, via-se um casinhoto mal acabado. Entre o posto e os motores a distância seria duns duzentos metros e o alferes ficou a meditar nas passíveis vantagens de incluir-se no chamado quartel uma tão grande faixa de capim. Como o facto se lhe afigurasse negativo, perguntou ao sargento:

- Quantos anos tem você de tropa?
- Dezoito, meu alferes.
- Tem visto muita coisa, não?
- Umas coisas, sim...
- Então deve saber por que razão há zonas de capim no interior dum quartel.
- Como?
- Isto! – e o alferes Ramalho apontou a zona em frente.
- Não, não percebo – confessou o sargento.
- Não percebe o que eu digo ou não percebe por que há capim?
- Sim, não percebo o capim.
- Nem eu.

O alferes Ramalho mediu com o olhar a altura da muralha.

– Não tem mais de dois metros – comentou. – Qualquer indivíduo salta isto nas calmas...

– Lá isso é verdade, meu alferes.

– E esconde-se no capim...

– Ah! Agora é que percebi! Mas sabe, meu alferes, este batalhão está aqui há mais dum ano e nunca foi atacado. Houve no princípio, parece, aí uma bronca. Mas depois, nunca mais houve nada...

Regressaram ao posto. Os pés do prisioneiro negro continuavam a balouçar e os seus olhos eram tranquilos na observação dos transeuntes.

– Quem é esse tipo?

– Oh, tem uma grande história, esse patife! – esclareceu o sargento.

E contou. Aprisionado meses antes, portara-se como um malvado. Era tenente, ou coisa parecida, nos bandos do inimigo. Tenente de tanga – onde diabo já se viu? Bruto como uma porta. Em vez de reconhecer os seus erros, olhava os captores com sobranceira. Não pronunciava senão uns grunhidos. Recusava-se a falar língua de gente, embora às vezes parecesse entender o que lhe perguntavam. Tinham decidido enviá-lo para Takau, onde seria julgado. O patife entendia as conversas. Na véspera da partida, tentara a evasão. Descoberto pela sentinela, quando galgava a muralha, fora atingido na coxa. Extraída a bala, aguardava a partida e passava os dias a balouçar os pés.

Vários soldados desataram em grande alarido, sob uma mangueira, em frente da janela onde o prisioneiro balouçava os pés. No chão, atordoada por uma primeira

cacetada, uma cobra cuspideira ainda ziguezagueava. “Acabem com ela! Dá-lhe tu! Depressa!” Os soldados formaram uma circunferência de largo diâmetro, em torno daquele ziguezague verde, esguio e ferido. “Dêem-lhe um tiro!”, sugeriram. Mas ninguém estava armado. Então o cabo Ramon, da equipa do alferes Ramalho, apareceu com uma espingardinha ridícula, uma pressão-de-ar.

– Que é que vais fazer com isso? – escarneceu o sargento Lara.

– Vou acertar-lhe na cabeça.

Estava a fazer cuidadosa pontaria à cabeça da cobra quando esta, num assomo, cuspiu no olho direito do carrasco a sua derradeira bÍlis. O cabo Ramon largou a pressão-de-ar e, ganindo que ia ficar cego dum olho, foi levado ao posto de socorros. A cobra foi morta à paulada e com prudência.

– Por uma cobra...

O alferes Ramalho verificou que o comentário era de sargento para sargento.

– Coisa de rapazes! – comentou o Lara.

O alferes Ramalho teve assim ensejo de conhecer o sargento Farrin, muito ligado ao Lara por velhos empreendimentos e análogas memórias. Era baixo, forte, grisalho, perfeitamente sargento.

– Cobras! – exclamou ele, com desprezo. – Medo de cobras! Ao fim e ao cabo são animais domésticos.

Perante um gesto admirativo do alferes Ramalho, um periquito, um homem nada calejado por estas coisas da guerra, o sargento Farrin garantiu a veracidade do que se propunha narrar. E então contou da domesticidade duma cobra, que conhecera em outras latitudes,

alimentada regularmente a leite, mais mansa que um gato, reconhecida a seu senhor, manifestando a sua gratidão numa espécie de bailado sempre que o dono entrava no quartel; o qual dono era brusco como todos os comandantes de quartéis, e contudo preso de amor à cobra.

O alferes Ramalho parecia muito atento à narrativa, o que foi de molde a entusiasmar o narrador. O qual garantiu, minutos depois, ser o tal comandante brusco uma excelente criatura. Homem um tanto excêntrico, é certo, mas dotado de tão bom fundo que nem as cobras lhe eram indiferentes. Contribuíra para essa fama de excentricidade o facto de o comandante usar um enorme bigode, aí com meio metro para cada lado. E então? Os mexicanos não usam chapéus de aba larga? Era um homem que se reconhecia à légua pelo tamanho dos bigodes. E, quando vinha à cidade, num jipe meio desmantelado, era com os bigodes que realizava os sinais de trânsito. E o sinaleiro compreendia, atento aos movimentos de tão grandes bigodes, os quais, ultrapassando o pára-brisas, funcionavam às mil maravilhas.

Foi-se o alferes Ramalho em busca do almoço e deparou, na varanda da messe, com o passeio monótono do capitão Lami.

- Sabe, nosso alferes, se eu é que mandasse...
- Já sei, meu capitão!
- Não sabe, não senhor! Infelizmente, há gente que não trabalha...
- É possível, é muito possível.
- Gente que dorme até ao meio-dia...
- Muito possível.
- Assim como você!

Feroz. chupado das faces, febril de olhos.

— E a barraca que se deu por sua culpa!... Ah, se eu é que mandasse...

— Que barraca?

— Ainda pergunta! Nunca na minha vida vi uma coisa assim. Estamos perdidos. O oficial de dia não comparece ao render da parada... e fica tudo à espera... Prisão! Só prisão!

Quebrou a monotonia do passeio, agitou-se mais:

— Se eu é que mandasse... bastava uma companhia... num mês!

O alferes Ramalho olhou para o relógio e encaminhou-se para o bar. Começava a beber o primeiro whisky quando o alferes Durand, de braçadeira, avisou:

— Ganhaste! Mas vai-te sair caro...

— Como?

— Entrei de serviço no teu lugar. Vê lá se te custava muito fazeres de oficial de dia de vez em quando! Assim, a malta não te vai gramar, podes estar certo. E todos têm mais experiência que tu. Da fama de bufo já ninguém te safa... porque o nosso comandante, que a gente conhece bem, deve ter as suas razões para não te espetar com uns dias de prisão. Esses privilégios vão-te sair caros, garanto! Quando todos souberem que és bufo...

O alferes Ramalho mirou por instantes o interlocutor.

— Camarada! — disse secamente — Estás mesmo a pedir que te parta o focinho.

E iniciou o segundo whisky. O alferes Durand, colérico, achou por bem não prosseguir. Estreito de ombros e um tanto barrigudo, apurado para serviços auxiliares, agora a contas com problemas de administração, recusava argumentos físicos.

Chegaram diversos oficiais, logo seguidos do major e do comandante. O alferes Ramalho foi ocupar o lugar da véspera. Então começou a identificar os rostos que compareciam. À sua frente, melífluu, o alferes Mike, das transmissões. Ao lado deste, o alferes Durand, todo entregue ao rancor. Ao lado esquerdo do Ramalho, um alferes que conjugava a artilharia com a gerência de messe. Tinha um ar de menino mimado e levava a sério tudo o que lhe diziam. Depois o capelão. Depois o médico. Comandante em presidência. Major em frente. Depois o capitão Lami. Depois oficiais de secretaria e de abastecimentos diversos. Numa gaiola, cerca das treze horas e trinta minutos. O major protestou contra a sopa. Como sempre, sem sal. O gerente de messe, alferes miliciano de artilharia, foi fuzilado por vários olhares. Incompetente, mesmo na dose de sal.

Então o alferes Ramalho, em voz baixa, perguntou ao alferes Mike:

- Em caso de ataque, quem é que defende isto?
- Ora ataque... quer dizer... há uma companhia de cavalaria que não está cá...
- Mas costuma estar?
- Às vezes está... outras não...
- E quando não está?...
- Há o alferes Carril, das auto-metralhadoras... aquele do bigode... Há aqui o gerente que tem um canhão...

A conversa começava a ser escutada com excessivo interesse. O alferes Ramalho remexeu o bacalhau pouco apetitoso. Arroz, bacalhau, cebola. O major pediu dois ovos estrelados com bastante sal.

- Eu acho graça aos periquitos que julgam saber

mais que os outros – desfechou o alferes Durand, incomodado pela braçadeira.

– Isso é comigo? – picou-se o gerente, que tinha três meses de comissão.

– Há outros mais periquitos.

Só o Ramalho, que regressara ao silêncio.

– Todos esses gajos chegam com a mania de ganhar a guerra.

– Gajos?! – repreendeu o comandante surdo – Terei ouvido bem?

– Desculpe, meu comandante, é uma maneira de falar – resmungou o Durand.

O comandante perorou sobre as virtudes da linguagem, lamentando o vocabulário indigno (dum oficial), o qual impedia, até certo ponto, a desejada projecção, o desejado prestígio, a desejada paz, a desejada multirracialidade. Aproveitou a circunstância para verberar a incúria do gerente de messe, alferes de artilharia, devido à qual as refeições se apresentavam em sequências monótonas de arroz e bacalhau.

– Foi o homem da vaca que não apareceu, meu comandante – desabafou o arguido. – Há uma semana que falei com ele. Disse que sim... e de lá até hoje!

– E galinhas? – quis saber o comandante.

– Não querem vender...

– Insista. É preciso aprender a psicologia deles. Trate de arranjar uns frangos.

Nessa tarde, o alferes de artilharia foi à procura de galináceos, coadjuvado por seus furriéis. O alferes Durand continuou com a braçadeira vermelha, onde se indicava, a amarelo, o número do batalhão. O alferes Carril mandou pintar uma das suas auto-metralhadoras.

O capitão Lami, lamentando não dispor duma companhia de bravos, mandou examinar um cano que vertia algumas gotas num ângulo da cozinha. O alferes Ramalho meteu-se no seu posto. O major exortou o cozinheiro a pôr mais sal na comida. O comandante foi dormir a sesta entre os seus bidões. O médico bocejou. O capelão agarrou no breviário. A tarde acumulava nuvens. A transpiração progredia. O tornado avizinhava-se. O prisioneiro negro balouçava os pés.

Depois da terra enlameada, deu-se uma aberta. O alferes Ramalho abandonou os dossiers e veio ao bar tomar um whisky. Conheceu então o alferes miliano Trabuco, um veterano, a avaliar pela farda amarela. Inchado, ou parecendo-o, esverdeado pelo tempo, o alferes Trabuco ia no segundo gin.

– Olha um periquito! – exclamou – Desgraçado!

O soldado do bar, receoso, explicou, por sinais, ao alferes Ramalho que aqueloutro alferes estava maluco.

– Como é que vieste aqui parar? – quis saber o Trabuco.

– Como todos, parece-me.

– Eu passei aqui, quando era periquito, há dois anos, e devia ter um ar idiota como tu. Já se foram dois anos. No primeiro dia, isto pareceu-me um inferno... mas inferno inferno foi o que que vi depois. Enfim, merda! Já se passaram dois anos. Nem aqui me deixam vir muitas vezes. O meu azar começou em Takau, logo à chegada...

O alferes Trabuco contou como pregara com uma travessa coberta de chantilly nas trombas do digno empregado da mais fina “Sociedade” de Takau. O gesto provocara uma completa barafunda, durante a qual o

bravo recém-chegado partira louças e espelhos no valor de trinta contos. Punido com razoável dose de prisão disciplinar, perdera o direito a qualquer licença. Esquecera a Europa. Adaptara-se às nativas. Procurara sobreviver. Sempre destacado para os sítios mais perigosos. Havia um ano que habitava X, guardando as propriedades do velho Salomon, senhor de bolanhas e de muito arroz. Comandava um pelotão e alguns milícias. Uma chatice. Só um lenitivo: a filha do velho Salomon, uma mulata de quarenta anos, mulata clara, claríssima, uma preciosidade. Como prova uma pulseira de ouro com uma inscrição “Juliana, Salomon, Amor”.

Estendeu o braço heróico para deslumbramento do periquito.

– Que mais queres da vida? – perguntou o Ramalho.

– Eu?! Fazes perguntas burras. Quero ver-me livre disto tudo.

Fértil narrador, o alferes Trabuco retomou o fio à meada. Tivera mulheres em todas as povoações por onde passara. Comera um cabaço em Takiá, antes de o exilarem para X. Queixa do pai do cabaço, perante um comandante que já se fora. Que fazer? Tinham-lhe suprimido a licença desde a bronca do chantilly, tinham-no destinado às zonas perigosas... que é que um cabaço podia fazer?... Continuara a montar negras a torto e a direito até ao dia em que lhe faltara a tesão. Restava-lhe o carinho da Juliana. O carinho e a exigência, uma exigência terrível, que aquilo nem sempre endireitava...

– Tu sabes... sabes lá coisa nenhuma!... sabes o que é estar a meio da pinocada e as morteiradas, começarem a chover? Sabes uma porra! A Juliana ficava a ver navios... Mas depois fui-me habituando e consegui

aquilo que ninguém mais consegue: foder debaixo de fogo!!! Mas só consegui uma vez. E quando estava a vir-me gritei: “Matem-me esses filhos da puta!” Mas só consegui uma vez...

O alferes Ramalho deixou o herói entregue às lembranças de múltiplas guerras e foi examinar a actividade do seu posto. Lembrou-se de interrogar o sargento quanto a armas e munições.

– Não há nada, meu alferes.

– Conhece as instruções?

– Se conheço! Já ando nesta vida há uns anos.

– Quais são?

O sargento recitou atabalhoadamente uns parágrafos. E quanto à defesa?

– Só há a pressão-de-ar do Ramon... Mas, se o meu alferes tem medo, posso garantir-lhe que “eles” nunca vieram cá.

O alferes Ramalho, rabugento, tomou a queixar-se da qualidade do serviço. Em seu entender, a equipa produzia pouco e os erros de ortografia estavam à vista tanto nos papéis recentes como nos antigos.

Saiu. Tinha caído a noite, nesse desabar característico dos trópicos. Os pés do prisioneiro negro, sempre balouçando. As nuvens baixas. Primeiros pingos de água morna. Grossos como bagas de suor. Deixou passar a bâtega e atravessou o quartel. Os globos amarelados assinalavam a messe dos oficiais. Tomou banho e vestiu-se à civil, conservando as botas militares, porque o polainito protegia os tornozelos muito atacados pelos mosquitos. Improvisou com papel de velhas revistas umas caneleiras. Apertou tudo com força. O tornozelo direito, talvez devido à humidade, produziu um estalo.

Recomeçou a sessão de whisky, empoleirado num dos poucos bancos do bar. O alferes Durand deixou-o em paz, o capitão Lami tomou uma água mineral e lançou para o espaço húmido uma olhadela doente. O alferes Ramalho agarrou no whisky e foi bebê-lo para a varanda, no escuro, onde os mosquitos perseguiam menos. Repetiu o whisky. Um cheiro a churrascada espalhava-se no ar. O alferes Ramalho engulhou. A essa hora encontrava-se geralmente bêbado, preso dum embrutecimento pouco visível exteriormente, à força de ser por dentro uma forma de resistir.

– Este gajo parece que adivinha – comentou o alferes de artilharia – Logo aparece hoje... em dia de churrasco...

O gajo era o alferes Trabuco, que só de longe em longe conseguia pôr os pés em Takiá.

Com as narinas deliciadas por tão apetitoso odor, o comandante surdo tomou a palavra perante os oficiais reunidos, de pé, em volta da mesa:

– Senhores, camaradas-oficiais... Se alguém duvidasse da eficácia dos nossos regulamentos, teria agora a prova de que eles são válidos. O que é preciso é boa vontade. E assim tenho de agradecer não só a prontidão com que o nosso gerente de messe nos proporcionou uma churrascada... como também de felicitar-me... sim, a mim que tive a ideia. Vamos a ele!...

Ia a sentar-se...

A metralhadora cuspiu sobre a refeição.

E então o alferes Ramalho verificou ser a única pessoa à mesa. Um sumiço colectivo se operara, com a excepção da excepção da fábula. No ar denso, ao impacto da metralha sucediam-se as morteiradas, assinaladas por um silvo. Os rebentamentos sucediam-

-se com intervalos de um minuto, talvez. Mas o mais irritante eram os cacarejos das metralhadoras.

Saiu, procurou uma sombra, por instinto, sob uma mangueira. Recomeçou a chover, em grossas bagas de suor. Parecia-lhe ver chamas, muito próximas, seguidas de explosões. Inspirou um ar ressequido – o cheiro da pólvora. Era preciso calar, antes de mais, as metralhadoras. Com quê? O quartel parecia não responder ao fogo inimigo.

Cosendo-se com as sombras, começou a atravessar a parada deserta. Tinham-lhe dito muitas vezes que o lugar de cada comandante é junto dos homens que comanda. Mas o seu posto ficava no outro extremo, imensamente distante da sombra a que ilusoriamente ele se abrigava. Tinha de atravessar uma zona relativamente iluminada. Mas o que não conseguia suportar era a própria raiva perante o cheiro da pólvora. Correu através da luz.

– Desapareça, idiota!

Era a voz do major. Alcançou a porta do posto. Estava mergulhada na sombra, tal como os pés do prisioneiro negro, que lhe pareceram balouçar agora velozmente. Então lembrou-se do que lhe dissera o sargento: a única arma ali existente era uma pressão-de-ar. Ficaram por momentos a olhar-se. O alferes saiu.

Tornou a percorrer o quartel e entrou no posto de socorros. O médico examinava o primeiro ferido, um soldado que sangrava por um dos cantos da boca e pestanejava com muita velocidade.

– A tensão está óptima – declarou o médico, libertando o braço do ferido – mas é preferível pedir-se a evacuação.

– Que foi? – perguntou o Ramalho.

– Uma estupidez, meu amigo! – suspirou o médico

– Com a histeria, o condutor dum camião esmagou-o ali à esquina.

As pálpebras do ferido imobilizaram-se nesse instante.

– Está morto, doutor – disse o Ramalho.

Assim era. E as metralhadoras começaram, no seu irritante estilo. Soou perto uma rajada.

– São os nossos – disse o médico. – Finalmente!

– Os nossos? Quem?

– O sargento Farrin saiu com uma metralhadora...

Ao crepitar próximo da metralhadora, dita nossa, sucedeu a chegada dum novo ferido. Fora ferido pelo próprio sargento Farrin.

– Santo Deus! – exclamou o médico.

Não passava de um arranhão num braço. O homem estava apavorado e recusava mostrar a ferida, crispando os dedos sobre o bíceps, donde jorravam sangue e farrapos da camisa.

– Merda! – comentou o alferes Ramalho, voltando para a sombra.

Avistou um vulto na gaiola. As morteiradas tinham cessado, mas as metralhadoras longínquas respondiam ao fogo duma metralhadora próxima. O alferes Ramalho foi andando lentamente, já mais habituado ao cheiro da pólvora. E pôde certificar-se de que uma farda amarela abancara, diante do churrasco. Tratava-se do alferes Trabuco, que, na qualidade de veterano calejado pela fuzilaria, se empenhava em comer o churrasco ainda quente. Servia-se abundantemente de cerveja e comera já duas rações. Ao avistar o periquito

Ramalho, mostrou-lhe uns dentes salpicados de bocados de frango:

– Porra! Ou és parvo... ou tens coragem. Se calhar não há diferença. Quando é que chegaste a esta bela terra?

– Ontem.

– E andas com a cabeça de fora?! És parvo... e já me disseram que és bufo... Mas come, pá! Talvez tu é que tenhas razão.

E o alferes Trabuco roía uma perna de frango, indiferente ao ganir das metralhadoras.

– Se morrer agora é uma chatice! Não é que morrer seja uma chatice em si... *l'être en soi*... No meu pensamento há influências de Sartre. Há-de me servir para muito. Já ouviste falar de Sartre? Não importa. Alguma destas bestas ouviu falar de Sartre?... O que me chateia é morrer no fim, a oito dias do regresso. Queria tornar a montar uma branca com tesão como tinha dantes. Cambada de bestas! Julgam que os têm... É falso! Cambada de panascas! E tu, periquito de merda, com esse ar idiota... já me disseram que és um bufo.

Mastigava a comida e a palavra, como se trincasse a última em vez da primeira. E a sinfonia de fundo começava mal prometia esmorecer. O alferes Trabuco, bom conhecer de usos e costumes, foi ao frigorífico e trouxe duas grandes cervejas:

– Bebe lá isso, periquito de merda! Talvez te tire o medo!

O alferes Ramalho enchia o copo. A espuma ultrapassou os bordos. O líquido inundou a cara do interlocutor. O alferes Trabuco varreu as pálpebras com as costas da mão e redarguiu com líquido e copo à

mistura, arranhando uma orelha do adversário. O alferes Ramalho atirou-lhe com a garrafa meia de cerveja, mas o Trabuco baixou-se. A janela da casa de banho deixou tombar uns estilhaços. O alferes Trabuco ripostou com um copo vazio, um dos muitos que povoavam a mesa deserta. Mas, como não tinha espaço para largos gestos, acertou na rede da gaiola. As metralhadoras ganiam e expandiam o cheiro seco da pólvora.

O alferes Ramalho levantou-se e galgou por sobre a mesa. Mas escorregou num resto de frango e não atingiu o alvo. O alferes Trabuco saiu da gaiola e sacou do bar uma garrafa de whisky, da qual bebeu largos goles. O alferes Ramalho aproximou-se e conseguiu tirar a garrafa ao inimigo. Bebeu uns goles e ia atacar com o restante quando apanhou um soco nos queixas. Cambaleou, mas reagiu a pontapé. O alferes Trabuco dobrou-se, agarrado à barriga. O alferes Ramalho ergueu o braço. Apanhou uma cabeçada no queixo e a garrafa espatifou-se. As metralhadoras exalavam um cheiro cada vez mais ressequido.

O alferes Trabuco saltou para a lama, despiu a camisa e pôs-se de língua de fora a aparar um resto de chuva. O alferes Ramalho saltou para a lama, despiu a camisa e pregou um murro na boca do inimigo.

– É uma chatice! – resmungou o Trabuco, cuspinhando sangue.

– Uma grande chatice! – reafirmou o Ramalho, palpando a orelha.

Fingiu o alferes Trabuco voltar costas ao combate mas, fazendo meia-volta, atingiu o inimigo a pontapé. O alferes Ramalho caiu, apertando com ambas as mãos o tornozelo direito:

– Porra! – resmungou – Logo neste sítio!

O alferes Trabuco atirou-se ao adversário. Foi apanhado pela cabeça do alferes Ramalho que se erguia nesse instante.

– Merda! – gritaram à uma.

As metralhadoras insistiam na sua interminável competência. Bêbedos, incapazes de se sustarem nas pernas, o veterano e o novato chafurdavam na lama.



Giuseppe Pontiggia

*A bengala de mogno*

Tradução de José Lima

Giuseppe Pontiggia nasceu em Como (Itália) em 1934. Vive actualmente em Milão, onde se formou com uma tese sobre a técnica narrativa de Italo Svevo. O seu começo na escrita data de 1959, com uma longa narrativa autobiográfica, *La morte in banca*. Seguem-se *L'arte della fuga* (1968), *Il giocatore invisibile* (1978) e em 1983 *Il raggio d'ombra*, a história de um grupo de comunistas traídos em 1927 por um infiltrado na organização, um romance que confirma a força narrativa de Pontiggia. Em 1989 é-lhe atribuído o prémio Strega pelo livro *La grande sera* e em 2001, culminando a sua consagração como um dos escritores italianos mais importantes dos nossos dias, recebeu o Prémio Campiello por *Nati due volte* (*Nascidos Duas Vezes*), editado em Portugal pelas Publicações Dom Quixote.

*Vite di uomini non illustri* (*Vidas de Homens Não Ilustres*), prémio Super Flaiano de 1993, de onde extraímos o conto que aqui publicamos (intitulado no original *Il bastone di mogano*), está organizado como uma série de 18 biografias de gente comum, vidas imaginárias de gente imaginária: homens e mulheres obscuros, evocados com precisão histórica, através de eventos significativos que não correspondem quase nunca aos dados objectivos, pertencendo antes a uma rede subterrânea de sentimentos, de recordações e de desejos.

*Tout soldat français porte dans sa giberne  
le bâton de maréchal de France*

Napoleão I

### Terzaghi Mauro

Tendo nascido na noite de fim de ano de 1896 na Camerlata de Como, enquanto os foguetes, explodindo sobre o lago, iluminam a multidão nas margens, é atingido nas trincheiras, vinte anos mais tarde, pelo desabamento de uma pilha de sacos cheios de areia. Retirado com dificuldade e transportado ao hospital militar de Udine, é-lhe diagnosticada pelo tenente-coronel médico Giovanni Artieri uma fractura múltipla da anca esquerda, na sequência de evento traumático, com encurtamento do membro inferior devido a desalinhamento ósseo e com incapacidade parcial de deambulação.

A enfermeira que lhe aplica as ligaduras embebidas em gesso diz-lhe que, para quem chegou da frente, pode considerar-se com sorte. É também essa a opinião dele e é isso que à noite escreverá à mãe, em

Bellagio. Mas quando, passados quarenta dias, lhe cortam o gesso com as tesouras e ele pergunta ao tenente-coronel médico quais serão as consequências, este responderá: “Coxo, meu caro”, dando-lhe uma palmada nas costas.

A 12 de Março de 1916, regressa com licença definitiva a Bellagio. Nos dias que se seguem mostra a perna encurtada a parentes e amigos que, chegados em peregrinação, a tocam como se fosse uma relíquia. As crianças aflagam o bastão militar que trouxe da frente e que, devidamente adaptado, lhe serve de bengala de passeio.

No dia 27 de Março de 1916 diz aos seus não querer mais visitas. Retira-se para o quarto no primeiro andar, onde, espiado pela mãe atrás da porta, fica horas imóvel diante da janela aberta, a contemplar a vastidão do lago. Quando a mãe lhe pergunta o que tem, responde: “Hei-de recuperar.”

Na madrugada de 2 de Abril de 1916, atira o bastão ao lago. O pai ouve no silêncio o baque na água e, assomando à janela, vê-o na janela vizinha quando retira o braço.

– Que estás a fazer?

– Acompanhas-me a Como? – responde.

A 4 de Abril de 1916 viagem a Como a bordo do *Itala*. Está uma manhã de sol e, para além dos vidros da loja que dá para a Praça Cavour, entrevê-se a água cintilante do lago.

– Que tipo de bengala deseja? – pergunta-lhe o dono, fazendo-o acomodar-se numa poltrona de veludo.

Desencostou-se com uma ligeira inclinação da perna, que se estende rígida até tocar o chão.

– A mais simples e a mais elegante – responde.

– Tenho a mais indicada para o senhor – disse o proprietário.

Desaparece atrás do cortinado à direita do banco. Volta carregado com um estojo compridíssimo, que destapa diante dele, fazendo estalar dois fechos. Retira o papel de seda que envolve uma bengala de mogno, o cabo recurvo, a haste que progressivamente se estreita.

– Esta é perfeita – diz, solevando-a na palma das mãos e depondo-a sobre os joelhos do cliente, com a porta aberta para a fulguração da praça.

Durante toda a sua vida usará a mesma bengala. Apoiando nela o corpo inclinado para a direita, com uma oscilação que, em vez de salientar a andadura anómala, exprimerá uma força harmoniosa. O tronco alto, erecto mesmo quando está sentado, atrairá sobre ele a atenção dos presentes cada vez que, aferrando-se aos braços de uma poltrona, se iça em pé sobre a perna direita a que se vem juntar a esquerda. O rosto ligeiramente contraído num trejeito de dor logo se iluminará num sorriso rápido, a recompensar os solidários. E será sempre o primeiro a dirigir-se para todas as portas, enquanto os circunstantes se afastam, abrindo alas à sua passagem.

A 7 de Junho de 1919, ao pôr do sol, quando modorrava a tomar o fresco no torreão panorâmico do parque da cidade, o pai dele é vítima de um ataque

cerebral e morre num espaço de três minutos, nos braços do guarda que o acompanhava na escada de caracol.

Filho único, herda um património de casas e de matas que trepam pelas encostas próximas de Bellagio. Herda também a quota paterna da Imobiliária Corti & Terzaghi e consegue passado um ano comprar a parte do sócio, cedendo-lhe duas vivendas, uma delas a sua, e dez hectares de mata situada em Malaspina. Muda-se para seis assoalhadas no centro de Bellagio e dedica-se com um sucesso surpreendente à compra e venda de pequenos apartamentos não só nas vizinhanças, mas também nos dois braços do lago.

Revela – como se lê na ficha com que é apresentado e acolhido no Club Broletto de Como – “uma profunda intuição nos negócios, uma plena fiabilidade tanto a nível humano como financeiro, e finalmente uma extraordinária capacidade de mediação em todo o tipo de negociações e de arbitragens, fundada na cordialidade e na simpatia. Exemplo refulgente de resposta aos desfavores do destino”.

Em 31 de Agosto de 1923, conhece no barco *Larius*, no trajecto entre Menaggio e Colico, a menina Enza Pozzoli, que um ano antes se formara em contabilidade no mesmo instituto, o Fibonacci de Como.

Apoiando-se com as costas à balaustrada e protegendo com elegância o chapéu das rajadas de vento que encrespavam as ondas em baixo, ela aceita fumar o Macedonia Oro que ele lhe oferece. Conversam animadamente, os ombros chegados, até que o dele, com um sacolejo do barco, bate ligeiramente no dela.

— Perdão — sorri.

— Não faz mal — responde ela, fitando-o directamente nos olhos.

Passadas duas semanas, em 14 de Setembro de 1923, conquista-a na enseada de Lierna, num bote que tinham alugado meia-hora antes. Foi ela que, já conhecida em Como como jovem sem preconceitos, se bem que séria e abastada, se ofereceu para remar. Ele tomou lugar à popa, poisando a bengala de mogno junto à perna rígida. O céu começou a ficar carregado com nuvens negras e a superfície do lago, sobrevoada pelas gaivotas no ar electrizado, branqueja de espuma. Ela mergulha os remos com regularidade, a expressão ardente, senhoril, intrépida. E ele diz com admiração a frase que ficará memorável nos anais da família:

*“Signorina, tem uma remada clássica!*

Frequentador assíduo do Bar delle Prealpi, com as suas cinco vidraças viradas para o cenário grandioso das montanhas e do lago, torna-se aí uma figura inconfundível, um tão discreto quanto irresistível conversador local. Consultado como juiz inapelável em todas as controvérsias de cartas e de bilhar, vive circundado por uma corte de amigos e admiradores, atraídos pelo seu sorriso matreiro e pelas histórias verdadeiras ou imaginárias que conta com habilidade de efeitos. Inimitável o seu intercalar da expressão “certa?”, uma variante no feminino de “certo?”. E também singular a bengala de mogno, apoiada à poltrona, para a qual se volvem inevitavelmente os olhares dos presentes. O distintivo de inválido de guerra, com o louro circundando a chama e a espada apontadas

para o alto, é a chancela de uma autoridade que vai aumentando com o correr dos anos.

Em 9 de Junho, casa na igreja românica de Sant'Abbondio em Como com a *signorina* Enza Pozzoli, contabilista. Percorre de cara levantada, com o seu passo, lento e rítmico, de nobre claudicante, por entre os raios de luz que descem das janelas geminadas, o tapete vermelho que conduz ao altar, ao longo da emoção dos presentes. A esposa reúne-se a ele pouco depois junto ao altar, com um chapéu de flores de grandes abas, da loja Fontana, de Como.

À saída o casal entra para um Bugatti vermelho de 8 cilindros, conduzido por um motorista numa indumentária de couro, que leva a mão à pala, antes de abrir a porta de trás. Destino: Lido de Veneza e Trieste redimida e regressada à Itália.

Em 22 de Novembro de 1925, nasce o primogénito, a quem é posto o nome de Vittorio. Nos sete anos que se seguem mais dois filhos, Francesco e Aurelio. Em 10 de Fevereiro de 1934 uma filha, Amalia, que antes da puberdade descobrirá ser em Bellagio “a *signorina* Terzaghi” e viverá o resto dos seus dias com este orgulho.

A mulher pedirá, em 3 de Março de 1937, a separação de quartos. Pretexto oficial: o ressonar ininterrupto dele até aos primeiros alvares da madrugada. Mas causa provavelmente mais verdadeira: a impetuosidade insaciável dele, a que ela alude com um pudor não isento de um terror agradado. Ao que parece, segundo confissões suas muito posteriores, não

haveria acordo entre eles, até porque ela se declarava “incuravelmente” romântica. O ideal dela no cinema era Charles Boyer e em Bellagio o coronel Tarabini, irrepreensível no beija-mão e sapientemente alusivo nas suas divagações poéticas sobre as brumas do lago e os seus contrastes cromáticos nas mudanças de estação.

Em 26 de Junho de 1938, a mulher, em férias em Barni com os filhos, regressa inopinadamente a casa a meio da tarde, avisada por uma carta anónima, e surpreende-o na cama, nu, com o quarto na penumbra, sob o corpo branco e meneante, os cabelos soltos à frente do rosto, da nova secretária. A bengala está poisada sobre a poltrona junto da mesinha de cabeceira. Ele esboça uma justificação desesperada, sugerindo que as aparência iludem, mas o dedo esticado dela seguido da imprecação “desgraçado!” antes de se afundar em soluços numa poltrona da sala convence-o a vestir-se a toda a pressa, imitado pela amiga aterrorizada.

Quando os passos precipitados desta se desvanecem nas escadas, simulará com um gemido não conseguir levantar-se, mas a mulher não se moverá da poltrona. Por fim, num arranco patético com a perna esticada, entrará na sala e jurará que foi a primeira e a última vez.

– Perjuro! – grita ela, agitando a carta.

Ele deixa cair no chão a bengala de mogno, com uma angústia desarmada que ela, dez anos mais tarde, descreverá à filha, por sua vez enganada pelo marido. E apoia a fronte, já sem a bengala, à estante de nogueira.

Na noite do mesmo dia regressam de automóvel a Barni. Passarão dois meses antes que ela volte a recebê-lo no leito. Os encontros com a amiga recomeçarão

pelo contrário passados onze dias, num hotel de Brunate, as janelas escancaradas sobre o declive, escarpado e íngreme, do funicular.

Em 18 de Dezembro de 1941 adquire a Villa Molza sobranceira a Limonta, com uma fachada neo-clássica de colunas dóricas, obra de Mello, e a casa de hóspedes escondida no meio dos castanheiros. Quantas vezes em rapaz, descendo de bicicleta a estrada de Onno, não desmontou do selim para a poder admirar, a cabeça enfiada por entre as barras. “Agora posso morrer”, disse num momento de melancolia, entre os protestos de quem o ouvia, frase essa que será recordada como um pressentimento.

Em 29 de Setembro de 1942, jantando com amigos no restaurante La Conca de Bellagio, contrai uma afecção intestinal que lhe é diagnosticada como benigna. Demasiado tarde, o seu médico assistente, o Dr. Luigi Parravicini, de Moltrasio, determina o internamento no hospital Sant’Anna de Como, por suspeitar de tifo abdominal.

Numa remissão temporária da febre pede para ver o seu notário, o Dr. Ernesto Pontieri, de Magreglio, e, na luz crepuscular do quarto, dita-lhe novas disposições para o testamento. Acrescenta num codicilo o legado de dois apartamentos em Colico à sua amiga. E deixa instruções precisas para o anúncio necrológico (onde não quer que se escreva “inválido de guerra”), as exéquias e o jazigo, quase um presságio da morte quatro dias depois, em 24 de Outubro de 1942, a primeira noite em que Milão foi bombardeada.

Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa da revista ou dos autores, e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

© Agradecimentos e direitos dos contos incluídos neste número:  
"Os Destruidores" (in "Twenty One Stories") © Graham Greene;  
"Performance" (in "Karafaraum É Uma Nação") © Assírio e Alvim,  
é publicado com a amável autorização da editora Assírio e Alvim;  
"A Bengala de Mogno" (in "Vite di uomini non illustri") © 1993  
Mondadore Editore, Milano.

Foram feitos os esforços para localizar todos os titulares de direitos ainda em vigor. *Ficções* agradece as informações que lhe sejam enviadas sobre eventuais omissões ou erros, que serão corrigidos num próximo número da revista.



### FICÇÕES nº 1 (1º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anron Tchekov | Italo Svevo |  
Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão |  
Pedro Mexia

### FICÇÕES nº 2 (2º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria  
Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

### FICÇÕES nº 3 (1º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzatti |  
Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís  
Peixoto

### FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anron Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímir  
Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice  
Lispector | John Updike | David Lodge

### FICÇÕES nº 4 (2º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret  
Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

### FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans  
Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez |

### FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich  
Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody  
Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre  
Dubus | Kazuo Ishiguro

### FICÇÕES nº 6 (2º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímir  
Nabókov | Natalia Ginzburg | Kostas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

### FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K.  
Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring  
Lardner | Dezsó Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mario  
Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

### FICÇÕES nº 7 (1º semestre de 2003)

Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Georges  
Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

### FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)

Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena | Ingeborg Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria Velho da Costa

### FICÇÕES nº 8 (2º semestre de 2003)

Ramalho Ortigão | Villiers de L'Isle-Adam | Elisabeth Bishop | Ray Bradbury | Doris Lessing | Augusto Abelaira | José Rodrigues Miguéis

### FICÇÕES nº 9 (1º semestre de 2004)

Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas | Cesare Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino | Robert Coover | Óscar de Sá | Artur Manuel Pires

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para: [contos-leitores@ficcoes.net](mailto:contos-leitores@ficcoes.net)

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão online no site [www.ficcoes.net](http://www.ficcoes.net)

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contactos.

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

**Tinta Permanente**  
**Av. Infante D. Henrique, 71**  
**9500-150 Ponta Delgada**

Poderá também fazer o seu pedido por e-mail, para:

**[assinaturas@ficcoes.net](mailto:assinaturas@ficcoes.net)**

Neste caso, deve fazer o seu pagamento através de depósito na conta nº 016001000036065000306, (indicando na transferência o seu nome e a menção “assinatura”).

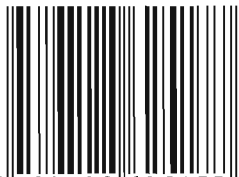
|                                       |                 |
|---------------------------------------|-----------------|
| <b>Assinatura anual (3 números):</b>  | <b>24 Euros</b> |
| <b>Assinatura 2 anos (6 números):</b> | <b>40 Euros</b> |
| <b>Números atrasados (cada):</b>      | <b>6 Euros</b>  |



Este número temático da *Ficções* abre com o trepidante *A Morte do Lidador*, de Alexandre Herculano. O fronteiro de Beja faz noventa e cinco anos e apetece-lhe uma festa de aniversário diferente... Porque não, para variar, uma incursão por terras da mourama? Atmosfera bem diferente, esta declaradamente paródica, é a de *Narrativa Sombria, Mais Sombrio Narrador*, de Villiers de L'Isle-Adam, em tradução de Manuel Resende. Aqui, é a arte (de representar) um duelo e as fronteiras sempre móveis entre o teatro e a vida que estão em jogo. Isabel Pedro dos Santos traduziu o extraordinário *Mary Postgate*, de Rudyard Kipling, um conto forte, subterrâneo e imensamente sugestivo, de frustração e vingança. William Carlos Williams escreveu *O Uso da Força*, uma pequena pérola de pujança e reflexão sobre um momento, ao mesmo tempo banal e arquetípico, em que se tornam visíveis os paradoxos da necessidade do uso da força. O texto do escritor soviético Andrei Platónov, *O Regresso*, em tradução de António Pescada, descreve o canónico regresso do soldado a casa depois da guerra, para encontrar e estranhar a família que o estranha a ele. Mas a escrita de Platónov não tem mais nada de canónico: e a atenção ao pormenor signifiante, a comoção extrema com as coisas pequenas e a compaixão valeram-lhe a séria animosidade de Estaline. Graham Greene afunda-nos, em *Os Destruidores* (tradução de José Lima) num universo de pesadelo frio absolutamente real. O nosso José Martins Garcia, hoje muito injustamente desleixado, publicou em 1974 uma colecção de histórias sobre a guerra colonial *Katafaraum é uma Nação*. O conto *Performance* relata, com humor e rigor, o pesadelo de um homem que, chegado a um aquartelamento na selva, não tem cama onde dormir. E a *Ficções* termina com *A Bengala de Mogno*, a história de um “inválido de guerra”, em tradução de José Lima, do italiano Giuseppe Pontiggia, autor de *Vidas de Homens Não Ilustres*.

ISSN 0874-9434

ISBN 972-8625-17-0



9 789728 625177